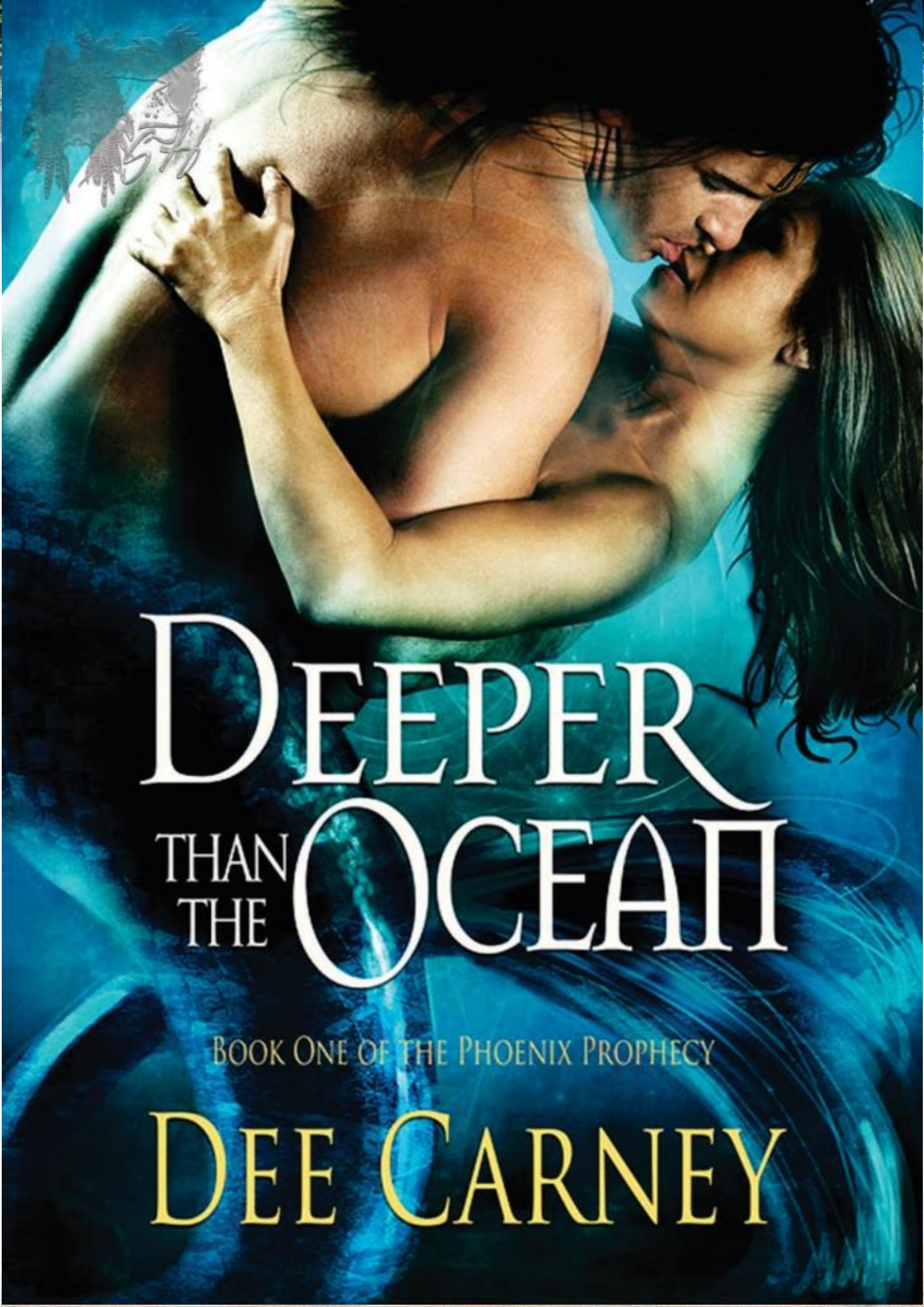


A romantic couple is shown from the chest up, embracing and kissing underwater. The man is on the left, and the woman is on the right. They are both looking at each other. The background is a deep blue with some light rays and bubbles. The woman has long dark hair and a tattoo on her shoulder. The man has short dark hair and a tattoo on his neck.

DEEPER THAN THE OCEAN

BOOK ONE OF THE PHOENIX PROPHECY

DEE CARNEY



OUTUBRO PAVOROSO

Equipe Shifter

TRADUÇÃO

Carla R. e \$ilvia H.

REVISÃO

Virginia X.

L. F. e FORMATAÇÃO

Bec Devereaux Monteiro



Essa tradução foi feita pelo grupo Shifter's Homeland, de forma a proporcionar ao leitor o acesso à obra, motivando-o a adquirir o livro físico ou no formato e-book. O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros destina-se, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho do grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.



Nunca comente com o autor ou seus conhecidos que leu o livro do mesmo em português, e muito menos envie o arquivo ou cite o nome do grupo que fez a tradução.

Se você quer continuar a ter acesso aos livros que não tem nenhuma previsão de lançamento no Brasil, mantenha sua boca e dedos calados.

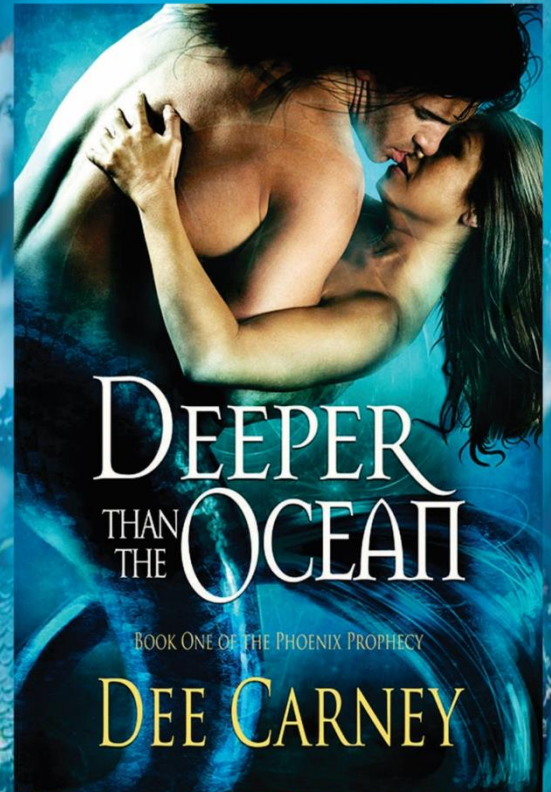
Repeite o nosso trabalho voluntário e se realmente quiser ajudar o autor, compre um livro dele para contribuir, os autores vivem disso e temos que a fazer nossa parte. Você pode adquirir no formato ebook em vários sites oficiais, assim vai ajudar o grupo e aos nossos amados autores.

Não publique nossas traduções em Sites, Wattpad, Facebook, Blogger ou qualquer lugar público na internet.

Faça sua parte e terá leitura por muito tempo!

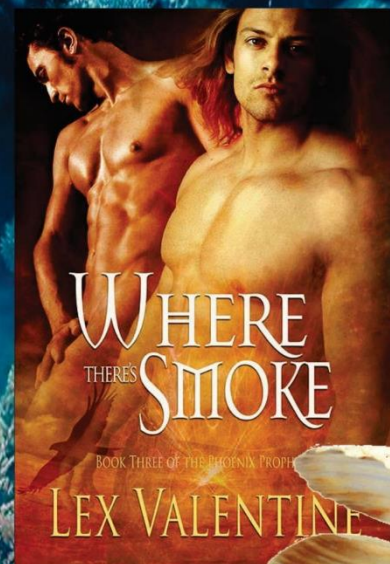


Lancamento



*Shifter's
Homeland*

Proximos

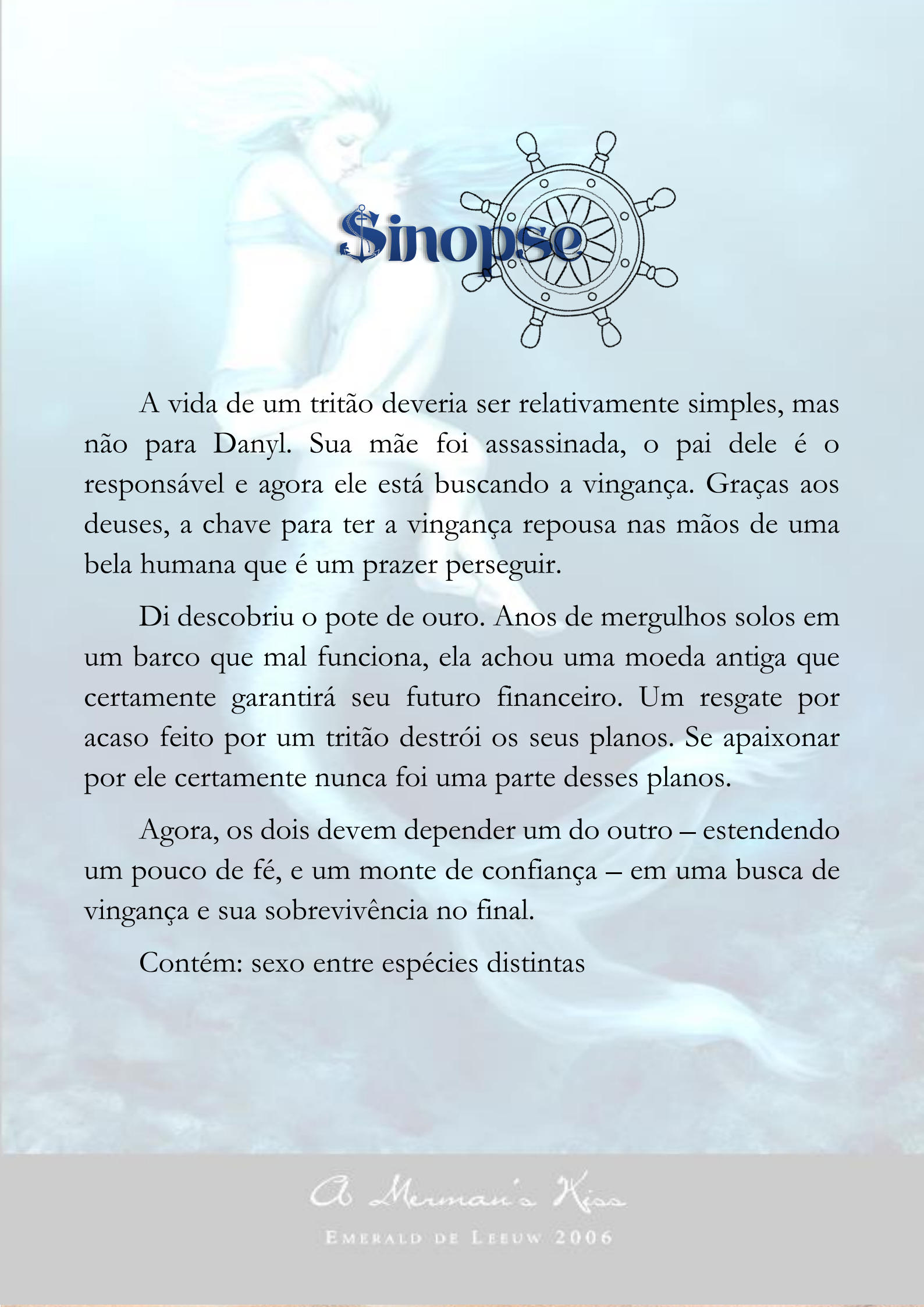




Sumario

Sinopse	7
Prólogo	8
Capítulo Um	12
Capítulo Dois	20
Capítulo Tres	28
Capítulo Quatro	35
Capítulo Cinco	42
Capítulo Seis	50
Capítulo Sete	57
Capítulo Oito	64
Capítulo Nove	72
Capítulo Dez	79
FIM	84





Sinopse

A vida de um tritão deveria ser relativamente simples, mas não para Danyl. Sua mãe foi assassinada, o pai dele é o responsável e agora ele está buscando a vingança. Graças aos deuses, a chave para ter a vingança repousa nas mãos de uma bela humana que é um prazer perseguir.

Di descobriu o pote de ouro. Anos de mergulhos solos em um barco que mal funciona, ela achou uma moeda antiga que certamente garantirá seu futuro financeiro. Um resgate por acaso feito por um tritão destrói os seus planos. Se apaixonar por ele certamente nunca foi uma parte desses planos.

Agora, os dois devem depender um do outro – estendendo um pouco de fé, e um monte de confiança – em uma busca de vingança e sua sobrevivência no final.

Contém: sexo entre espécies distintas

A Merman's Kiss

EMERALD DE LEEUW 2006



A Fênix surgiu das chamas, o odor de penas queimadas ardeu o nariz de Ancelin. A escuridão a envolvia fortemente, a única luz vinha da estranha oscilação da Fênix e do fogo. Ele tentou mover seus membros, nada. Consciência inundou seu cérebro quando a luz da Fênix brilhou mais.

—Estou sonhando. — Ele disse.

—É claro. — A Fênix replicou, embora seu bico nunca se moveu.

—Isto é uma profecia. — O coração de Ancelin retumbou.

Em todos esses anos ele tinha estado acasalado com Nix, sua fênix conduziu suas profecias sem nunca o tocar. Toda noite ele dormia ao lado dela e sabia que ela sonhava com o destino dos outros. No entanto, nenhuma vez ela sonhara com ele. Nesta noite, o mundo conforme ele conhecia mudou sobre os eixos quando a fênix – a alma dela– veio a ele enquanto ele dormia.

—Você não precisa de explicações, Ancelin. — A Fênix falou a ele. —Você sabe que eu disse o que você virá a passar. —

Ancelin poderia ser um semi-Deus, mas o poder da Fênix estava além do seu controle. —Apenas me diga e termine com isso. — Ele gritou arrogantemente, não querendo admitir o medo infiltrando em seu coração.





As chamas da Fênix queimaram mais intensamente, a imagem ficando mais brilhante. — Suas transgressões serão o veículo de seu fim, Ancelin. A dor que você causou aos outros irá virar contra você. A trindade o destruirá, e você não mais existirá. Seu destino está em sua mão.

Ancelin engoliu em seco. Se ele fosse capaz de sentir seus membros, ele saberia que eles estavam tremendo. A profecia da Fênix nunca poderia ser revertida. Sempre se cumpria.

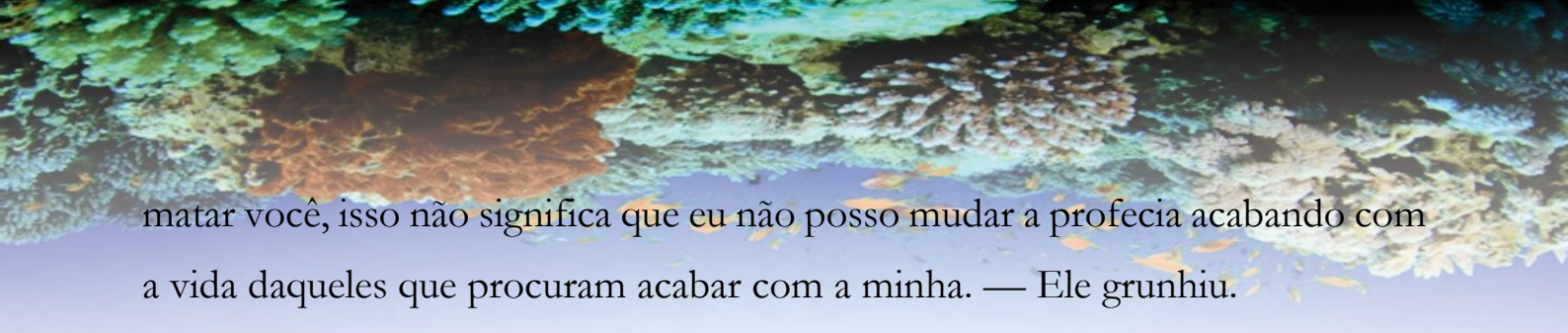
A voz da Fênix ficou fria desdenhosa. —Três a três você usou para seus próprios fins. Três vezes você quebrou seus votos. Sua força vital será o pagamento por suas transgressões, e três mãos trarão sua morte. Com sua morte, novas vidas nascerão por aquelas que você destruiu. Com seu sangue, o círculo será reparado. Isso está decretado.

Com um sobressalto, Ancelin acordou, arfando. Ao lado dele, o cabelo flamejante de sua companheira estava imóvel como mármore, mal respirando. Raiva o encheu, e ele considerou se poderia quebrar a profecia matando-a enquanto dormia.

Suas pálpebras tremelicaram. —Você não tem a habilidade para apagar as chamas da Fênix, Ancelin. — Ela murmurou, seus olhos turquesas o olharam entediados enquanto sentava-se na cama.

Erguendo-se, Ancelin enrolou o lençol de seda em volta de seu quadril. Ele olhou para sua companheira, sentada no colchão largo, com a pele nua brilhando à luz da lua. — Isso é o que você pensa. E mesmo se eu não puder





matar você, isso não significa que eu não posso mudar a profecia acabando com a vida daqueles que procuram acabar com a minha. — Ele grunhiu.

—Eu não sonhei isso de proposito, meu senhor. — As palavras de sua companheira eram indiferentes, mas respeitáveis.

Ele se dirigiu ao banheiro, com fúria nos passos. —Você fez, Nix. Você sabia que eu era infiel, e isso é sua punição.

Ela balançou a cabeça, os cachos de ouro vermelho caindo em torno de seus ombros. — Ancelin, você sabe que eu não tenho controle sobre os sonhos, sobre a Phoenix ...

—Foda-se. Eu sempre soube que você era uma vadia de coração frio. Por que você acha que eu procurei o conforto em outras? — Ancelin zombou. Ele entrou no banheiro e bateu a porta.

Deixada sozinha, Nix se levantou da cama. A luz da lua mostrou sua forma perfeita ao atravessar a sala para um escritório. De uma pequena gaveta, ela retirou um pequeno espelho com uma moldura dourada moldada como uma fênix.

Essa escovou seus dedos sobre o vidro e uma visão apareceu no objeto oval. Um jovem homem com um cabelo negro e olhos de prata observando o oceano, o movimento das ondas. Nix tocou no espelho onde estava o braço dele, e ele se encolheu. Lá em sua pele apareceu uma marca da fênix. Ele piscou em estado de choque e olhou para a tatuagem semelhante a uma obra de arte que circulava seu bíceps.





Nix passou a palma da mão sobre o espelho e a visão mudou. Desta vez, dois homens, obviamente gêmeos, um moreno e outro claro, materializados no espelho. Eles estavam na floresta olhando para a lua. A ponta do dedo de Nix tocou o espelho, no lado direito do peito, depois no lado esquerdo do outro. Ambos se encolheram conforme as linhas negras tribais, a marca da fênix, desenhava-se sobre suas peles.

Novamente, Nix passou a palma da mão sobre o espelho. Ela fechou os olhos por um momento, um espasmo de dor passou sobre suas bonitas características. Abrindo os olhos, ela viu a imagem de um homem com um cabelo tão branco quanto a lua, seus olhos brilhando como azeviche¹. Ele estava ao lado de um fogo, o rosto virado para ela. A ponta de seu dedo tocou gentilmente o espelho, como se ela realmente tocasse o lado de sua garganta. Ao contrário de seus irmãos, não mostrou choque em seu rosto. Em vez disso, seus olhos pareciam penetrar nos dela.

Ela passou a mão sobre o espelho, e ele escureceu. Colocando-o no lugar, ela retornou para a cama que compartilhou com Ancelin pelo último século. Uma cama sem amor. Um acasalamento sem amor. Tão logo a profecia se realize ela seria livre. Ancelin pensou que ele poderia quebrar isso. Nix sabia que era possível em certas circunstâncias, mas estava determinada a não deixar acontecer desta vez. A Fênix venceria. Isso quase sempre aconteceu. E desta vez, se ela quisesse sobreviver, venceria.

¹ Azeviche, no inglês Jet, é o nome de uma espécie de carvão tão duro e uniforme que pode ser esculpido e polido de modo a parecer vidro negro. É utilizado para fabricar botões e joias de fantasia.





Capítulo Um

Danyl usou os poderosos músculos de sua cauda para poder nadar através da água. Ele não iria os deixar ver sua decepção. Ou sua raiva.

Outro ritual de emparelhamento e outra humilhação que ele tinha sido forçado a viver.

Juntamente com todo o resto que ele tinha passado recentemente, ele não sabia o quanto mais poderia aguentar.

— Danyl, espere!

Claro. Ele não teve que virar para reconhecer o dono da voz. Ninguém mais teria trabalho de o procurar.

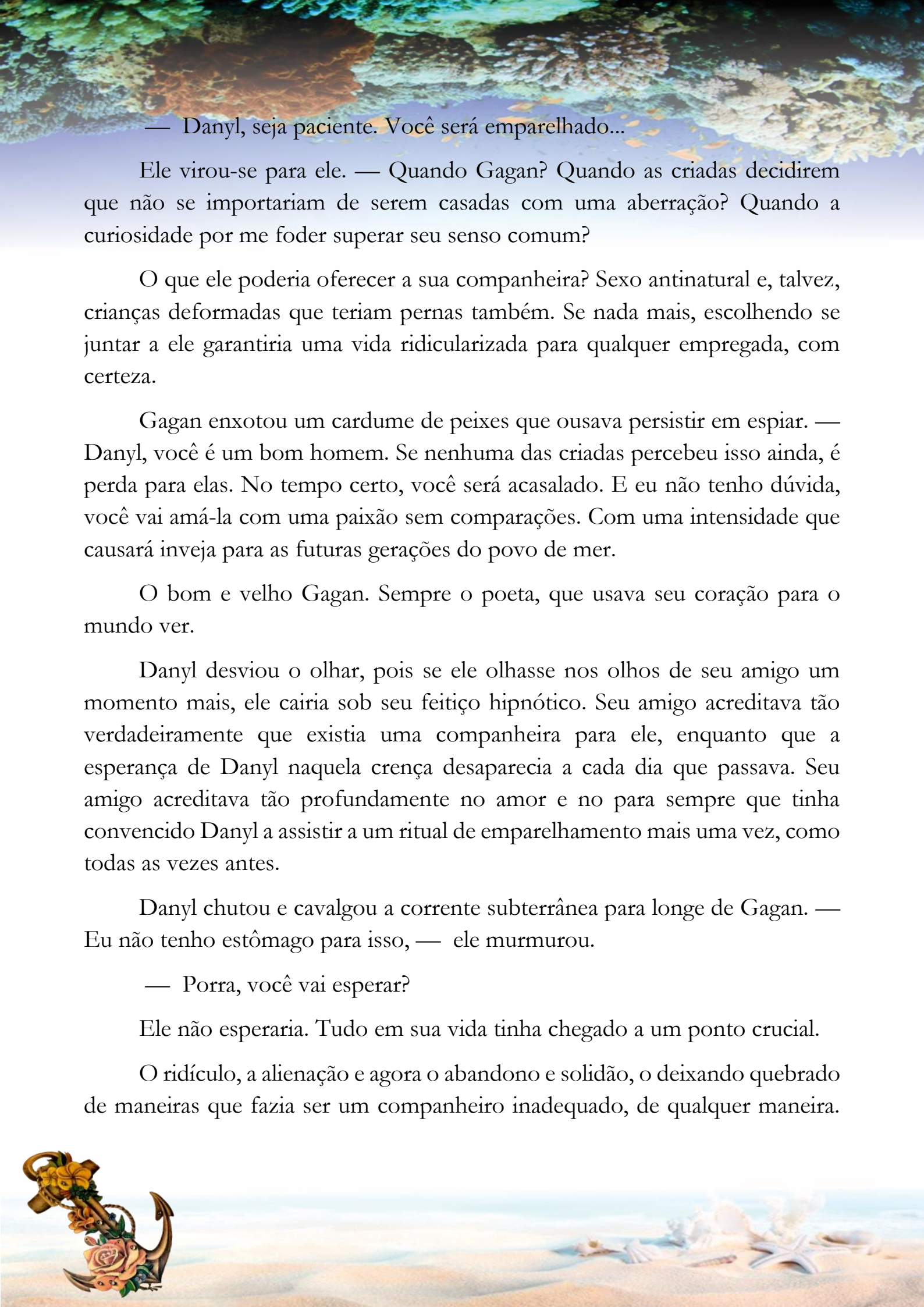
Ele diminuiu a velocidade o suficiente para Gagan o alcançar. Ele permaneceu virado para frente embora.

Se tivesse que olhar para a pele luminescente de seu melhor amigo ou a perfeição prateada que ele era agora, vomitaria. As únicas coisas que realmente eram prata nele eram os olhos. Claro, eles não eram muito naturais. Cada outro Mer tinha olhos azuis hipnotizantes.

Nenhum ponto em mencionar sua própria cauda, que durante anos tivera o hábito decepcionante de se tornar pernas sem aviso até que ele tinha aprendido a controlar. Pernas. Quem no Hades tinha necessidade de ter pernas humanas debaixo d'água?

— O quê? — Ele rosnou, forçando o oceano frio através de seu conjunto de guelras. Apesar de estar localizado na parte de trás de sua garganta, ele podia sentir a onda na água com o esforço. Outra coisa que o prejudicou sobre não ser exatamente como os outros. Para eles, a respiração era apenas mais um ato natural. Para ele, era uma agonia continua.





— Danyl, seja paciente. Você será emparelhado...

Ele virou-se para ele. — Quando Gagan? Quando as criadas decidirem que não se importariam de serem casadas com uma aberração? Quando a curiosidade por me foder superar seu senso comum?

O que ele poderia oferecer a sua companheira? Sexo antinatural e, talvez, crianças deformadas que teriam pernas também. Se nada mais, escolhendo se juntar a ele garantiria uma vida ridicularizada para qualquer empregada, com certeza.

Gagan enxotou um cardume de peixes que ousava persistir em espiar. — Danyl, você é um bom homem. Se nenhuma das criadas percebeu isso ainda, é perda para elas. No tempo certo, você será acasalado. E eu não tenho dúvida, você vai amá-la com uma paixão sem comparações. Com uma intensidade que causará inveja para as futuras gerações do povo de mer.

O bom e velho Gagan. Sempre o poeta, que usava seu coração para o mundo ver.

Danyl desviou o olhar, pois se ele olhasse nos olhos de seu amigo um momento mais, ele cairia sob seu feitiço hipnótico. Seu amigo acreditava tão verdadeiramente que existia uma companheira para ele, enquanto que a esperança de Danyl naquela crença desaparecia a cada dia que passava. Seu amigo acreditava tão profundamente no amor e no para sempre que tinha convencido Danyl a assistir a um ritual de emparelhamento mais uma vez, como todas as vezes antes.

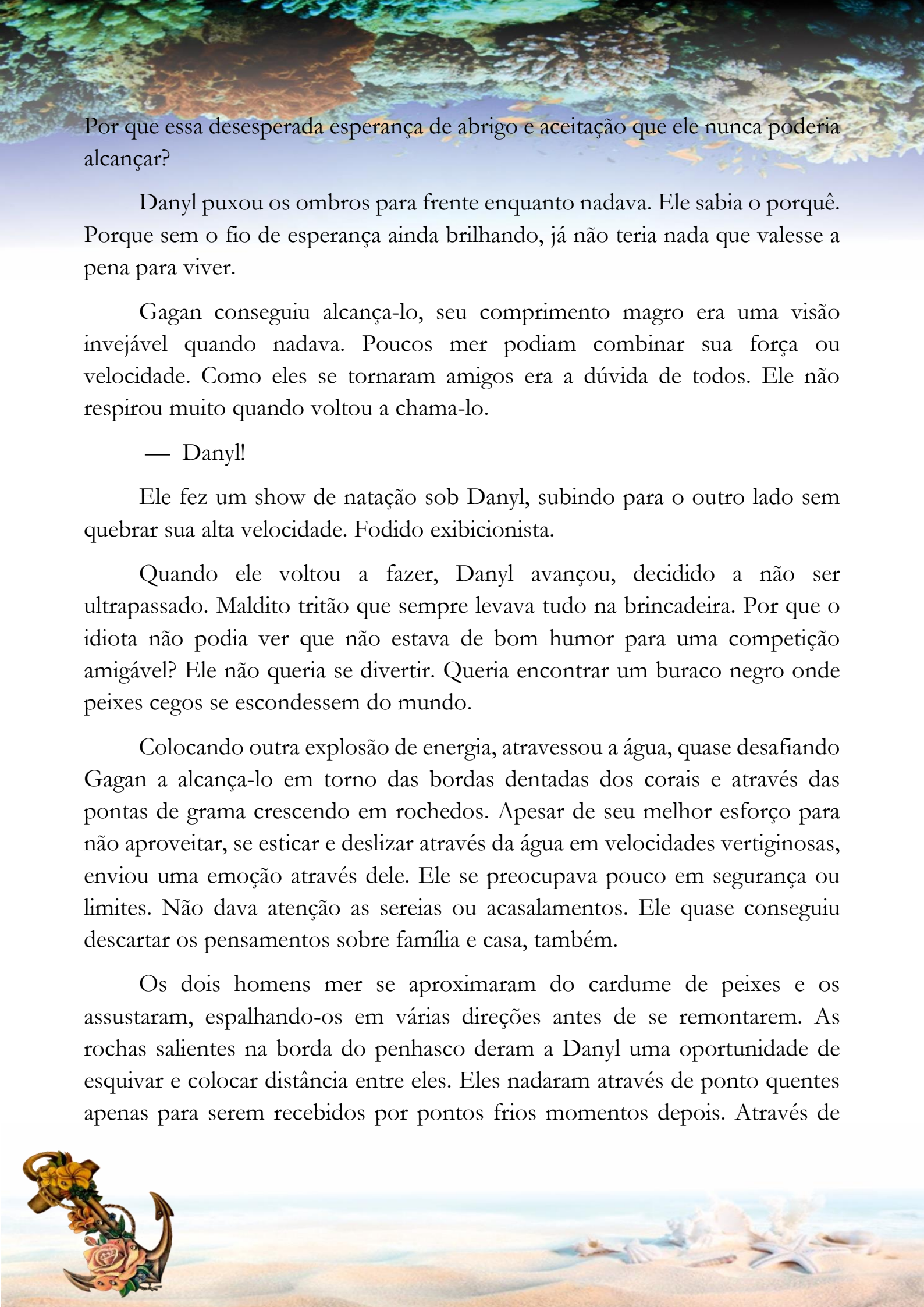
Danyl chutou e cavalgou a corrente subterrânea para longe de Gagan. — Eu não tenho estômago para isso, — ele murmurou.

— Porra, você vai esperar?

Ele não esperaria. Tudo em sua vida tinha chegado a um ponto crucial.

O ridículo, a alienação e agora o abandono e solidão, o deixando quebrado de maneiras que fazia ser um companheiro inadequado, de qualquer maneira.





Por que essa desesperada esperança de abrigo e aceitação que ele nunca poderia alcançar?

Danyl puxou os ombros para frente enquanto nadava. Ele sabia o porquê. Porque sem o fio de esperança ainda brilhando, já não teria nada que valesse a pena para viver.

Gagan conseguiu alcançá-lo, seu comprimento magro era uma visão invejável quando nadava. Poucos mer podiam combinar sua força ou velocidade. Como eles se tornaram amigos era a dúvida de todos. Ele não respirou muito quando voltou a chama-lo.

— Danyl!

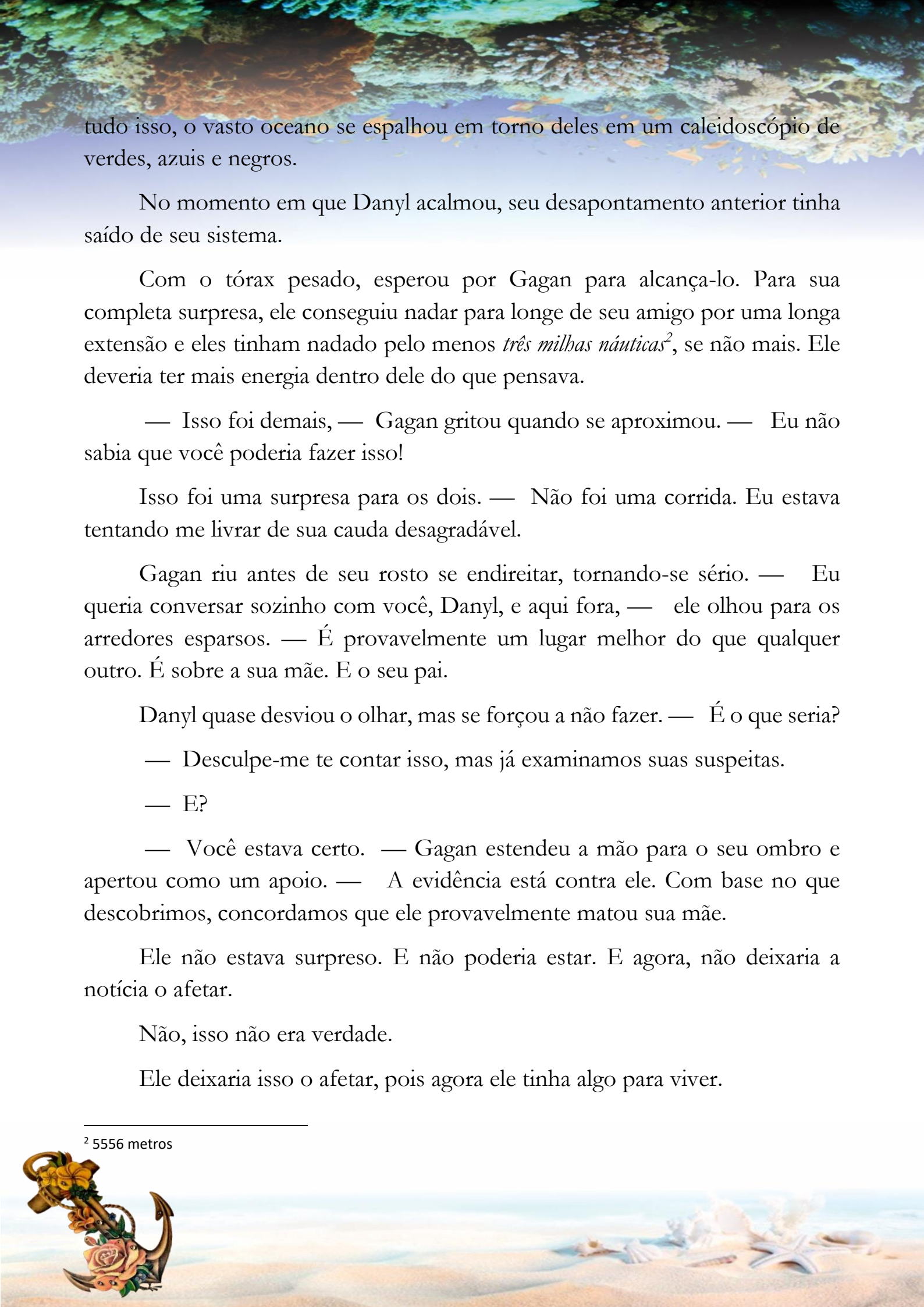
Ele fez um show de natação sob Danyl, subindo para o outro lado sem quebrar sua alta velocidade. Fodido exibicionista.

Quando ele voltou a fazer, Danyl avançou, decidido a não ser ultrapassado. Maldito tritão que sempre levava tudo na brincadeira. Por que o idiota não podia ver que não estava de bom humor para uma competição amigável? Ele não queria se divertir. Queria encontrar um buraco negro onde peixes cegos se escondessem do mundo.

Colocando outra explosão de energia, atravessou a água, quase desafiando Gagan a alcançá-lo em torno das bordas dentadas dos corais e através das pontas de grama crescendo em rochedos. Apesar de seu melhor esforço para não aproveitar, se esticar e deslizar através da água em velocidades vertiginosas, enviou uma emoção através dele. Ele se preocupava pouco em segurança ou limites. Não dava atenção as sereias ou acasalamentos. Ele quase conseguiu descartar os pensamentos sobre família e casa, também.

Os dois homens mer se aproximaram do cardume de peixes e os assustaram, espalhando-os em várias direções antes de se remontarem. As rochas salientes na borda do penhasco deram a Danyl uma oportunidade de esquivar e colocar distância entre eles. Eles nadaram através de ponto quentes apenas para serem recebidos por pontos frios momentos depois. Através de





tudo isso, o vasto oceano se espalhou em torno deles em um caleidoscópio de verdes, azuis e negros.

No momento em que Danyl acalmou, seu desapontamento anterior tinha saído de seu sistema.

Com o tórax pesado, esperou por Gagan para alcançá-lo. Para sua completa surpresa, ele conseguiu nadar para longe de seu amigo por uma longa extensão e eles tinham nadado pelo menos *três milhas náuticas*², se não mais. Ele deveria ter mais energia dentro dele do que pensava.

— Isso foi demais, — Gagan gritou quando se aproximou. — Eu não sabia que você poderia fazer isso!

Isso foi uma surpresa para os dois. — Não foi uma corrida. Eu estava tentando me livrar de sua cauda desagradável.

Gagan riu antes de seu rosto se endireitar, tornando-se sério. — Eu queria conversar sozinho com você, Danyl, e aqui fora, — ele olhou para os arredores esparsos. — É provavelmente um lugar melhor do que qualquer outro. É sobre a sua mãe. E o seu pai.

Danyl quase desviou o olhar, mas se forçou a não fazer. — É o que seria?

— Desculpe-me te contar isso, mas já examinamos suas suspeitas.

— E?

— Você estava certo. — Gagan estendeu a mão para o seu ombro e apertou como um apoio. — A evidência está contra ele. Com base no que descobrimos, concordamos que ele provavelmente matou sua mãe.

Ele não estava surpreso. E não poderia estar. E agora, não deixaria a notícia o afetar.

Não, isso não era verdade.

Ele deixaria isso o afetar, pois agora ele tinha algo para viver.

² 5556 metros





Ele precisava permanecer vivo o suficiente para matar seu pai.

...

Di ignorou o suor pendurado em sua testa e enrolou o guincho tão forte e rápido quanto pode. Não seria bom desejar novamente que ela tivesse uma tripulação para fazer o trabalho pesado. Do Anêmona³ do Mar não dava para ter uma melhor visão. E sua ancora estava no fundo do mar.

Ela apertou os dentes e ignorou a contração em seus músculos. A âncora tinha que subir agora, porque ela queria voltar à terra imediatamente. O tempo tinha mudado inesperadamente desde que ela chegou esta manhã e era perigoso permanecer em alto mar.

Além disso, três anos de busca eram demais agora! Verdade, ela não tinha encontrado o verdadeiro objetivo de sua busca, mas se aquela pequena moeda de prata era qualquer indicação, ela estava malditamente próxima.

Água fria e salgada espirrou sobre suas mãos e rosto enquanto trabalhava em subir a âncora. Deveria estar emperrada em algo. Ela deu um passo para trás e puxou a corda de chumbo diretamente para o guincho.

Droga! Seja lá o que fosse onde estivesse enganchado tinha se encaixado bem. Ela não iria a lugar algum a menos que conseguisse desalojá-la. Muito provavelmente, a âncora tinha encontrado um local entre duas rochas e agora fazia o seu final de tarde miserável.

Fez um trabalho rápido em colocar uma máscara e pulou do barco. A temperatura da água era um lembrete instantâneo de por que roupas de mergulho eram um luxo necessário, mas esperava estar fora antes que fizesse muita diferença. Esse desejo não impediu uma erupção imediata de arrepios. Melhor fazer isso rápido. Estava muito *mais* frio do que ela pensava estar.

Nadando em torno da frente do barco, ela localizou o comprimento da corda com facilidade e usou para leva-la para a âncora. Quando chegou ao grande pedaço de metal, seu corpo parecia um grande cubo de gelo. Ela estava

³ Nome dado ao barco da Di.





mais abaixo do que onde o localizador de profundidade indicava que estaria no fundo do oceano. Trabalhando tão rápido como suas mãos entorpecidas permitiam, libertou a pesada âncora e a deixou cair para uma área arenosa. Teria que trabalhar rápido para entrar no barco antes que ele se afastasse, levando a âncora com ele, para um local nada conveniente.

Quando ela começou a subida, viu um movimento, ou o que ela pensou ser um movimento, para o lado. Um pesadelo claustrofóbico, a visão era como olhar dentro de um túnel. Ela teve que virar todo o seu corpo para enfrentar qualquer movimento que pudesse ter tido. Provavelmente algum peixe curioso se perguntando o porquê uma pessoa que precisava de ar teve a coragem de se aventurar abaixo.

Falando nisso, seus pulmões começaram a lembra-la que precisava se mover um pouco mais rápido.

A queimadura lenta poderia ser uma emoção para alguns mergulhadores, mas para ela, em vez disso significava que seu nível de ansiedade subiu.

Talvez fosse a ansiedade. Ou talvez um a privação de oxigênio. Inferno, poderia ter sido o começo de uma hipotermia. Mas quando se voltou para encontrar o movimento, ela poderia ter *jurado* que havia um homem nadando a distância.

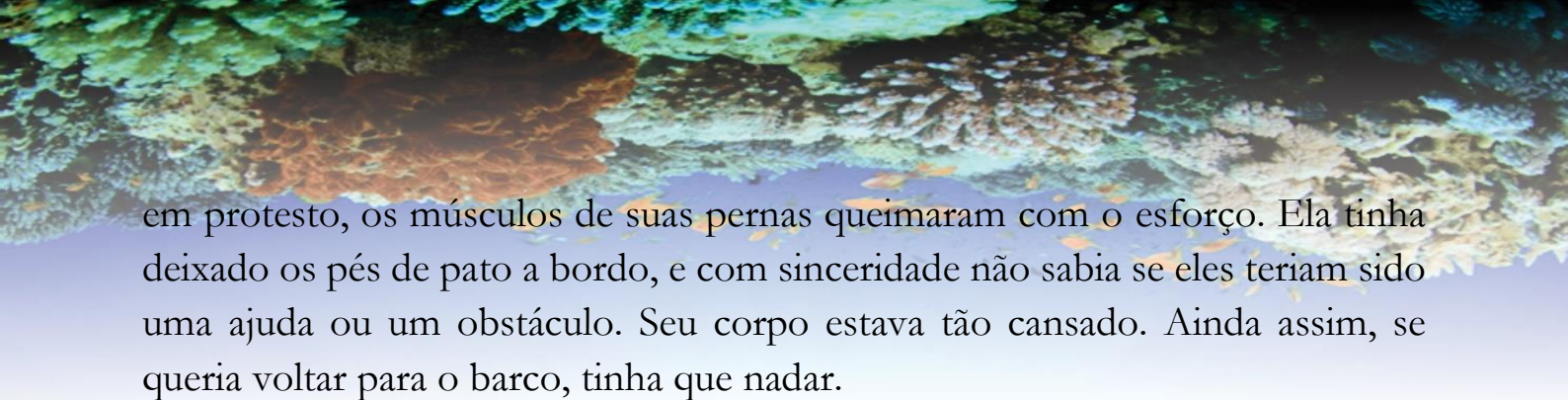
Di piscou duas vezes e apertou os olhos através da condensação formada dentro da máscara. Ele tinha ido embora, mas ela tinha tanta certeza...

Esquece. Pegue a descoberta e volte para a terra. Aquela moeda precisava ser datada e confirmada. Visões de homens nadando debaixo da água indicavam que ela definitivamente precisaria de uma boa *brincadeira no feno*⁴— se fosse assim tão fácil.

Deixando de lado a frustração com sua vida sexual, ela se concentrou no que tinha que ser a sua prioridade agora. Ela chutou as pernas, esperando cortar a água. Em vez de um movimento gracioso e fácil, seus tornozelos gemeram

⁴ Significa ter sexo casual com alguém.





em protesto, os músculos de suas pernas queimaram com o esforço. Ela tinha deixado os pés de pato a bordo, e com sinceridade não sabia se eles teriam sido uma ajuda ou um obstáculo. Seu corpo estava tão cansado. Ainda assim, se queria voltar para o barco, tinha que nadar.

Ela chutou novamente. Nada aconteceu.

Medalhas e troféus de natação se encontravam alinhadas nas paredes de seu apartamento de uma forma gritante, mas agora as pernas dela se sincronizaram como toras de madeira graciosas durante uma corrida no rio, quando tentou fazer algum progresso.

A fadiga era apenas uma parte do problema. Di estava com muito frio também. Ela levou a mão para a máscara e notou o tom azul que delineava as unhas.

Seus pulmões queimaram. Seu corpo se recusava a ganhar velocidade. Os arrepios a cobriam totalmente. Ela estava debaixo d'água com apenas uma máscara e nenhum de seus equipamentos de mergulho.

Portanto, não era um bom lugar para se estar.

Nada de pânico. Ela voltaria para dentro do barco em pouco tempo. Concentre-se em uma coisa de cada vez. Não havia nada que pudesse fazer sobre o ar, mas ela poderia chutar suas pernas.

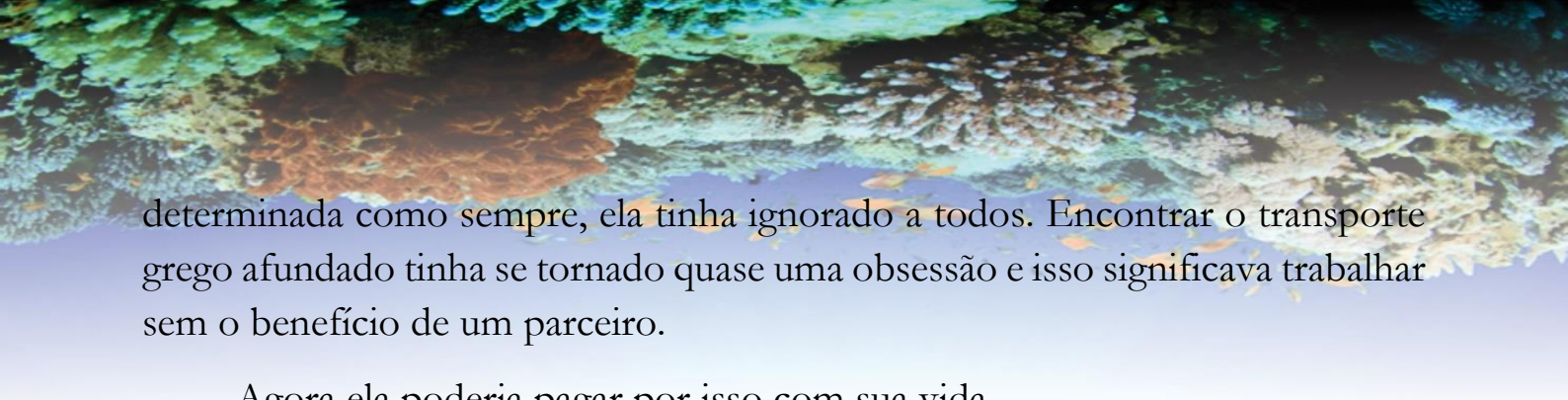
Ela faria, maldição.

Lá. Um pequeno chute, mas era um chute. Ela só precisava fazê-lo novamente e em pouco tempo, ela chegaria ao barco, certo?

Di olhou para cima e apesar de suas instruções para si mesma, o pânico disparou através dela.

A superfície estava muito mais longe do que pensava ser possível. Oh, Deus... Todas as advertências de sua amiga sobre estar em um barco sozinha voltaram para assombrar naquele momento. Os mergulhadores trabalhavam em pares, disseram-lhe. Os marinheiros sabiam melhor do que sair sozinhos. Mas





determinada como sempre, ela tinha ignorado a todos. Encontrar o transporte grego afundado tinha se tornado quase uma obsessão e isso significava trabalhar sem o benefício de um parceiro.

Agora ela poderia pagar por isso com sua vida.

A mancha na frente de seus olhos apareceu em uma variedade de cores, seu cérebro desesperado e evocando mais lembretes de *hey, algum ar seria bom*. Fechando as pálpebras, queria chorar, mas ela chutou fracamente mais uma vez. Se alguma coisa aconteceu foi o seu corpo indo para baixo em vez de para cima.

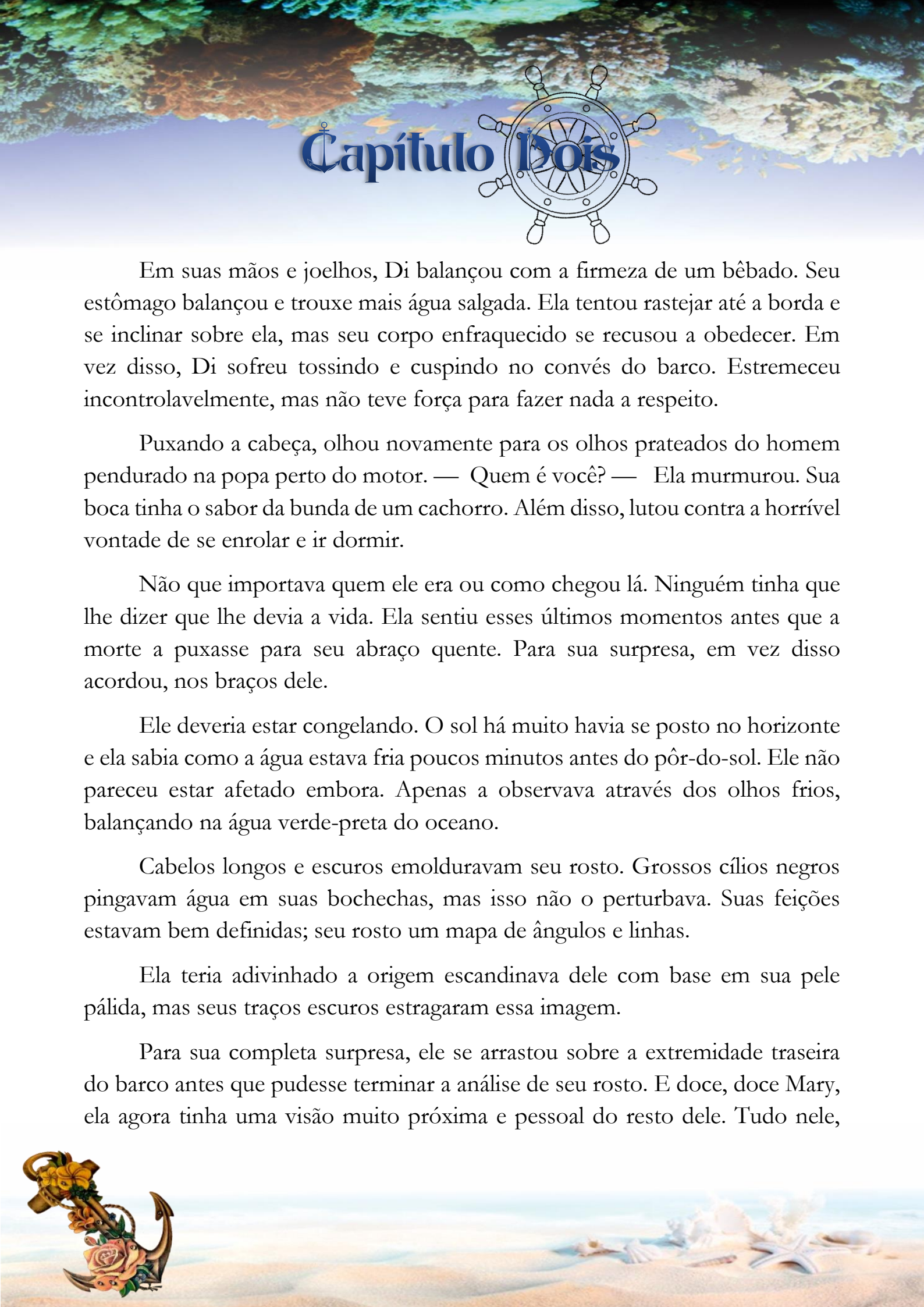
Ela não ia morrer assim. Assim não!

Di chutou de novo, mas não podia dizer se ela se movia, porque não sentia mais as suas pernas.

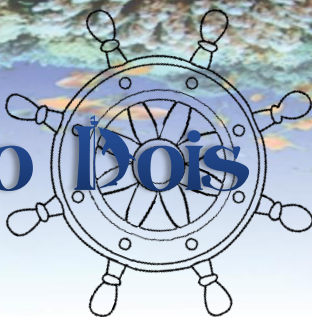
Os pensamentos da *Anêmona do Mar*, a moeda de prata e os objetivos de sua vida filtraram através de sua mente. Por algum motivo, ela pensou naquele homem que estava nadando debaixo d'água com ela há alguns minutos.

E então não pensou em mais nada.





Capítulo Dois



Em suas mãos e joelhos, Di balançou com a firmeza de um bêbado. Seu estômago balançou e trouxe mais água salgada. Ela tentou rastejar até a borda e se inclinar sobre ela, mas seu corpo enfraquecido se recusou a obedecer. Em vez disso, Di sofreu tossindo e cuspiendo no convés do barco. Estremeceu incontrolavelmente, mas não teve força para fazer nada a respeito.

Puxando a cabeça, olhou novamente para os olhos prateados do homem pendurado na popa perto do motor. — Quem é você? — Ela murmurou. Sua boca tinha o sabor da bunda de um cachorro. Além disso, lutou contra a horrível vontade de se enrolar e ir dormir.

Não que importava quem ele era ou como chegou lá. Ninguém tinha que lhe dizer que lhe devia a vida. Ela sentiu esses últimos momentos antes que a morte a puxasse para seu abraço quente. Para sua surpresa, em vez disso acordou, nos braços dele.

Ele deveria estar congelando. O sol há muito havia se posto no horizonte e ela sabia como a água estava fria poucos minutos antes do pôr-do-sol. Ele não pareceu estar afetado embora. Apenas a observava através dos olhos frios, balançando na água verde-preta do oceano.

Cabelos longos e escuros emolduravam seu rosto. Grossos cílios negros pingavam água em suas bochechas, mas isso não o perturbava. Suas feições estavam bem definidas; seu rosto um mapa de ângulos e linhas.

Ela teria adivinhado a origem escandinava dele com base em sua pele pálida, mas seus traços escuros estragaram essa imagem.

Para sua completa surpresa, ele se arrastou sobre a extremidade traseira do barco antes que pudesse terminar a análise de seu rosto. E doce, doce Mary, ela agora tinha uma visão muito próxima e pessoal do resto dele. Tudo nele,





começando com os ombros largos e o torso esculpido, até a lindo pênis entre as coxas musculosas.

Respire mulher. Você já viu um pênis antes. Mas, oh, meu Deus...

Seu calafrio tornou-se secundário à necessidade imediata de se levantar e afastar-se... Ou aproximar-se, dependendo de várias coisas.

— O que você está fazendo?

Ele pisou na bagunça que ela tinha feito e passou por ela. Não andou exatamente. Ele tropeçava pelo caminho, mais trêmulo do que ela. O trilho de segurança do barco que ele agarrou o manteve de pé.

Ótimo. Seu salvador não podia andar sem tropeçar nos próprios pés. — Hey, — ela chamou, conseguindo ficar em uma nova posição que a deixava ver o que ele estava fazendo. — Onde você acha que vai?

Ela tinha uma visão tentadora de suas costas quando ele se agachou dentro da cabine. Seu arrepio tinha diminuído um pouco, mas suas estúpidas pernas ainda se recusavam a ajuda-la se aproximar.

No momento em que ele saiu um minuto depois, estava dolorida pelo esforço de se mover. Esperava que ele só planejasse roubá-la, porque se tentasse algo mais, duvidava que teria forças para pará-lo.

Sua boca caiu aberta quando ela espiou o pacote em seus braços. Ele ainda cambaleou, mas se dirigiu a ela e deixou cair o cobertor sobre seus ombros. — Seja mais cuidadosa da próxima vez. — Ele murmurou.

Com as mãos trêmulas, ela afundou no cobertor. — Obrigada, — ela disse com uma dor de desejo e um nó na garganta. Quem sabia que um cobertor poderia ser tão bom? Talvez ela se curvasse debaixo dele, bem aqui. Apenas uma soneca.

Ela forçou os olhos a abrir quando ele abaixou o queixo e se levantou. Olhou para cima atempo de o ver lançar as pernas sobre a borda do barco e se empurrar para fora. Mas não antes de ela ver a sombra de um sorriso nele.



...

Danyl nunca tinha visto um deles de perto. Um humano. Um humano real, com a honra dos deuses um humano tinha estado em seus braços.

Ele nunca conheceu Ancelin, seu semideus pai, embora sua mãe dissesse que se parecia com ele. Quando ela estava viva, falou de Ancelin com um olhar distante, apesar dos muitos anos que eles tiveram separados. Tinha sido um caso breve, mas ela o amava com a força de um furacão. Danyl nunca tinha entendido a paixão que ela ainda sentia pelo seu pai, mas depois de segurar aquela mulher, começou a ter uma ideia.

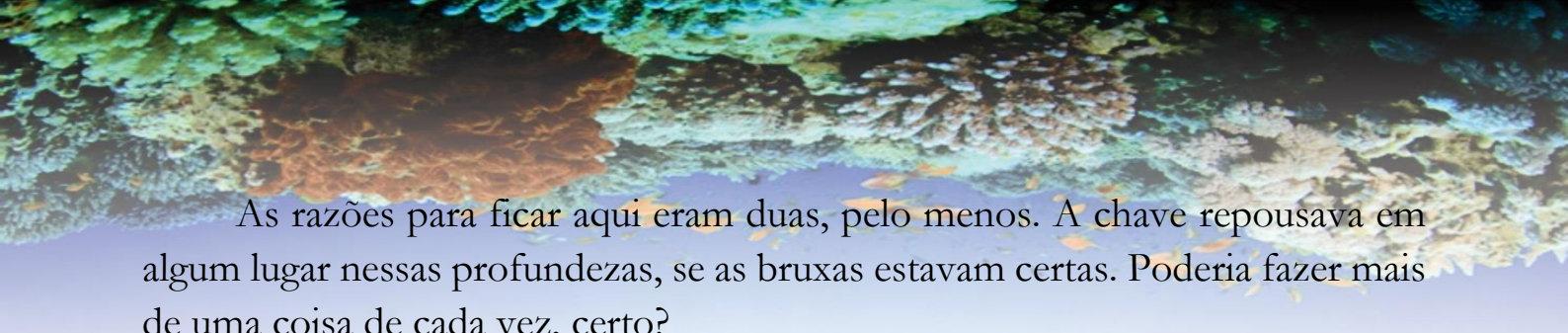
Ela era tão macia e sua pele tão suave. Ele achava que a anatomia humana, aquelas pernas estranhas, o desagradariam, mas isso estava longe de vir ao caso. Ao contrário das criadas, ela cobria os seios com triângulos de um material elástico. Fazia pouco para disfarçar os mamilos duros embaixo. Uma vez que um material semelhante cobria a junção entre as pernas, poderia ter sido a sua fenda genital? O cheiro daquele lugar, outra vez era diferente das criadas, mas ao mesmo tempo ainda sedutor, fazia querer deslizar o nariz ali. Talvez inserir a sua língua para ter um gosto.

Gemeu. A própria ideia o despertou.

Ele nadou em círculos pelo barco, incapaz de justificar o porquê demorava tanto enquanto tinha outros assuntos para cuidar. Mas ela era tão bonita. Longe do que jamais podia ter imaginado.

Quando voltasse para a cidade do povo mer, a biblioteca seria sua primeira parada. Queria saber mais. Deixe que os outros o zombem por passar muito tempo lá. Ele falou com aquela humana, sabia um pouco sobre o seu barco e poderia ter uma chance de testar seu conhecimento novamente. Tinha levado um minuto para o seu cérebro o alcançar, mas era agradecido aos deuses por sua linhagem divina. Quem desconfiaria que os dons da linguagem, da mudança e inumeráveis outros, o povo mer achava inútil, mas agora teria serventia?





As razões para ficar aqui eram duas, pelo menos. A chave repousava em algum lugar nessas profundezas, se as bruxas estavam certas. Poderia fazer mais de uma coisa de cada vez, certo?

Ele procuraria a chave enquanto manteria um olho sobre a humana até ela ir embora. Embora, qual era esse sentimento de proteção que sentiu? Os humanos eram frágeis e sobreviveram o suficiente sem qualquer tipo de ajuda de sua espécie. Apesar de sua curiosidade, ela ficaria.

Mas onde estava esse pensamento quando ele a viu afundar mais cedo? Poseidon tinha reivindicado seu pequeno corpo, mas Danyl interferiu, e haveria consequências. Sem dúvida *teria* alguma consequência por ter interferido.

Espere, pensou, apertando a mandíbula. Precisava se concentrar. A morte de sua mãe, Simeona, devia ser tratada com o respeito que ela merecia e luxúria por uma humana não oferecia nada. Levaram semanas para encontrar uma maneira de chegar até Ancelin, mesmo com a ajuda de Gagan.

O tempo para ter justiça estava próximo. *Concentração.*

Danyl olhou para os corais enfeitados, sussurrou a palavra mágica e esperou pelo brilho que marcava a trilha que ele precisava seguir. Ficou brilhante como o esperado, mas em vez de formar uma linha fina para seguir, o brilho pulsava como um batimento cardíaco. Seu próprio coração balançou.

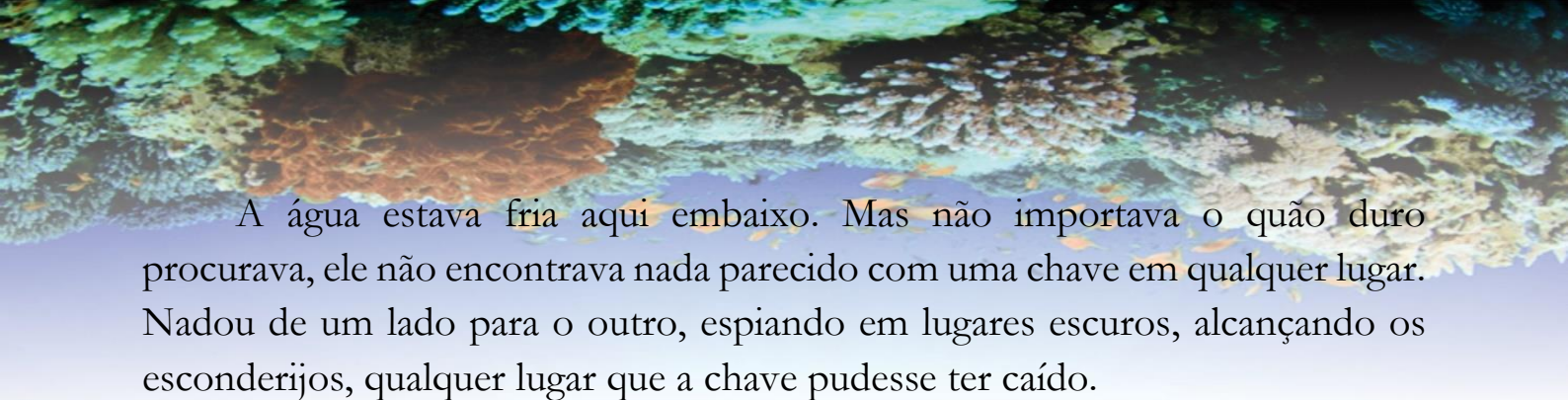
Estava aqui. Em algum lugar tão perto que não poderia identificar, a chave.

Ele balançou a cauda, mantendo sua atenção no fundo do mar. Não importa em qual direção fosse, o levava de volta à sua posição original. O barco flutuava acima, e a escuridão o cumprimentava embaixo. E em algum lugar no meio, a vingança esperava.

Ele mergulhou fundo, ignorando a mudança na pressão da água que o fez respirar mais forte.

Nenhum dos outros mer tinham que trabalhar para o simples reflexo autônomo, mas sentiu cada inalação e exalação que já tinha feito.





A água estava fria aqui embaixo. Mas não importava o quão duro procurava, ele não encontrava nada parecido com uma chave em qualquer lugar. Nadou de um lado para o outro, espiando em lugares escuros, alcançando os esconderijos, qualquer lugar que a chave pudesse ter caído.

Talvez as bruxas tivessem se enganado ou o tivessem enganado apenas para tirá-lo de suas vistas, mas isso ia contra tudo que ele sabia sobre as bruxas. Contanto que pagasse um preço, elas ofereciam seus serviços.

Maldição.

Ele inclinou a cabeça em direção à superfície e localizou a barriga do barco, que ainda não havia se movido. Estranho. Pensou que ela já teria ido para a terra por agora.

Trabalhando em espirais lentas, se dirigiu ao barco, sabendo que se afastaria a qualquer momento. Quando ainda flutuava no mesmo lugar de quanto chegou, sua preocupação aumentou. Uma onda de energia concentrada transformou em pernas sua cauda novamente e depois de uma breve pausa na popa, ele se arrastou sobre a borda do barco. Ignorando os formigamentos que envolveu a parte inferior de seu corpo, respirou fundo quando seu primeiro passo disparou um raio de dor através dele. Foi ideia de alguém, em forma de piada, que ele poderia usar as pernas estúpidas para andar, mas só se sofresse por alguns minutos primeiro.

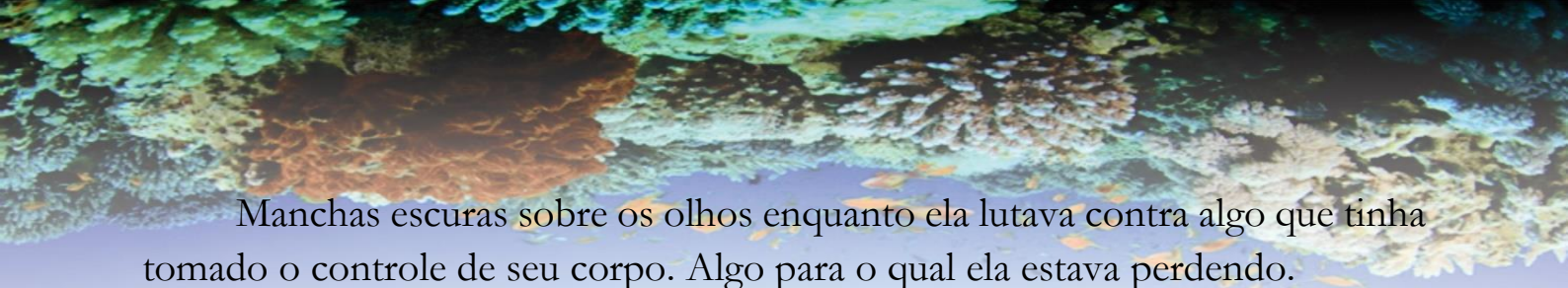
A área aberta era pequena e foi o último lugar que a deixara. Seu coração martelava a cada passo que dava, mas não a encontrou ali. Então se lembrou da pequena cabine e se dirigiu para ela. A porta se abriu e, como antes, uma grande área de descanso esperava no meio. Dessa vez, ela estava deitada sobre ela.

Tremendo e azul.

Isso estava errado. Ele sabia o suficiente sobre os seres humanos para saber que não deveria parecer assim.

Todo seu corpo estalava com incontrolláveis arrepios, sua respiração desajeitada e rápida.





Manchas escuras sobre os olhos enquanto ela lutava contra algo que tinha tomado o controle de seu corpo. Algo para o qual ela estava perdendo.

Danyl correu para seu lado, e passou a mão sobre seu ombro, sem saber como consertar isso. Os olhos foram abertos. — Mui-mui-muito fri-frio. — Ela resmungou através dos dentes. — Mu-muito fri-frio. —

Deuses, ele não pensou. Ela não estava acostumada com a água em que vivia. Sua pele estava fria ao toque. Nada como quando a encontrou, não fazia muito tempo.

Poseidon estaria tento seu caminho e a reivindicaria afinal.

Às vezes, ajudava ter um amigo com quem transitar para o próximo mundo. Ele não a conhecia, esta humana, mas serviria alegremente como o seu guia. A tinha salvado de uma morte fácil debaixo do mar e a forçou a atravessar este tormento no ar seco.

Ele subiu ao lado dela, envolvendo seus braços em torno de seu corpo tremendo. Sua carne molhada se agarrou a dela, mas se agarrou a ela, sabendo que tinha que ser melhor do que nada. Melhor do que morrer sozinho.

Tinha feito isso com ela e estava tão arrependido. Seus olhos ficaram úmidos e não sabia o porquê.

Ele estava muito, muito triste.

...

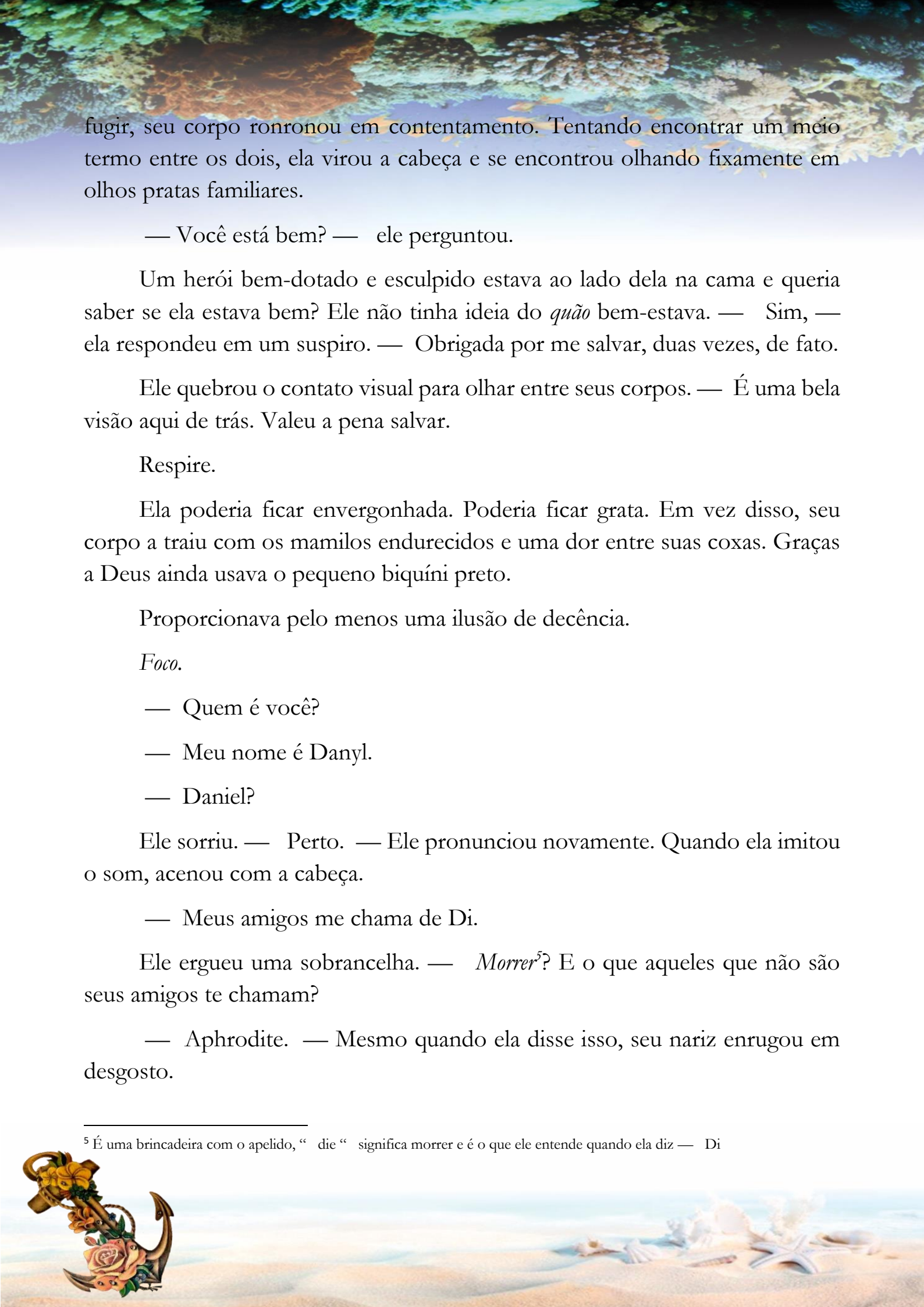
Di derivou na inconsciência, a cama macia debaixo dela e um...

Oh, inferno.

Um corpo quente estava de conchinha com ela.

Não apenas um corpo. O corpo de um homem. Não havia como disfarçar o comprimento firme dele – ambos os tipos – pressionados contra suas costas e entre as bochechas de seu traseiro. Um braço estava envolto em sua barriga, o outro enrolado sob sua cabeça. Enquanto sua mente gritava para ela correr e





fugir, seu corpo ronronou em contentamento. Tentando encontrar um meio termo entre os dois, ela virou a cabeça e se encontrou olhando fixamente em olhos pratas familiares.

— Você está bem? — ele perguntou.

Um herói bem-dotado e esculpido estava ao lado dela na cama e queria saber se ela estava bem? Ele não tinha ideia do *quão* bem-estava. — Sim, — ela respondeu em um suspiro. — Obrigada por me salvar, duas vezes, de fato.

Ele quebrou o contato visual para olhar entre seus corpos. — É uma bela visão aqui de trás. Valeu a pena salvar.

Respire.

Ela poderia ficar envergonhada. Poderia ficar grata. Em vez disso, seu corpo a traiu com os mamilos endurecidos e uma dor entre suas coxas. Graças a Deus ainda usava o pequeno biquíni preto.

Proporcionava pelo menos uma ilusão de decência.

Foco.

— Quem é você?

— Meu nome é Danyl.

— Daniel?

Ele sorriu. — Perto. — Ele pronunciou novamente. Quando ela imitou o som, acenou com a cabeça.

— Meus amigos me chama de Di.

Ele ergueu uma sobrancelha. — *Morrer*⁵? E o que aqueles que não são seus amigos te chamam?

— Aphrodite. — Mesmo quando ela disse isso, seu nariz enrugou em desgosto.

⁵ É uma brincadeira com o apelido, “die” significa morrer e é o que ele entende quando ela diz — Di





— Ah, Di. Nascida do mar, — ele murmurou.

Ela ergueu um ombro e deixou cair. — Ou deusa do mar, dependendo de quem você perguntar.

O olhar dele seguiu o movimento. Uma mecha de cabelo se enrolou sobre o ombro dela e fez uma careta para o cacho, mas depois sorriu para si mesma. O cara nu salvou-lhe a vida. Duas vezes.

O cara nu agora estava deitado com ela. E estava preocupada com seu cabelo?

Danyl enrolou o cacho teimoso ao redor de seu dedo e o empurrou para o lado. Ele manteve os olhos nos dela quando abaixou a cabeça e passou a boca em sua pele. O *arrepio* que ela estava tendo agora não tinha nada a ver com a temperatura.

— Isso também é verdade, — ele disse antes de deixar cair outro beijo. — E de onde eu sou, só há uma coisa a se fazer para uma deusa.

O coração batia tão alto que o próximo continente provavelmente ouvia, Di perguntou, — E o que é?

Danyl não hesitou. — Adorá-la.





Capítulo Tres

Oh, Deus. Por que foi perguntar? Ele já estava beijando um rastro de fogo sobre seu ombro e indo para baixo em seu braço. E a sua mão trabalhou no nó que mantinha seu biquíni amarrado no lugar.

Ela nunca tinha sido uma de dormir com qualquer um que aparecia, mas desde a primeira vez que olhou para aqueles belos olhos, algo acendeu entre seus corpos, conectando-os em um nível fundamental e os levando a serem voláteis. Mas isso não fazia sentido. Não podia ser real. Os amigos dela sonhavam com almas gêmeas e atrações instantâneas, mas no mundo real os relacionamentos vinham e iam, passando por ela em uma saída com um estrondo maior do que aquele quando chegou.

— Danyl, espere, — ela ofegou, seu corpo queimando de necessidade. Fazia tanto tempo. Será que realmente importaria se cedesse a um capricho apenas desta vez? Depois de outra longa hesitação, quis grunhir sua frustração porque, é claro, importava.

— Eu não te conheço, eu não sei quem você é ou qualquer outra coisa... E eu sou grata, acredite eu sou...

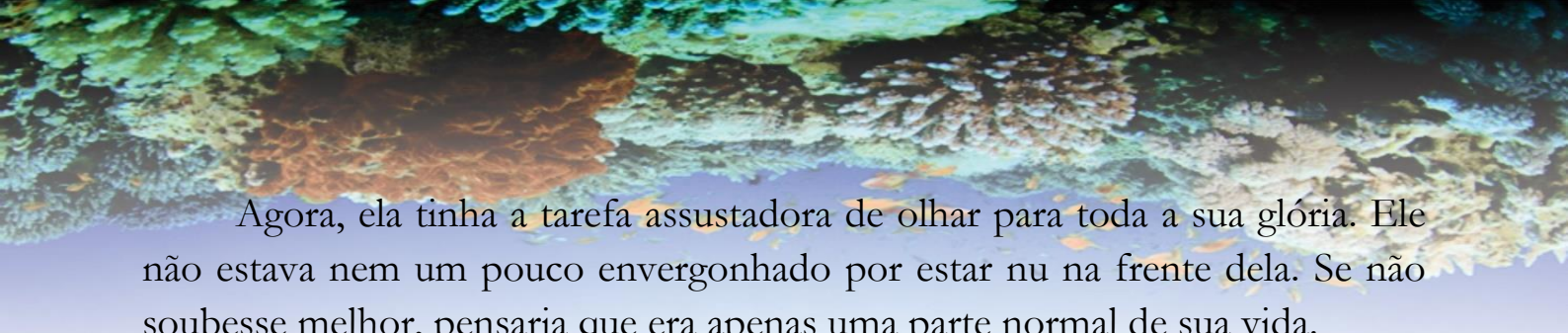
Ele parou de se mover, mas manteve o corpo dela apertado contra o dele. — Eu quero estar perto de você, Di. Com sua permissão?

Ele se moveu como se para beijar seu corpo novamente, e apesar do rubor muito quente que enviou através dela, balançou a cabeça. — Espere.

Não conseguia pensar com ele pressionado contra ela, cada centímetro duro dele era um testemunho para seus pensamentos. Tremendo, Di voltou-se para que pudesse enfrenta-lo de frente.

Só que isso era pior. Pelo menos antes, ela tinha a parede rígida da cabine para olhar.





Agora, ela tinha a tarefa assustadora de olhar para toda a sua glória. Ele não estava nem um pouco envergonhado por estar nu na frente dela. Se não soubesse melhor, pensaria que era apenas uma parte normal de sua vida.

— Por que você estaria aqui no meio do nada, Danyl? Eu sei o porquê estou, mas e você?

— Estou procurando uma coisa.

— Eu também.

— Ah, o mapa que eu tenho diz que está em algum lugar por aqui.

Ela estreitou os olhos. — O mesmo comigo.

— O que você está procurando?

— Não mesmo, cara, — ela disse balançando a cabeça. — Você primeiro.

Sua boca se elevou em um sorriso relutante. Então fez a coisa mais inesperada.

Ele rolou na direção oposta e foi para fora da cama. Seu olhar caiu novamente para seu pau pesado e pela primeira vez notou a falta de cabelo em seu corpo. Nada em seu peito. Nada em seus braços ou pernas. Definitivamente nenhum se encontrava perto de seu eixo.

— Você está bem agora, deusa, então não me sinto negligente em deixá-la. — Ele se encaminhou para a porta e, apesar do protesto e de milhões de perguntas em seus lábios, Di não disse nada. — Mas voltarei quando encontrar o meu objeto. E continuaremos isso.

— Danyl...

Ele sorriu. — Seja o que for.

Seu coração vibrou em demonstração da excitação, quando se acalmou, ele se foi.

Mas espere. Isso não estava certo.





Seu barco estava no meio do oceano, praticamente no meio do nada de Deus e este homem continuava aparecendo e desaparecendo como uma ilusão. Di desdobrou as pernas e saiu da cama. Em um trote, se dirigiu para a popa, querendo pegá-lo antes que pudesse desaparecer no ar, ou água nesse caso, novamente.

Antes que pudesse chegar à porta, no entanto, o distinto som de pulo na água veio do lado do barco. Ela podia distinguir as ondas batendo contra o lado.

Certamente sabia o som que um corpo grande fazia ao bater na água. Mas esse som, foi a tranquila recepção de um nadador em seu elemento. Quem quer que Danyl fosse, sabia como se comportar na água.

Tentou olhar para onde ele poderia ter ido, mas a escuridão a saudou do horizonte. Embora teria adorado o procurar sem o uso de iluminação fluorescente, ligou o interruptor para as luzes serem ligadas. No momento em que iluminaram, podia ver tudo o que precisava do barco, mas estava cega para qualquer coisa mais do que fora de sua circunferência.

O vento forte gelado eletrificou sua pele exposta, e Di estremeceu. Biquíni estúpido, tinha sido uma péssima ideia desde o início. Com um suspiro, localizou sua mochila desgastada. Depois de uma pequena busca, achou um traje de mergulho mofado e puxou-o. Melhor que nada contra o frio. Um único ataque de hipotermia foi o suficiente para uma vida, muito obrigada. O sarong leve que ela trouxe nesta viagem nunca seria suficiente nesse frio. Mas inferno, não tinha planejado estar aqui fora todo esse tempo. Na verdade, ela precisava voltar. Tinha o que veio procurar.

Um ruído na distância chamou sua atenção e antes que pudesse se segurar, Di olhou para cima, observando. Seu coração correu em expectativa. Alguns minutos olhando para a escuridão, procurando por ele, passou antes que percebesse o que estava fazendo.

Acalme-se. Por que estava tão ligada nesse homem? Ela tinha um peixe maior para fritar e nenhum deles tinha o nome de Danyl. Era hora de ir para casa, e ver que segredos a moeda fornecia.





Ela passou por uma rápida lista mental do que precisaria ser feito e começou a fazer os preparativos para sair. Conseguiu que a âncora subisse desta vez sem muito esforço. Luvas de neoprene⁶ garantiram que seus dedos não congelariam enquanto trabalhava e o traje a protegia contra a temperatura quase congelante. Não se lembrava do meteorologista dizendo que o ar da noite cairia tanto assim, mas não tinha a intenção de entrar na água novamente esta noite.

No momento em que ligou o motor e se dirigiu para a costa, parou de tentar ver se Danyl poderia estar um pouco além da proa do barco e se concentrou em cargueiros gregos carregando moedas exóticas. Pense! Se ela tivesse encontrado uma moeda, haveria outras – centenas de outras – à espera de serem encontradas. Um simples teste de datação de carbono na universidade local garantiria que essa pista era a que estava procurando. Uma moeda levaria as outras que levaria então ao cargueiro. A obtenção de subsídios para realizar outras buscas de moedas ainda mais valiosas sob o mar seria então uma brincadeira de criança. Seu futuro estaria garantido.

Excitada, empurrou para frente o acelerador, aumentando a velocidade. Seus cabelos chicoteavam em torno de seu rosto, ardendo quando tocavam sua pele antes de voar novamente.

Ela compraria outro barco, talvez desse o nome de *Anêmona do Mar II*, e contrataria uma equipe para ele. Se suas buscas se tornassem grandes, famosas, talvez pudesse comprar barcos maiores, mais pessoas, melhores equipamentos. Seria um trabalho árduo, mas, maldita, um dia seria capaz de escolher quais caças iriam. Sua prerrogativa iria decidir quando ela sentisse como sendo uma parte da tripulação e quando sentisse que deveria lidar com a burocracia do escritório.

Olhou o GPS para verificar o seu rumo, mas a coisa estúpida tinha um pouco de condensação no canto. Um rápido golpe com a ponta do dedo fez a

⁶ 





tela ficar embaçada, mas legível. No momento em que olhou para cima, estava certa que tinha alguma coisa saliente na água.

Di tentou desviar-se antes que o barco fizesse contato, mas se movesse muito rápido, ela acabaria com o barco virado e seria um problema maior. Se moveu muito lentamente para evitar a batida e a fibra de vidro do barco gritou enquanto a rocha saindo da água cortava seu casco.

De qual lugar do inferno isso veio? Maldição, droga, maldição. Trabalhou rápido, diminuiu a velocidade do barco até uma marcha lenta.

Por que não usou o holofote todo o caminho? Claro que sabia o porquê. Seria fazer a bateria acabar rápido e seria mais uma tragédia para hoje que não precisaria. Então, novamente, a noite era tão negra. Se apenas as estúpidas luzes acesas iluminassem o caminho e não apenas alertassem os outros velejadores sobre sua presença.

Seu coração afundou enquanto agarrava a luz montada ao lado do painel de controle e inspecionava o lado do barco. Um rasgo grande o suficiente para colocar os dois braços dentro que ia da extremidade traseira do barco para onde estava. E pior, ondas batiam do lado, um pouco da água entrando no buraco.

Maldição! Não demoraria muito para que começasse a afundar.

Este era agora oficialmente o pior dia de sua vida.

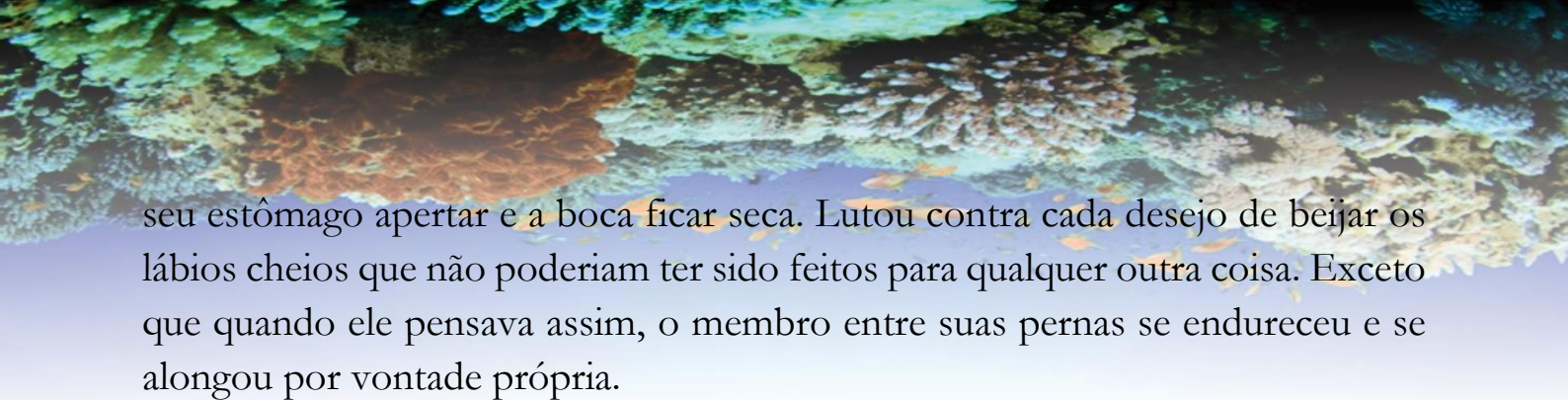
...

Ele encontraria uma maneira de localiza-la. Antes de deixar a área, Danyl memorizou as marcações de seu barco porque ele iria encontra-la novamente.

Aphrodite. Ela não poderia ter outro nome. Deuses, até parecia uma divindade.

O cabelo comprido e encaracolado em cachos que varria suas costas. Um olhar em seus olhos verdes tentadores ou nas curvas generosas de seu corpo fez





seu estômago apertar e a boca ficar seca. Lutou contra cada desejo de beijar os lábios cheios que não poderiam ter sido feitos para qualquer outra coisa. Exceto que quando ele pensava assim, o membro entre suas pernas se endureceu e se alongou por vontade própria.

Pensando bem, qualquer pessoa já ouviu falar desse tipo de reação? Era como se tivesse controle zero sobre a coisa.

Bruto.

Quando acordou ao lado dele, algo reconfortante passou por ele. Ficara aliviado ao encontra-la melhor sem dúvida, mas a forma como olhava para ele aumentou as batidas de seu coração. Por um momento, tinha esquecido que estava deitado ao lado de uma humana. O mundo dos mer tornara-se uma memória distante. A curiosidade por trás de seu olhar o trouxe de volta ao presente e à importância de uma tarefa que ele convenientemente colocará de lado.

Um rugido alto e vibrante ecoou pela água e olhou para cima a tempo de ver o barco se afastando. Seu pulso acelerou, mas supôs que ela estar indo era o melhor por agora. Ela continuou se tornando uma distração e precisava encontrar a chave.

Ele desceu e localizou o fundo do coral escondida entre juncos ao longo de uma borda de pedra.

Uma palavra sussurrada fez o brilho pulsar para a vida. Ainda mostrava que a chave estava em algum lugar perto. Por que, então, não conseguia encontrá-la?

O ruído no fundo se afastou e fez uma nota mental em sua direção, mas manteve sua atenção no brilho... Que logo começou a se mover, também.





Danyl olhou para cima e procurou freneticamente as luzes do barco de Di. Era a única coisa que se movia para fora daqui. Seguindo os corais até as luzes no fundo confirmou isso.

O brilho pulsante afastou-se dele e foi em direção a bela ser humana.

Ela tinha a chave no barco. Talvez soubesse que estava lá, ou talvez não, mas *ela tinha*.

Ele soltou vários palavrões e se empurrou, sua visão nunca deixando seu novo alvo.



Capítulo Quatro



Ficou pior? Mesmo?

Ela quase se afogou, lutou contra a hipotermia e agora estava afundando no meio do oceano com nada além da escuridão em torno dela. Se pudessem existir dias piores do que esse, por favor, Deus, por favor, nunca deixe que encontre um. Não sabia mais o quanto seus nervos desgastados podiam aguentar.

Alguém pensaria que saberia como sair dessa bagunça, exceto que nada queria seguir seu caminho hoje. O estúpido sinalizador, sua última esperança para um resgate rápido, tinha disparado muito bem. Pena que não fez faíscas no céu.

Ok. Ela poderia passar por esse desastre se colocasse cada parte da cabeça para pensar. Em primeiro lugar, colocar cada pedaço de roupa que tinha disponível, porque sabia muito bem como a água estava fria hoje à noite.

Di tirou a roupa de mergulho e vestiu uma pele de mergulho. Antes de deslizar o zíper todo o caminho, enfiou a moeda entre sua pele e o material prateado projetado para fornecer calor adicional. Pegou um novo traje de mergulho de sua bolsa e o vestiu. Este era um modelo mais grosso com botas almofadadas. Se não conseguisse sair dessa bagunça, talvez encontrassem a moeda com ela ainda e pelo menos saberiam que tinha feito o que disse que faria.

Decidiu que tudo que poderia se dar ao luxo de levar com ela, além de seu equipamento de mergulho regular, era uma única faca de mergulho e a *spear gun*⁷ quando fosse para o mar. Ela não sabia quanto tempo passaria até que o tanque em suas costas começasse a agir como um obstáculo em vez de uma ajuda. Além

⁷ 





disso, em algum ponto poderia ser forçada a descartá-lo e o bom poder manual seria tudo que ela tivesse para confiar.

Com esses preparativos tomados, lançou um último olhar de desespero para o convés da Anêmona do Mar. Se pudesse obter ajuda a tempo, talvez pudessem voltar e recuperá-la.

Duvidoso, mas talvez.

Esmagando os dentes, pisou na escada balançando na água, suas nadadeiras na mão.

Lágrimas piscaram seus olhos e teve que levantar sua máscara para os enxugar antes de tomar este incrível salto de fé.

— Deusa.

Com a surpresa, ela quase caiu de cabeça na água. Com uma frenética onda de braços, recuperou o equilíbrio. Seu coração batia como se tivesse acabado de correr uma maratona e não poderia dizer honestamente se sua surpresa ou alívio era o motivo. Ela teve que semicerrar os olhos, mas lá estava ele, balançando na água perto do barco. — Danyl? Como...

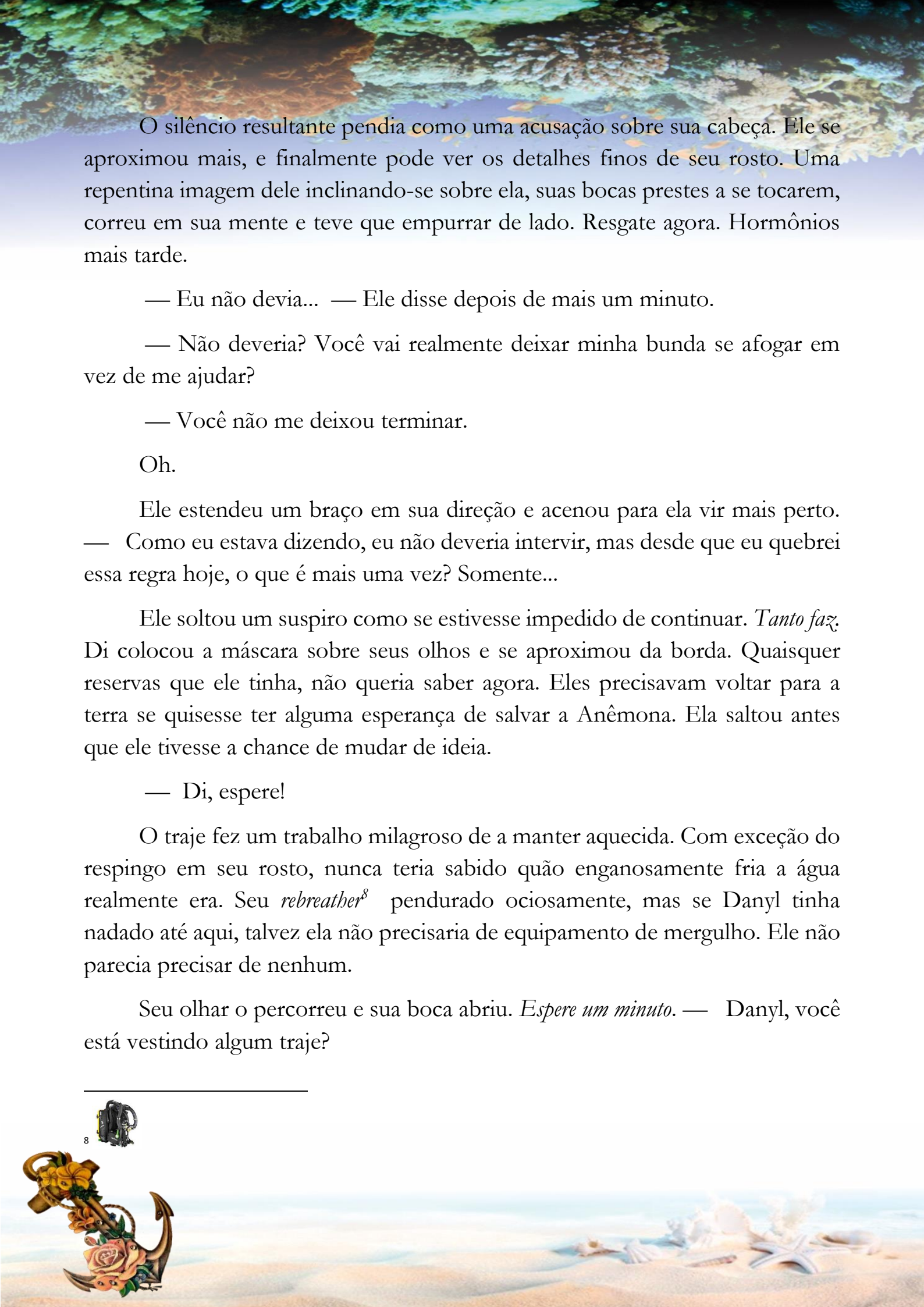
— Alguma coisa aconteceu? — Ele montou as ondas em sua direção e teve que sufocar um sorriso de admiração. Mas espere... Como ele sempre conseguia encontra-la quando precisava dele?

— Eu bati em uma rocha e o meu barco está afundando. Você pode me levar a bordo do seu?

Sua resposta demorou em vir. — Seu rádio?

O calor correu em suas bochechas, porque qualquer marujo saberia melhor do que sair em alto mar com o rádio quebrado. Mas, porra, ela simplesmente não tinha o dinheiro para consertá-lo ou o substituir. Estava contando com esse achado para conseguir o dinheiro. Estava tão perto, como poderia desistir agora? — Quebrado, — ela murmurou. — Já faz semanas.





O silêncio resultante pendia como uma acusação sobre sua cabeça. Ele se aproximou mais, e finalmente pode ver os detalhes finos de seu rosto. Uma repentina imagem dele inclinando-se sobre ela, suas bocas prestes a se tocarem, correu em sua mente e teve que empurrar de lado. Resgate agora. Hormônios mais tarde.

— Eu não devia... — Ele disse depois de mais um minuto.

— Não deveria? Você vai realmente deixar minha bunda se afogar em vez de me ajudar?

— Você não me deixou terminar.

Oh.

Ele estendeu um braço em sua direção e acenou para ela vir mais perto.
— Como eu estava dizendo, eu não deveria intervir, mas desde que eu quebrei essa regra hoje, o que é mais uma vez? Somente...

Ele soltou um suspiro como se estivesse impedido de continuar. *Tanto faz.* Di colocou a máscara sobre seus olhos e se aproximou da borda. Quaisquer reservas que ele tinha, não queria saber agora. Eles precisavam voltar para a terra se quisesse ter alguma esperança de salvar a Anêmona. Ela saltou antes que ele tivesse a chance de mudar de ideia.

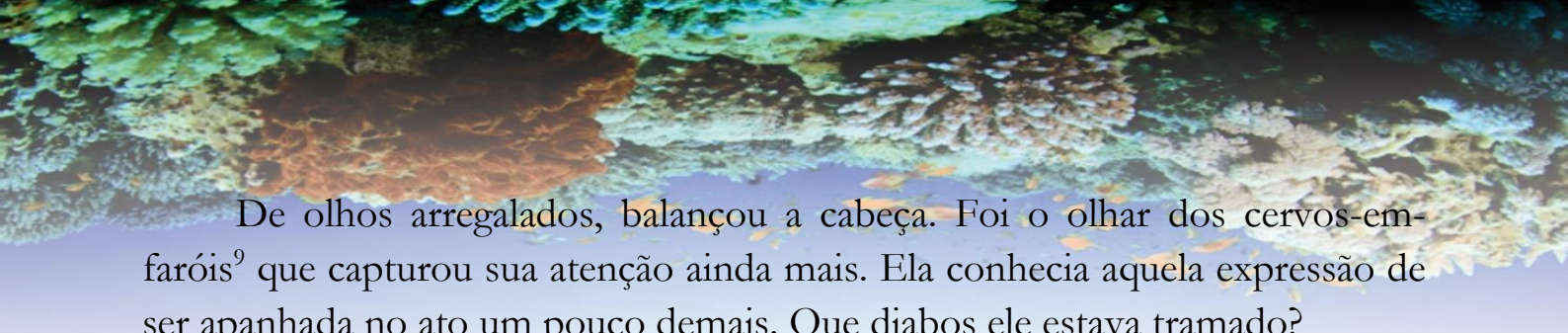
— Di, espere!

O traje fez um trabalho milagroso de a manter aquecida. Com exceção do respingo em seu rosto, nunca teria sabido quão enganosamente fria a água realmente era. Seu *rebreather*⁸ pendurado ociosamente, mas se Danyl tinha nadado até aqui, talvez ela não precisaria de equipamento de mergulho. Ele não parecia precisar de nenhum.

Seu olhar o percorreu e sua boca abriu. *Espere um minuto.* — Danyl, você está vestindo algum traje?

⁸ 





De olhos arregalados, balançou a cabeça. Foi o olhar dos cervos-em-faróis⁹ que capturou sua atenção ainda mais. Ela conhecia aquela expressão de ser apanhada no ato um pouco demais. Que diabos ele estava tramado?

Não importava. Ele teria uma morte por pneumonia se eles não o tivessem a bordo agora. Porra, o que ele estava pensando?

Em uma fração de segundo, cada lembrança de seus encontros voltou para brincar em sua mente. Lembrava-lhe, que na primeira vez em que embarcada, ele estava nu como um recém-nascido.

Como na segunda vez.

Por que antes não pensara em perguntar como vinha e entrava na água que fazia com que a temperatura de seu corpo caísse como uma pedra? — Danyl, — ela disse em um suspiro cortado.

Sua mente atordoada recusou-se a formar palavras. O que estava acontecendo?

Ela não estava escondendo o choque, porque ele nadou mais perto, mas parou depois que uma respeitável distância os separava. Di rastreou seus movimentos, incapaz de se encontrar em nada, exceto sua pele nua acima, e presumivelmente abaixo, continuava.

— Di.... Você sabe o que é um *tritão*?

...

Esta não era a maneira que ele teria gostado de abordar o assunto com ela, mas que escolha tinha? Ela já provou o que acontecia quando um humano se aventurava no mar sem proteção adequada. Olhe para as coisas que ela se equipou.

Já quase podia ver sua mente fazendo pergunta atrás de pergunta. A maioria delas provavelmente não eram aquelas que ele queria abordar. Ela não

⁹ Expressão que diz estar com medo, surpreso.





parecia capaz de responder a única pergunta que fez. Provavelmente também acabou pensando direito.

— Pegue minha mão, deusa, e vamos embora. Vou te levar para um lugar seguro e lá conversaremos. Tenho a sensação que você quer. — Ele estendeu a mão para frente novamente e esperou para ver se ela iria pegar. Olhos desconfiados percorreram-no. Ele esperou com paciência infinita, embora. No que lhe dizia respeito, nada havia esfriado entre eles e tinha todo o tempo do mundo para esperar que ela percebesse isso.

Ele manteve aberta sua mão e deixou que o estudasse. Sua mão e seus dedos pareciam exatamente como os dela, ele já sabia. Onde sua espécie e a dela diferiam era mais abaixo da cintura.

Passaram-se alguns minutos e começou a duvidar se ela viria com ele. Um olhar pesaroso para o seu barco desaparecendo ajudou a fazer sua mente embora. Di enfiou a mão na dele e Danyl enrolou os dedos em volta dos dela.

— Eu não estou completamente ciente de suas limitações, assim se eu estiver indo muito rápido ou se você não puder respirar ou algo acontecer, puxe minha mão e nós pararemos, certo? Eu nos manterei o mais perto da superfície como possível, mas haverá momentos em que nos aventuraremos abaixo.

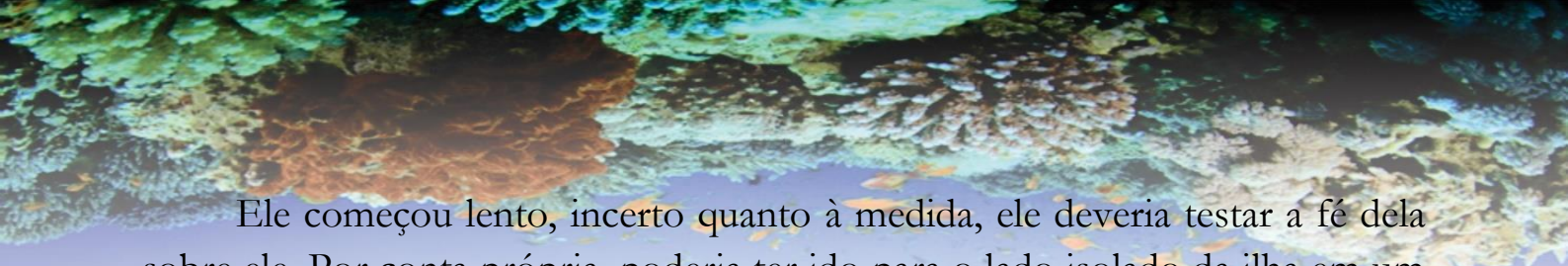
Seu gesto hesitante não o inundou com bons sentimentos. Nem o fato de ela não ter falado nada ainda.

— Pronta? — ele perguntou. Foi a última chance dela mudar de ideia, mas ela realmente não tinha muitas opções.

Além disso, uma vez que a deixar em segurança, ele poderia retornar e localizar a chave em seu barco. Sua vida em troca da ferramenta necessária para vingar a morte de sua mãe. Uma troca justa, tanto quanto ele estava preocupado.

Uma vez que tivesse a chave em sua posse, teria permissão para entrar no submundo e atravessar o lugar onde os deuses e seus filhos semideuses residiam. E ele veria ao ser antigamente chamado de seu pai, de uma vez por todas.





Ele começou lento, incerto quanto à medida, ele deveria testar a fé dela sobre ele. Por conta própria, poderia ter ido para o lado isolado da ilha em um minuto. Com ela vagando para trás, se movia mais devagar. Se pensasse que era sábio, teria apontado alguns de seus lugares isolados favoritos. Nadando com ela do seu lado lhe proporcionada uma sensação de conforto que quase o fazia esquecer de tudo, menos sua presença.

Uma pontada de ciúmes o picou porque era isso que viajar com um companheiro parecia o tempo todo, não era? Este direito e posse de poder pertencer a alguém.

Claro, era mal aconselhado, bem como simplesmente insano associar esse sentimento com Di. Qualquer atração que poderia existir por parte dela evaporou no momento em que ela percebeu que ele era uma aberração. Em seu mundo, seria para sempre anormal por te pernas e para ela, sua espécie sempre fez parte da mitologia. Nem a casa dele ou a dela seriam um santuário para ele. Sua mãe, sua única aliada na vida, fez o seu melhor que pode por ele. Na verdade, ela teria feito muito mais, se não o tivesse dado a luz. Uma vez que eliminasse o seu pai, realmente não teria nada pelo qual valesse a pena viver. Talvez quando isso tivesse um fim... Talvez...

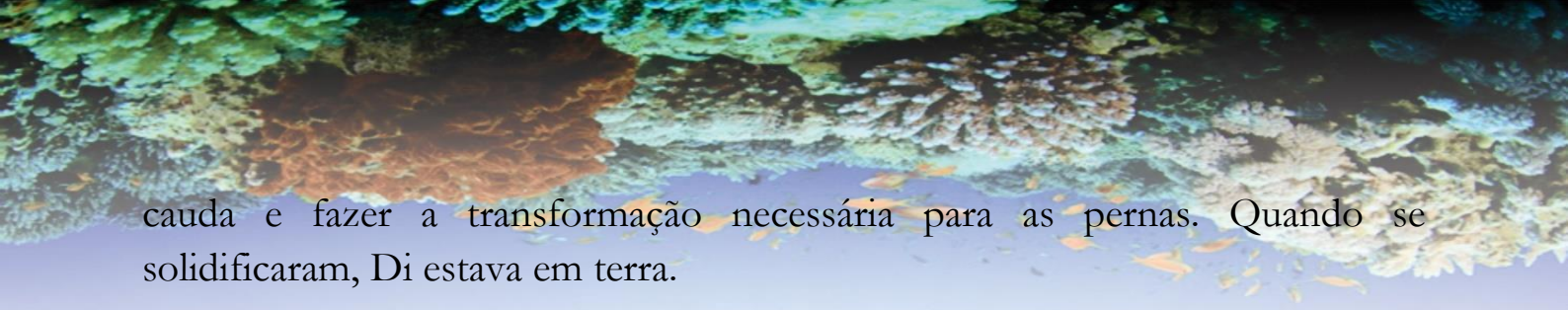
A mudança na opacidade da água e um novo fluxo de temperatura interrompeu sua autorreflexão. Ele não tinha percebido que tinha os levados onde eles precisavam estar sem estar consciente. A praia isolada estava desabitada na maioria das circunstâncias.

Com apenas o luar para ver, apenas alguém com um propósito se aventuraria por aqui agora. Além disso, quando fosse embora, Di poderia caminhar para uma área povoada com facilidade e obter a ajuda que precisava.

Então, por que isso o fazia se sentir enjoado?

Ele a puxou para o lado e, assim como pensou, ela começou a nadar para a água mais rasa por conta própria. Uma vez que ela estava mais próxima da areia, ele ficou para trás o tempo suficiente para empurrar energia através de sua





cauda e fazer a transformação necessária para as pernas. Quando se solidificaram, Di estava em terra.

A temperatura aqui não era tão mordaz como quando estiveram no mar aberto e Di estava quieta ainda, seus olhos cautelosos olhando para cima e o vendo se aproximar.

Foi uma luta para remover o engenho de metal em suas costas, mas ela conseguiu sem a sua ajuda. Ele teria se oferecido, mas ela não parecia confiar mais nele como antes.

Quanto ao material escuro e volumoso, quando ela o despiu, o estômago de Danyl se apertou e ele teve que engolir em seco. O apertado material de prata que usava embaixo abraçava cada curva suave de seu corpo, deixando pouco a imaginação. Seus dedos puxaram uma peça de metal perto de seu pescoço e ela o arrastou para baixo. Quando isso abriu, ela revelou sua bela carne embaixo.

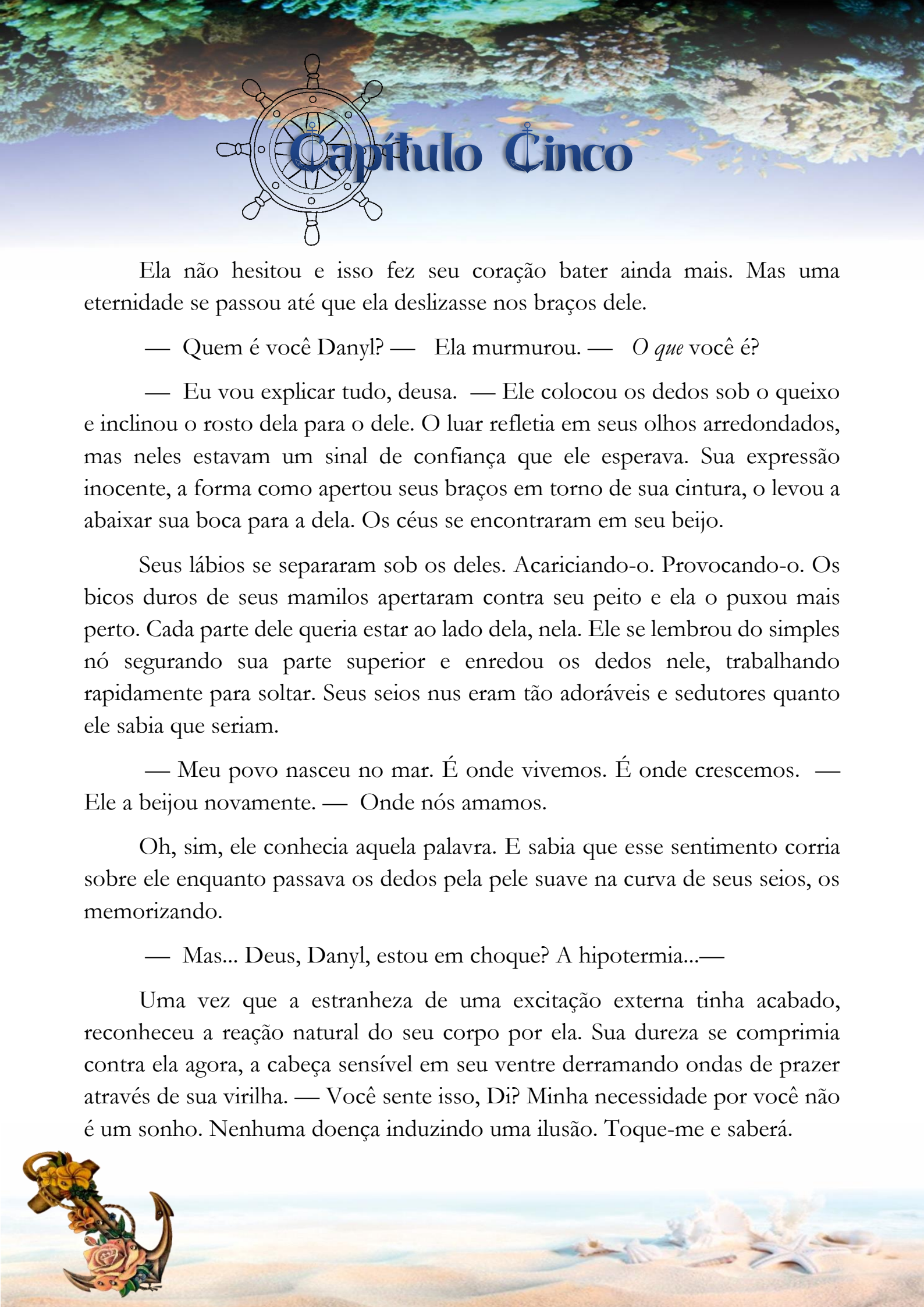
A água secou em sua pele, e seus cabelos pingavam em suas costas. O arrepio que correu por sua espinha poderia ter sido de sua carícia fria, mas não pensava assim. Um século se arrastou quando Danyl viu sua quase nudez. A visão daquele material preto esticado que cobria as partes mais desprotegidas dela provocou um grunhido baixo de seus lábios.

Deuses.

Quando ela olhou para cima com sedução e inocência em seus olhos, a dor entre suas pernas tornou-se insuportável. Ele teve que arriscar, porque isso talvez nunca mais acontecesse com ele. Não com ela.

— Di, — ele disse roucamente, — venha para mim. —





Capítulo Cinco

Ela não hesitou e isso fez seu coração bater ainda mais. Mas uma eternidade se passou até que ela deslizasse nos braços dele.

— Quem é você Danyl? — Ela murmurou. — *O que* você é?

— Eu vou explicar tudo, deusa. — Ele colocou os dedos sob o queixo e inclinou o rosto dela para o dele. O luar refletia em seus olhos arredondados, mas neles estavam um sinal de confiança que ele esperava. Sua expressão inocente, a forma como apertou seus braços em torno de sua cintura, o levou a abaixar sua boca para a dela. Os céus se encontraram em seu beijo.

Seus lábios se separaram sob os deles. Acariciando-o. Provocando-o. Os bicos duros de seus mamilos apertaram contra seu peito e ela o puxou mais perto. Cada parte dele queria estar ao lado dela, nela. Ele se lembrou do simples nó segurando sua parte superior e enredou os dedos nele, trabalhando rapidamente para soltar. Seus seios nus eram tão adoráveis e sedutores quanto ele sabia que seriam.

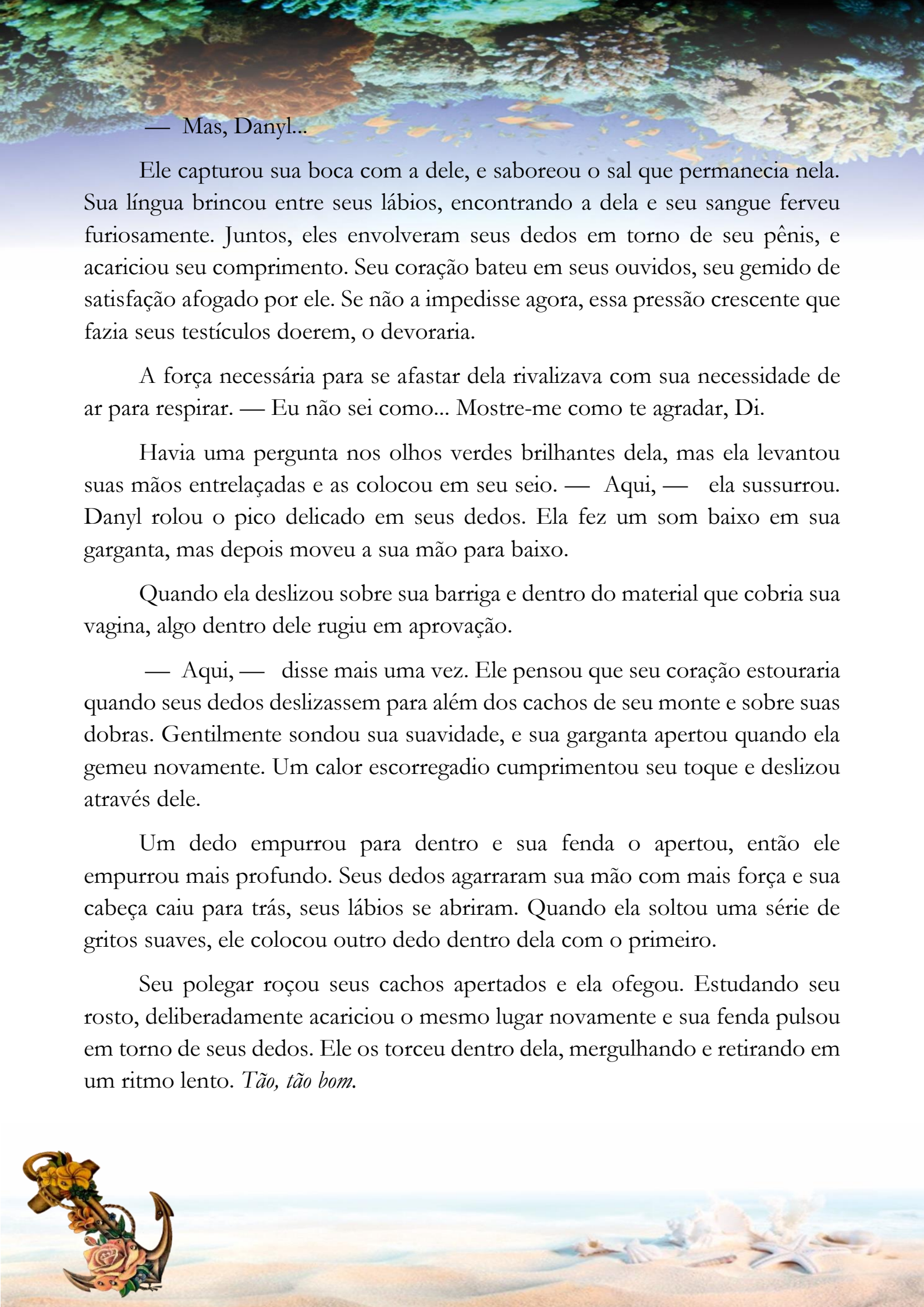
— Meu povo nasceu no mar. É onde vivemos. É onde crescemos. — Ele a beijou novamente. — Onde nós amamos.

Oh, sim, ele conhecia aquela palavra. E sabia que esse sentimento corria sobre ele enquanto passava os dedos pela pele suave na curva de seus seios, os memorizando.

— Mas... Deus, Danyl, estou em choque? A hipotermia...—

Uma vez que a estranheza de uma excitação externa tinha acabado, reconheceu a reação natural do seu corpo por ela. Sua dureza se comprimia contra ela agora, a cabeça sensível em seu ventre derramando ondas de prazer através de sua virilha. — Você sente isso, Di? Minha necessidade por você não é um sonho. Nenhuma doença induzindo uma ilusão. Toque-me e saberá.





— Mas, Danyl...

Ele capturou sua boca com a dele, e saboreou o sal que permanecia nela. Sua língua brincou entre seus lábios, encontrando a dela e seu sangue ferveu furiosamente. Juntos, eles envolveram seus dedos em torno de seu pênis, e acariciou seu comprimento. Seu coração bateu em seus ouvidos, seu gemido de satisfação afogado por ele. Se não a impedisse agora, essa pressão crescente que fazia seus testículos doerem, o devoraria.

A força necessária para se afastar dela rivalizava com sua necessidade de ar para respirar. — Eu não sei como... Mostre-me como te agradar, Di.

Havia uma pergunta nos olhos verdes brilhantes dela, mas ela levantou suas mãos entrelaçadas e as colocou em seu seio. — Aqui, — ela sussurrou. Danyl rolou o pico delicado em seus dedos. Ela fez um som baixo em sua garganta, mas depois moveu a sua mão para baixo.

Quando ela deslizou sobre sua barriga e dentro do material que cobria sua vagina, algo dentro dele rugiu em aprovação.

— Aqui, — disse mais uma vez. Ele pensou que seu coração estouraria quando seus dedos deslizassem para além dos cachos de seu monte e sobre suas dobras. Gentilmente sondou sua suavidade, e sua garganta apertou quando ela gemeu novamente. Um calor escorregadio cumprimentou seu toque e deslizou através dele.

Um dedo empurrou para dentro e sua fenda o apertou, então ele empurrou mais profundo. Seus dedos agarraram sua mão com mais força e sua cabeça caiu para trás, seus lábios se abriram. Quando ela soltou uma série de gritos suaves, ele colocou outro dedo dentro dela com o primeiro.

Seu polegar roçou seus cachos apertados e ela ofegou. Estudando seu rosto, deliberadamente acariciou o mesmo lugar novamente e sua fenda pulsou em torno de seus dedos. Ele os torceu dentro dela, mergulhando e retirando em um ritmo lento. *Tão, tão bom.*





Seus quadris balançavam contra a mão dele e todas as dúvidas persistentes se ele poderia excitar ou a agradar uma fêmea evaporou na noite. Ela segurou sua mão quase dolorosamente, mas a forma como ofegava seu nome, seus olhos fechados, encorajou sua exploração. Ele rodeou o nó duro que descobriu e seu corpo tremeu. Por uma fração de segundo, ficou confuso por sua reação, pensando se deveria continuar. Quando Di enrijeceu e então gritou, no entanto, foi um som de erotismo puro, um erotismo autêntico que viajou direto para o seu pau.

Ela descansou a cabeça em seu bíceps, seu corpo ainda tremendo contra ele. Seus dedos continuaram a sondar dentro de sua fenda, não poderia liberá-la ainda. O cheiro de seu revestimento apertado havia se ampliado e uma fome desesperada por mais lhe roeu.

— Foi bom? — Ele perguntou apenas para certeza de que ela estava satisfeita. Por alguma razão, que não conseguia explicar, desejava uma afirmação.

Suas bochechas se levantaram, seu sorriso evidente contra sua pele. — Oh, Deus, sim Danyl. Você nem precisa perguntar.

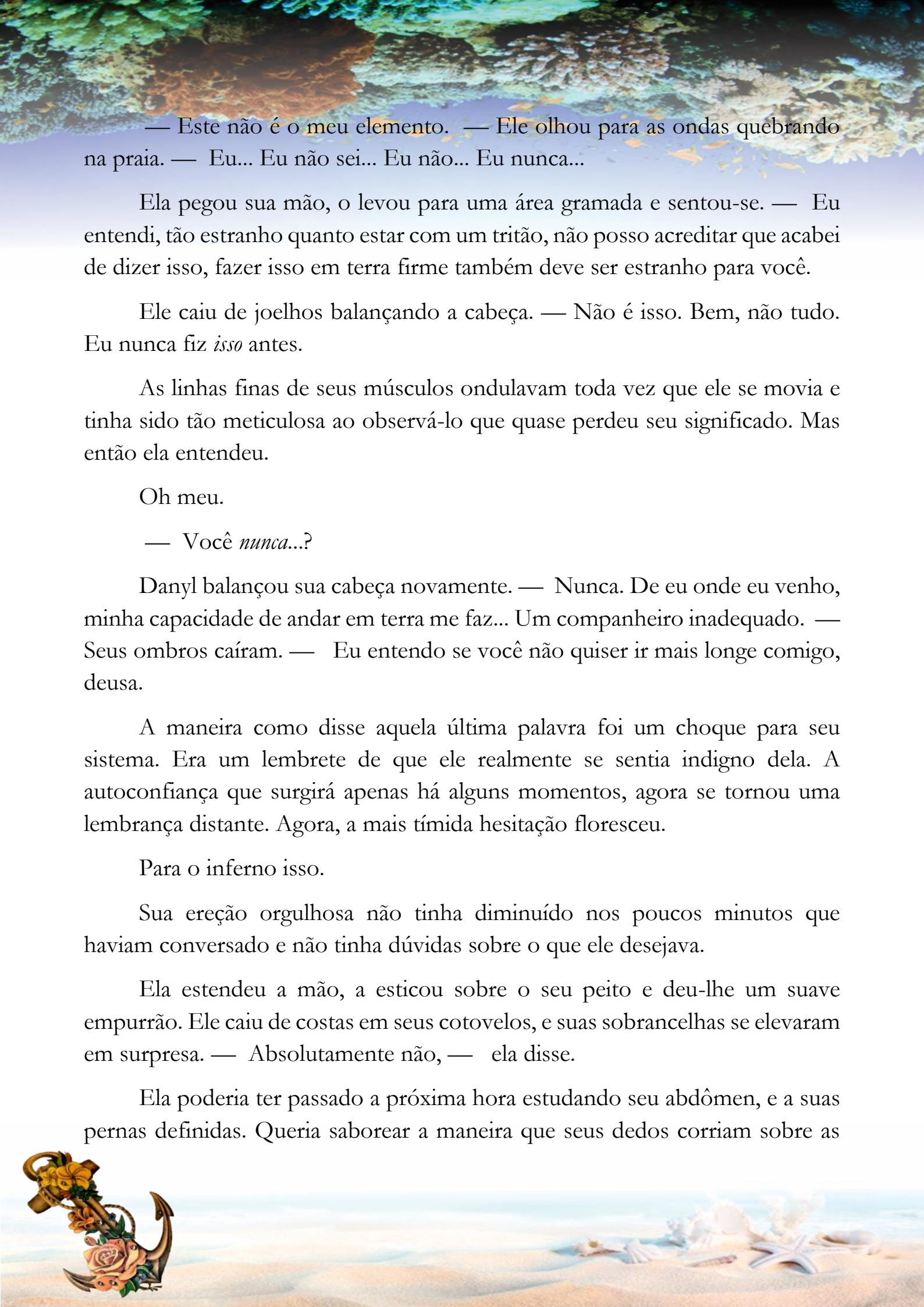
Ela choramingou quando ele retirou a mão, mas depois se afastou olhando quando espalhou sua umidade sobre seu eixo. Se ele pensava que tinha sido despertado antes, cada golpe enviou ondas de choque que o atravessou.

— Você nunca mostraria que não é humano, — disse ela. — Suas feições, seu corpo, suas palavras e ações são muito humanas, se eu não tivesse visto por mim mesma... — Ela ergueu os olhos para encontrar os dele. — Me mostre como agradá-lo, Danyl. Eu quero ter certeza de fazer certo.

...

Havia algo de cativante sobre como o rosto dele corou. Parecia timidez. Certamente, ao contrário do homem que acabará de dar-lhe um orgasmo gritante, apenas há alguns minutos.





— Este não é o meu elemento. — Ele olhou para as ondas quebrando na praia. — Eu... Eu não sei... Eu não... Eu nunca...

Ela pegou sua mão, o levou para uma área gramada e sentou-se. — Eu entendi, tão estranho quanto estar com um tritão, não posso acreditar que acabei de dizer isso, fazer isso em terra firme também deve ser estranho para você.

Ele caiu de joelhos balançando a cabeça. — Não é isso. Bem, não tudo. Eu nunca fiz *isso* antes.

As linhas finas de seus músculos ondulavam toda vez que ele se movia e tinha sido tão meticulosa ao observá-lo que quase perdeu seu significado. Mas então ela entendeu.

Oh meu.

— Você *nunca*...?

Danyl balançou sua cabeça novamente. — Nunca. De eu onde eu venho, minha capacidade de andar em terra me faz... Um companheiro inadequado. — Seus ombros caíram. — Eu entendo se você não quiser ir mais longe comigo, deusa.

A maneira como disse aquela última palavra foi um choque para seu sistema. Era um lembrete de que ele realmente se sentia indigno dela. A autoconfiança que surgirá apenas há alguns momentos, agora se tornou uma lembrança distante. Agora, a mais tímida hesitação floresceu.

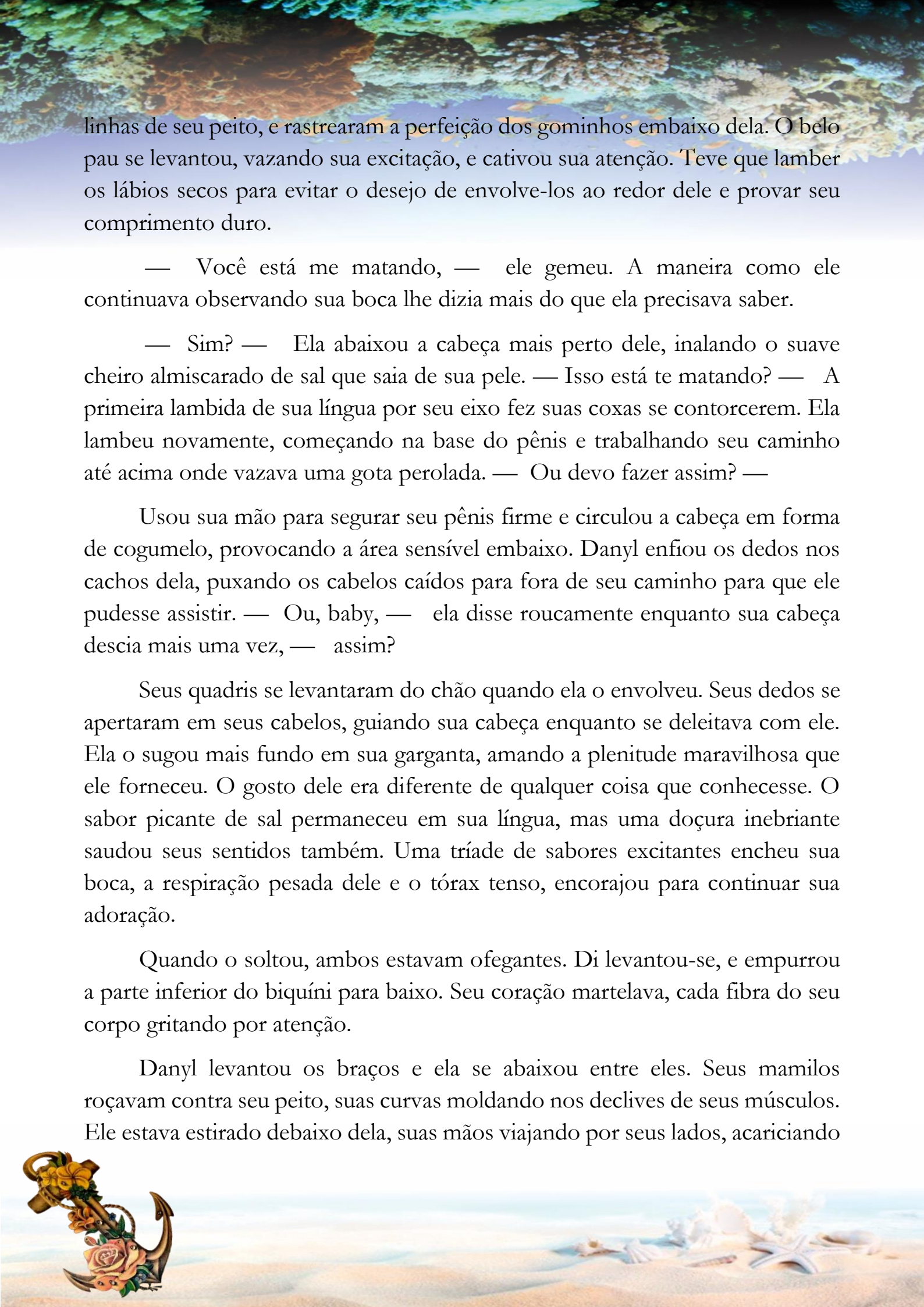
Para o inferno isso.

Sua ereção orgulhosa não tinha diminuído nos poucos minutos que haviam conversado e não tinha dúvidas sobre o que ele desejava.

Ela estendeu a mão, a esticou sobre o seu peito e deu-lhe um suave empurrão. Ele caiu de costas em seus cotovelos, e suas sobrancelhas se elevaram em surpresa. — Absolutamente não, — ela disse.

Ela poderia ter passado a próxima hora estudando seu abdômen, e a suas pernas definidas. Queria saborear a maneira que seus dedos corriam sobre as





linhas de seu peito, e rastream a perfeição dos gominhos embaixo dela. O belo pau se levantou, vazando sua excitação, e cativou sua atenção. Teve que lambe os lábios secos para evitar o desejo de envolve-los ao redor dele e provar seu comprimento duro.

— Você está me matando, — ele gemeu. A maneira como ele continuava observando sua boca lhe dizia mais do que ela precisava saber.

— Sim? — Ela abaixou a cabeça mais perto dele, inalando o suave cheiro almiscarado de sal que saia de sua pele. — Isso está te matando? — A primeira lambida de sua língua por seu eixo fez suas coxas se contorcerem. Ela lambeu novamente, começando na base do pênis e trabalhando seu caminho até acima onde vazava uma gota perolada. — Ou devo fazer assim? —

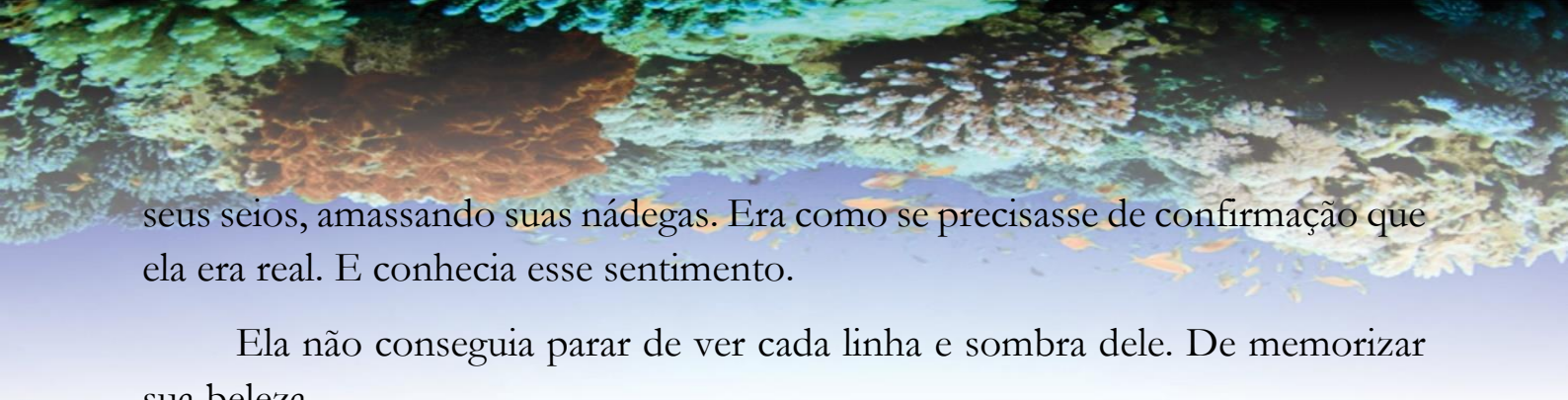
Usou sua mão para segurar seu pênis firme e circulou a cabeça em forma de cogumelo, provocando a área sensível embaixo. Danyl enfiou os dedos nos cachos dela, puxando os cabelos caídos para fora de seu caminho para que ele pudesse assistir. — Ou, baby, — ela disse roucamente enquanto sua cabeça descia mais uma vez, — assim?

Seus quadris se levantaram do chão quando ela o envolveu. Seus dedos se apertaram em seus cabelos, guiando sua cabeça enquanto se deleitava com ele. Ela o sugou mais fundo em sua garganta, amando a plenitude maravilhosa que ele forneceu. O gosto dele era diferente de qualquer coisa que conhecesse. O sabor picante de sal permaneceu em sua língua, mas uma doçura inebriante saudou seus sentidos também. Uma tríade de sabores excitantes encheu sua boca, a respiração pesada dele e o tórax tenso, encorajou para continuar sua adoração.

Quando o soltou, ambos estavam ofegantes. Di levantou-se, e empurrou a parte inferior do biquíni para baixo. Seu coração martelava, cada fibra do seu corpo gritando por atenção.

Danyl levantou os braços e ela se abaixou entre eles. Seus mamilos roçavam contra seu peito, suas curvas moldando nos declives de seus músculos. Ele estava estirado debaixo dela, suas mãos viajando por seus lados, acariciando





seus seios, amassando suas nádegas. Era como se precisasse de confirmação que ela era real. E conhecia esse sentimento.

Ela não conseguia parar de ver cada linha e sombra dele. De memorizar sua beleza.

A cabeça de seu pau alinhou na entrada de sua vagina. Jogou de lado a noção de que o provocaria mais um pouco, pois a sede de seu próprio desejo precisava ser apagada. Ela teve que fechar os olhos enquanto deslizava em sua ereção, empalando-se em uma série de balanços curtos. Seus lábios se esticaram deliciosamente ao redor dele, espalhando-se e dando-lhe boas-vindas dentro dela.

— Deuses. — Seu gemido baixo fez seu pulso acelerar.

As mãos de Danyl fecharam em conchas nas suas coxas e com um movimento lento e deliberado, inclinou seus quadris sobre ele. Ela se balançou até que seu coração ameaçou galopar longe de seu peito, deslizando seu comprimento e construindo sua paixão até que enviou tremores que ecoavam através de seus membros.

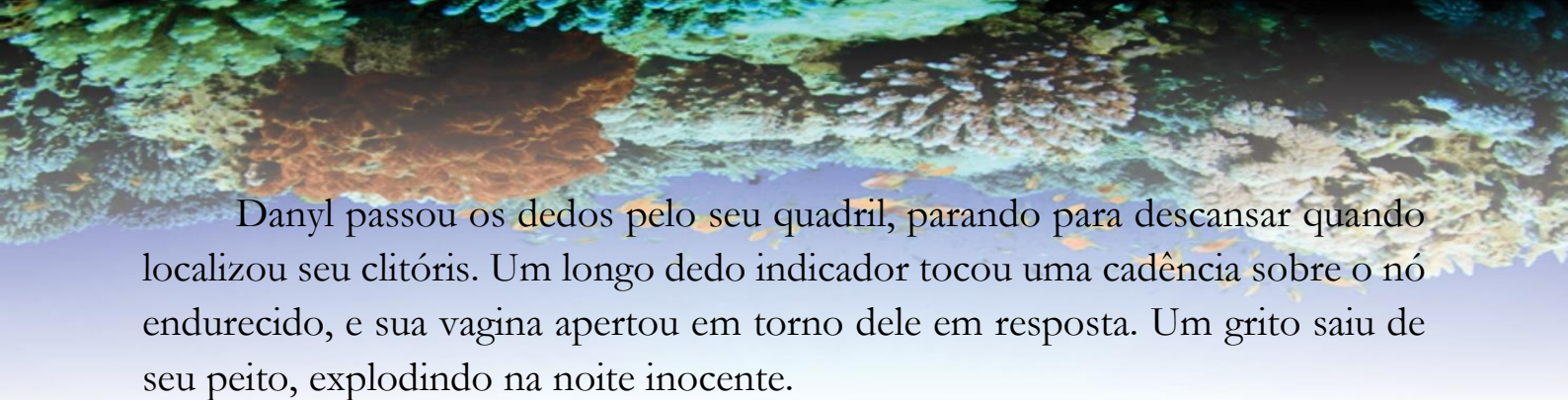
Seus seios balançavam com o esforço, mas Danyl manteve seu olhar prateado fixo no dela. Ela se inclinou para trás, e a plenitude dele se intensificou. Seu ritmo aumentou. Os sons de suas respirações rápidas e os baixos gemidos em coro com as ondas quebrando além deles.

Seus dedos tremiam enquanto acariciava o rosto dele. Esta conexão entre eles, começando onde seu corpo encontrava o dela.

— Aphrodite, — ele murmurou, — *agapimeni...* — Olhando em seus olhos, ele cantou a palavra estrangeira repetidamente. — *Agapimeni*, Aphrodite...

Ela não sabia o significado, mas conhecia o tom. Era o mesmo usado entre sua avó e seu avô, casados há quarenta e sete anos. Era o que ouviu entre sua melhor amiga, Ella, e seu filho no dia de seu nascimento. Era a que seu coração se aferrava e esperava por todos esses anos.





Danyl passou os dedos pelo seu quadril, parando para descansar quando localizou seu clitóris. Um longo dedo indicador tocou uma cadência sobre o nó endurecido, e sua vagina apertou em torno dele em resposta. Um grito saiu de seu peito, explodindo na noite inocente.

A brisa girava ao redor deles acariciando seus corpos, levantando seus cabelos em uma cortina que caiu em torno de seus ombros e tocou seu peito. O choque estrondoso das ondas com o litoral tentou afogar o som de seus batimentos cardíacos acelerados, mas isso não seria interrompido. Não seria silenciado nesta corrida enlouquecedora de prazer.

— Danyl, — ela exclamou. Tremores dispararam através dela, cada pulso deslizava de onde seus dedos dançavam sobre seu clitóris. As pontas de seus dedos cavaram em seu quadril, seu corpo se empurrava mais rápido e mais profundo dentro dela.

— Aphrodite... — Ele engoliu em seco, sua garganta golpeando estremecimentos semelhantes ao que faziam seu estômago apertar e afrouxar contra suas coxas.

Ela balançou os quadris mais rápido, a dor prazerosa de seu aperto concentrando as ondas emanadas de onde seu corpo empalou e completou o dela. Ele disse seu nome uma última vez, um último suspiro estrangulado antes de se esticar debaixo dela. Ela jogou a cabeça para trás, arqueando, e gritou roucamente enquanto seu pênis pulsava. Danyl enterrou seu pau dentro dela, seus quadris levantando-se do chão em um esforço para ir mais profundo, para esvaziar tudo de si, toda a sua porra em jatos contra o seu útero.

Di caiu para a frente, seus membros enfraquecidos e incapazes de suportar seu próprio peso. Seu peito se apoiou contra o dele, ambos lutando para controlar suas respirações frenéticas.

Os braços de Danyl enrolaram em suas costas. Ele a acariciou em longos e luxuosos golpes, trazendo para ela mais conforto do que jamais conhecera.



— Obrigado, *agapimeni*¹⁰, Obrigado. — Ele murmurou.

¹⁰ Por curiosidade, é uma palavra em grego que significa amada.



Capítulo Seis



Ficaram de mãos dadas e deixaram que as ondas espumosas fizessem suaves cocegas em seus tornozelos. Estava com o traje prateado novamente, porque em sua avaliação anterior era um pouco prematuro e o clima muito frio para menos. Além disso, ela tinha aproximadamente um quilometro e meio adiante e ninguém tinha que dizer que ela atrairia olhares estranhos se aparecesse de biquíni.

— Não quero ir. — Danyl disse. — Acredite, não quero, mas tenho uma tarefa que preciso completar. De fato, estarei perto do barco novamente. Há algo nela que precisa pegar?

Chutou uma concha quebrada com a ponta do pé. Uma onda a levou para o mar um minuto depois. — Não, tenho tudo o que preciso.

Passou a mão pela moeda agora nua em sua mão, desde a primeira vez que a encontrou, repará-la não tomou muito esforço ou habilidade. Era a única coisa do *Anêmona do Mar*, ao lado do barco, que precisava.

Porque então sentia esta dor no peito? Ela deveria estar exultante pelo trabalho de sua vida seus sonhos, estarem a ponto de se realizarem. A vitória sentia-se vazia, no entanto.

O sol alaranjado começava a subir ao céu, iluminando um caminho através do horizonte no oceano. Nuvens à distância refletiam tons laranja e avermelhados, um arranjo de cores que a convidava olhar novamente o que sempre foi seu primeiro amor.

— Alguma vez o verei novamente? — Perguntou ela com timidez.

Danyl apertou sua mão mais forte antes de soltá-la. Virou-se entrando em seu espaço e segurou seu rosto. Ela o olhou nos olhos e pela décima vez decidiu que facilmente poderia viver uma eternidade neles. — Se alguma vez precisar





de mim, para qualquer coisa, fique de pé à beira mar e chame meu nome. Virei a você.

Este conhecimento deveria tê-la deixado feliz, mas simplesmente não era suficiente. Ela não queria que entrasse no mar, provavelmente nunca o veria novamente. Além dos milhares de perguntas que queria fazer sobre os tritões e sereias, o ponto da questão era que não queria perde-lo.

—Em qualquer lugar? — Perguntou ela, tirando o rosto de suas mãos. Seu olhar caiu porque ela não queria que ele visse as lágrimas estúpidas que continha.

Lágrimas? Chegou mesmo a este ponto?

Conteve um suspiro também. Já que o esforço para as impedir de cair pelas bochechas fazia seus olhos arder agora, muito mesmo.

Seu polegar acariciou a bochecha e logo pegou uma gota de lágrima que conseguiu escapar do canto de seu olho. Seu tato era suave quando ele levantou seu queixo novamente.

O beijo que pressionou em seus lábios foi tão suave como uma nuvem. — Em qualquer lugar.

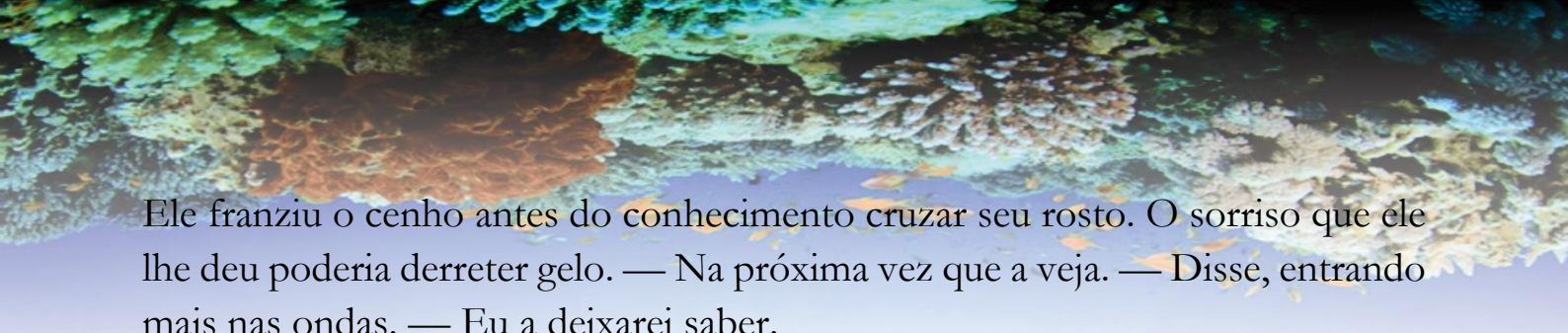
Aproximou-se mais da água, mas seus pés ficaram cravados na areia. Ela mordeu o lábio inferior, preocupando-se com os dentes neles. Tinha que haver alguma razão para que ficasse um pouco mais, verdade? Por agora, seu barco estava completamente arruinado. Ela realmente não tinha nenhuma razão para sair correndo.

—Danyl. — Ela chamou. A água salpicou seus joelhos agora. Era impossível saber quanto mais iria adentrar antes de se transformar novamente em um tritão.

Um tritão. Merda. Ainda tinha problemas com isso.

—Danyl. — Disse novamente. Não vá. Estas duas palavras ficaram presas em sua garganta, negando-se a se mover. Precisou de apenas um olhar a seus comoventes olhos para deixá-la nervosa. Pensando rapidamente acrescentou.
— O que quer dizer esta palavra?





Ele franziu o cenho antes do conhecimento cruzar seu rosto. O sorriso que ele lhe deu poderia derreter gelo. — Na próxima vez que a veja. — Disse, entrando mais nas ondas. — Eu a deixarei saber.

Mas e se nunca nos encontrarmos novamente? O pensamento brilhou em sua mente antes de ser esmagado pelo olhar afiado de Danyl. Ele sabia que voltariam a se encontrar. Tudo em sua voz dizia que contava com isto.

—Até a próxima vez então. — Sussurrou. Ainda assim, seus olhos ardiam enquanto via a água subir mais a medida que se ia. Quando finalmente a água cobriu sua cintura, Danyl deu uma impressionante volta para trás na água para desaparecer da vista.

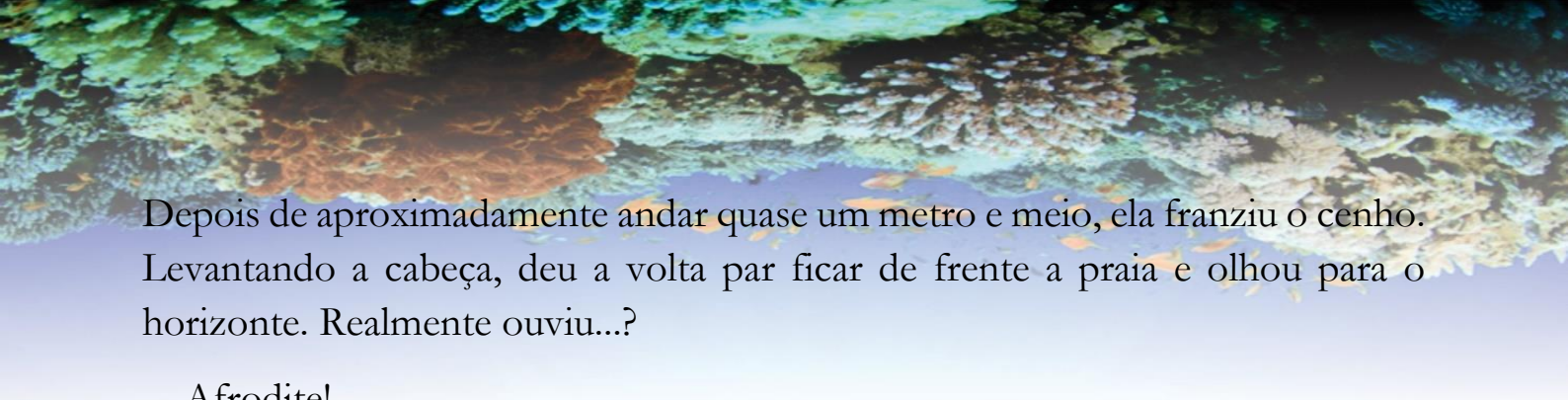
Sua boca se abriu antes que pudesse mergulhar completamente. Desapareceram suas magras e musculosas pernas, já que estava na praia. Em seu lugar, uma cauda em tons azuis e verdes apareceu. Seus extremos afunilados até a ponta tinha um branco em padrão delicado. Não havia escamas propriamente, mas o padrão parecia uma decoração única que de forma compreensível poderia se confundir com escamas. Sua formação em biologia marinha e o jogo de luz do sol nascendo ajudaram a distinguir os contornos, no entanto. Assim mesmo, não pode evitar perceber que na parte baixa do ventre da cauda, agora faltava um detalhe muito importante e excitante.

Oh bem. Aparecia quando precisava.

Divertida com suas próprias preocupações inquietantes sobre sexo, seu coração acelerou um pouco e um sorriso ameaçou tomar forma. Ela o veria novamente. Tinha certeza disso também.

Depois de apenas uns minutos para recolher o que precisava pegar e achar o caminho que levava a praia privada do hotel local. Uma vez ali, pediria um telefone emprestado e começaria a fazer os arranjos para seus próximos movimentos. Precisava substituir seu barco assim que o dinheiro do seguro chegasse, falar com seu contato na universidade e logo uma vez que tudo estivesse pronto, cairia na cama para dormir por um mês.





Depois de aproximadamente andar quase um metro e meio, ela franziu o cenho. Levantando a cabeça, deu a volta par ficar de frente a praia e olhou para o horizonte. Realmente ouviu...?

—Afrodite!

O traje caiu de suas mãos, mas ela não se importou. Como em um sonho, correu para a água, uma vez dentro desacelerou e apenas quando a resistência em suas pernas a obrigou fazê-lo.

—Você a tem Afrodite. — Danyl chamou quando se separou das ondas novamente, sua voz tremula pela emoção. Uma distância de não mais de três metros os separava. — Você tem a chave que procuro!

Era um pressentimento. Apenas um arrepio em sua nuca. Mas graças aos deuses, ele iluminou os corais quase imediatamente depois de localizá-la e rastrear a localização da chave...

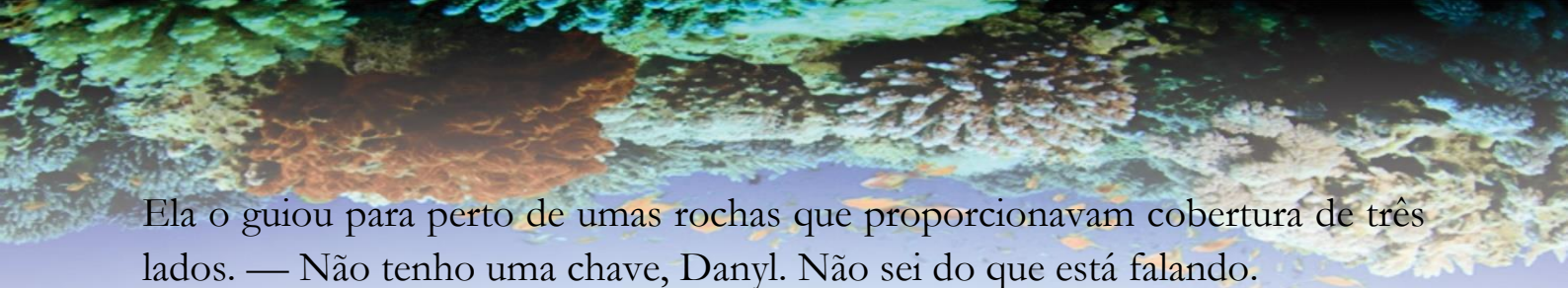
Direto a sua deusa.

—Temos que nos vestir antes que alguém o veja. —Murmurou enquanto caminhavam para a areia.

Danyl não se importava com isto. Acostumou-se ao lento olhar dela percorrendo seu corpo cada vez que se aproximava nu. Com cada centímetro percorrido seu corpo se esquentava gradualmente, parando justo antes da combustão. Agora que ele também se acostumou com o membro que aparecia, gostava de sua típica reação também. O pulsar da necessidade, o alongamento e suave grossura. Teve que lutar contra cada impulso de jogá-la na areia e entrar em sua umidade novamente. O que era uma sensação incrível!

A razão prevaleceu e balançou a cabeça. —Não importa porque sairei novamente assim que me entregar a chave. Eu irei embora antes que alguém me veja. — Ela ficou rígida ao lado dele e ele fez uma careta. Em retrospectiva, soou mal a forma como disse. — Di, preciso da chave,





Ela o guiou para perto de umas rochas que proporcionavam cobertura de três lados. — Não tenho uma chave, Danyl. Não sei do que está falando.

—Rastreei a chave até você mais de uma vez. Parecia estar no barco, mas quando procurei novamente, fiz um seguimento até você. Tem certeza?

Ela afastou o olhar e perguntou em voz baixa. — Como é?

Algo em seu olhar, seu tom o fez desconfiar. — É um disco plano. Gravado com um rosto de um lado, escrito no outro. É antiga e... — A forma como cruzava os braços, abraçando a si mesma, ainda sem querer olhá-lo no rosto era muito familiar. Sua deusa se afastou, uma mudança completa de antes. Sua voz ficou mais baixa e até mesmo ouviu a angustia nela. — Sabe do que estou falando agora, verdade?

—Porque precisa dela? — Desafio cobria cada sílaba de sua pergunta.

Antes que pudesse responder, inclinou-se para trás. — Porque você precisa dela?

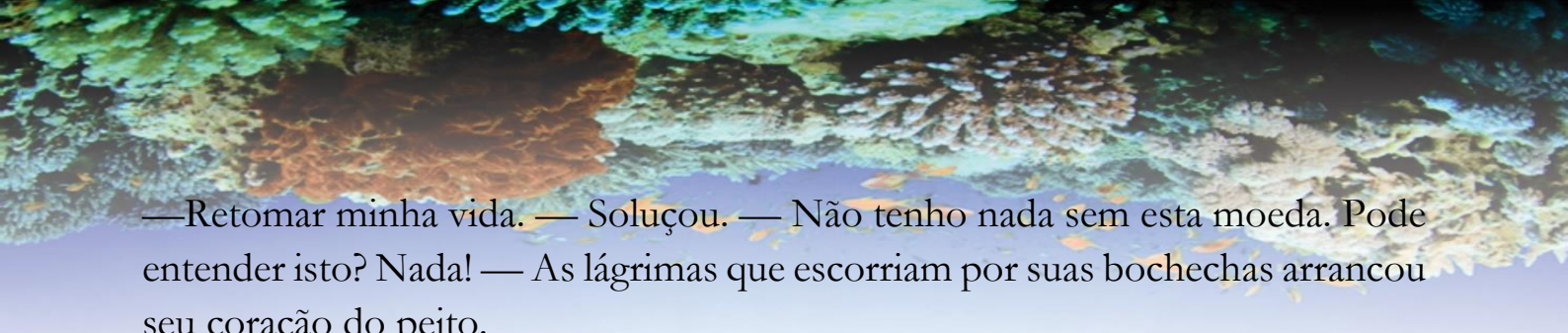
Seus olhos brilharam quando se lembrou do passado. — A moeda é tudo o que tenho. — Sua voz ficou amarga. — Não há trabalho. Nenhum barco. Não há dinheiro. Apenas a moeda.

—Sem família. Sem honra. Não há futuro. Apenas uma chave para recuperar um pouco, apenas um indício do que poderia ter de volta. — Respondeu, olhando para baixo. Merda. Algo dentro dele morria a cada segundo que a olhava com os olhos cheio de lágrimas, mas não podia voltar atrás. Não se tratava disso.

—Mas ainda não disse porque precisa dela. — Seu corpo inteiro se sacudiu.

Seu lábio superior se curvou em uma careta. — Par vingar a morte de minha mãe. Para ganhar a entrada ao lugar onde vive meu pai e matá-lo pelo assassinato de minha mãe. O que você poderia querer com ela?





—Retomar minha vida. — Soluçou. — Não tenho nada sem esta moeda. Pode entender isto? Nada! — As lágrimas que escorriam por suas bochechas arrancou seu coração do peito.

Deuses, estava em um beco sem saída. Não podia seguir adiante sem a maldita chave e, obviamente, ela também não. Apertando a mandíbula, empurrou para trás a ira e a frustração. Seu corpo estava rígido quando ele a segurou nos braços. — Sinto muito. — Murmurou. — Sinto muito. Vamos resolver isto.

Quando ela se soltou em seus braços e envolveu os seus em sua cintura, ele soltou um suspiro de alívio. Eles estremeceram juntos, abraços apertados, até que por fim sua ira se acalmou e poderia conversar com ela sem atacá-la como um tubarão atrás de sangue. Di deixou de temer em uns poucos minutos.

—O que disse é horrível Danyl. Tem certeza? De verdade quer matar seu pai?

Olhou por cima do ombro para o sol que a muito tempo subiu pelo horizonte.

Logo as pessoas estariam vagando pela praia e como ela disse, alguém os veriam. Tinha que convencê-la a entregar a moeda rapidamente. — Ele matou minha mãe por ter a mim. Sou o único que se preocupa com ela o suficiente para vingá-la, Di. É um ser muito poderoso e o lugar no qual vive é inacessível. Mas com esta chave...

—É poderoso o suficiente para mata-lo?

Deveria saber que iria perguntar. — Sim. Talvez se não for rápido o suficiente ou inteligente, pode me destruir muito antes de ter a oportunidade de mata-lo.

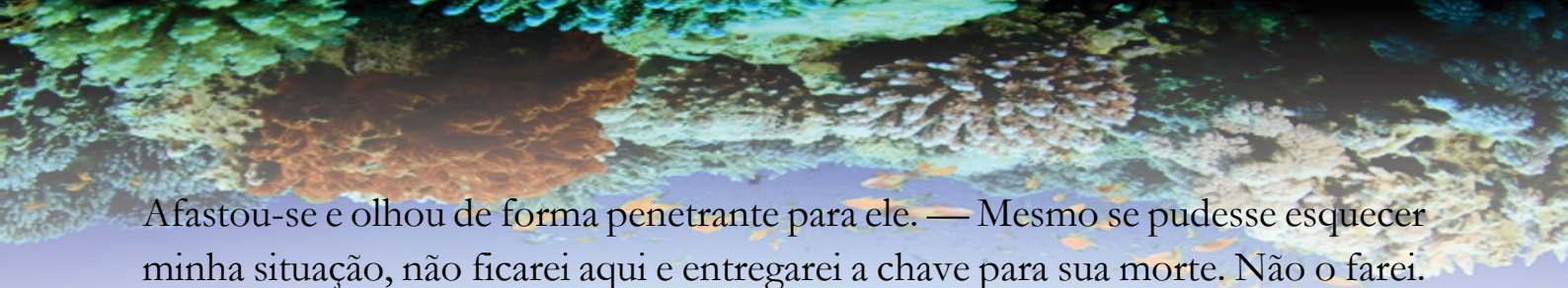
—Danyl. — Ofegou ela. — Soa como se aceitasse isto. — Ela balançou a cabeça. — Não, não quero que isto aconteça.

—Tenho que ir embora antes que alguém me veja, Di.

—Danyl?

—O sol está alto e as pessoas irão aparecer logo.





Afastou-se e olhou de forma penetrante para ele. — Mesmo se pudesse esquecer minha situação, não ficarei aqui e entregarei a chave para sua morte. Não o farei.

Seus olhos verdes se encheram de preocupação. Por ele. Este reconhecimento foi o suficiente para fazer que deixasse de respirar. Deuses, poderia realmente se atrever a sonhar, ter esperança de que a vida que sempre temeu levar, poderia incluí-la? Porque se o fizesse, uma morte prematura já não o chamaria como o fez uma vez.

—O que acontece se fizer uma promessa, dar-lhe uma garantia iria lhe satisfazer? Se pudesse pedir emprestada a moeda, como você diz e logo devolvê-la quando terminar, pode conseguir o que tanto quer. —Uma vez que lhe entregasse a chave, não seria capaz de virar as costas a isto, mas outros como ele existiam. Se asseguraria que levassem a moeda a ela. Claro, isto se conseguisse sair com vida. Ele não podia ter certeza, claro, mas faria o impossível para tentar. Teria que ser o suficiente.

Ela o olhou com desconfiança, com a cabeça inclinada. — Você não iria tomar nenhum risco sem necessidade? Como pode me garantir algo assim?

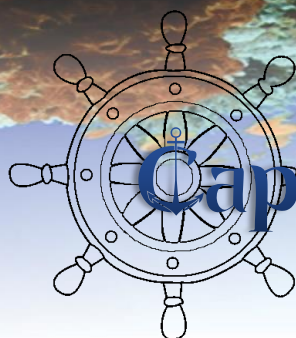
Não havia como ela deixar tudo fácil. Ele reconhecia agora. — É tudo o que tenho a oferecer. Minha palavra.

—O que não importa se estiver morto, idiota!

Outro beco sem saída. Outros homens tiveram que ter uma conversa tão dura com suas companheiras? O pensamento o sobressaltou. Companheira? Quando Di passou de ser esta linda humana a sua companheira?

Di plantou os pés na areia e fechou os punhos de ambos os lados dos quadris, olhando-o com os olhos mortos, dizendo. — Se quer tanto esta chave Danyl, a única forma de consegui-la é levar alguém que cubra suas costas. E este alguém, baby, serei eu.





Capítulo Sete

Nada do que dizia iria influenciá-la. Inclusive agora, tentava manter o equilíbrio sobre uma perna enquanto deslizava em outro traje. Como no Hades chegaram a este ponto? Danyl queria gritar de frustração. Em seu lugar, caminhava pela praia, amaldiçoando para si mesmo.

Deuses, daria tudo o que tinha para mantê-la a salvo quando buscasse por Ancelin, mas a mulher exasperante caminhava direto para o perigo e com os olhos bem abertos. Gostando ou não, teria que se assegurar que sobrevivesse a esta viagem. Sua vida dependia disso.

—Estou pronta.

Sua breve inclinação de cabeça foi toda a resposta que pode reunir sem iniciar uma discussão novamente. Porque faria isto?

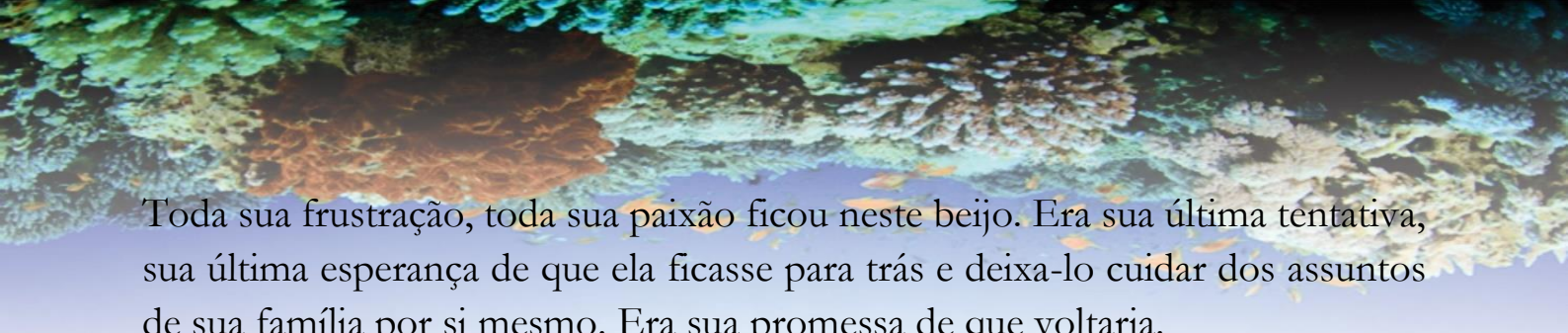
Em nome dos céus, olha que preparação pela qual ela tinha que passar. Odiava que ela precisasse se equipar desta forma, mas o sol da manhã não tinha aquecido o oceano o suficiente ainda. Então, novamente, os preparativos também significavam menos uma coisa com a qual se preocupar em sua viagem. Ele explicou sobre a caverna subaquática, a passagem para o subterrâneo, inclinada para cima até serem capazes de caminhar no chão com facilidade.

Mas perto da parte superior, a água seria tolerável para ela nadar, se não de tudo agradável. Apenas tinha que guiá-los ali e logo a parte difícil começaria.

Ela deu um passo adiante, mas parou quando chegou à beira da água e não estava a seu lado. — Danyl?

Ele tinha uma última oportunidade de impedir esta loucura. Danyl correu a seu lado e a pegou pelos braços. Ficou olhando seus lábios, seus belos lábios grossos e esmagou a boca na dela.





Toda sua frustração, toda sua paixão ficou neste beijo. Era sua última tentativa, sua última esperança de que ela ficasse para trás e deixa-lo cuidar dos assuntos de sua família por si mesmo. Era sua promessa de que voltaria.

Mas Di envolveu os braços ao redor de seu pescoço e o beijou. Separou os lábios, a língua brincando com seus dentes antes de deslizar sobre a dele com igual fervor. E enquanto respirava a doçura que era ela, ele sabia que seu jogo não ia funcionar, sua última palavra sobre o assunto. Era sua promessa de que ela ficaria ao seu lado, não importava o que acontecesse.

Um silvo a distância limpou sua mente confusa quando começou a perder-se neste beijo. Ainda estavam em uma praia pública e sua nudez não seria apreciada pelos demais.

Especialmente agora com sua orgulhosa ereção em exibição.

Com um gemido final de renúncia, ele se afastou e segurou a mão dela. — Vamos, deusa. Vamos encontrar meu pai.

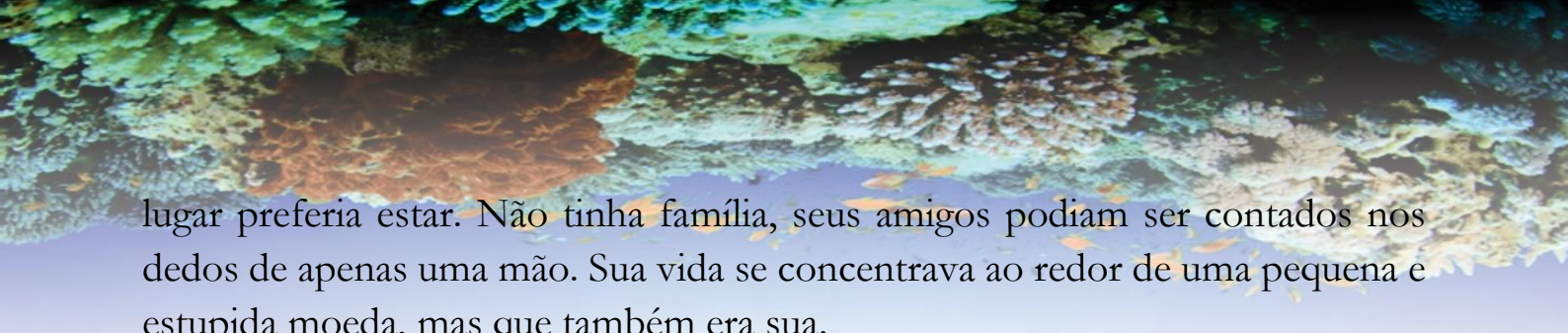
Estar sob a água sempre encheu Di de uma paz que quase não sentia em outros lugares. O fluxo suave, rítmico de sua respiração era o único som. Sob o mar, era apenas ela e seus pensamentos.

Neste momento, seus pensamentos giravam ao redor do tritão nadando ao seu lado. Esqueceu de perguntar sobre seu povo e como ele sabia seu idioma, o inglês.

Cada vez que ia embora repreendia a si mesma por ter se esquecido de perguntar sobre suas pernas e capacidade de mudar para uma cauda. Ela queria perguntar sobre sua vida, sua família... tudo. No momento que voltava, no entanto, nenhuma destas coisas importava mais. Ela queria aproveitar todo o momento que tinham juntos.

Agora o acompanhava em alguma missão louca para vingar sua mãe e em qualquer outro dia, ela poderia ter repreendido a si mesma por ter concordado em ir com ele. Neste dia, no entanto, não podia deixar de pensar em que outro





lugar preferia estar. Não tinha família, seus amigos podiam ser contados nos dedos de apenas uma mão. Sua vida se concentrava ao redor de uma pequena e estúpida moeda, mas que também era sua.

Nadou muito mais rápido desta vez e tudo se movia ao seu redor. Em um dado momento, fechou os olhos e desfrutou da força mágica da água, já que estavam de mãos dadas. Logo, mergulharam mais profundamente e se obrigou a se concentrar ao seu redor quando ele mudou sua posição para ascendente. Não podia ver uma merda. Apenas tudo negro de todos os lados.

Danyl apertou sua mão e os leves tremores de medo em seu coração começou a diminuir um pouco.

Rompeu à superfície, mas em lugar da luz que ela assumiu que estaria ali, mais escuridão lhes deu as boas-vindas.

Ele colocou a mão em uma bancada. —Irei criar um pouco de luz para você. Fique aqui. —Um forte ranger soou um momento mais tarde e teve que estreitar os olhos conta a luz.

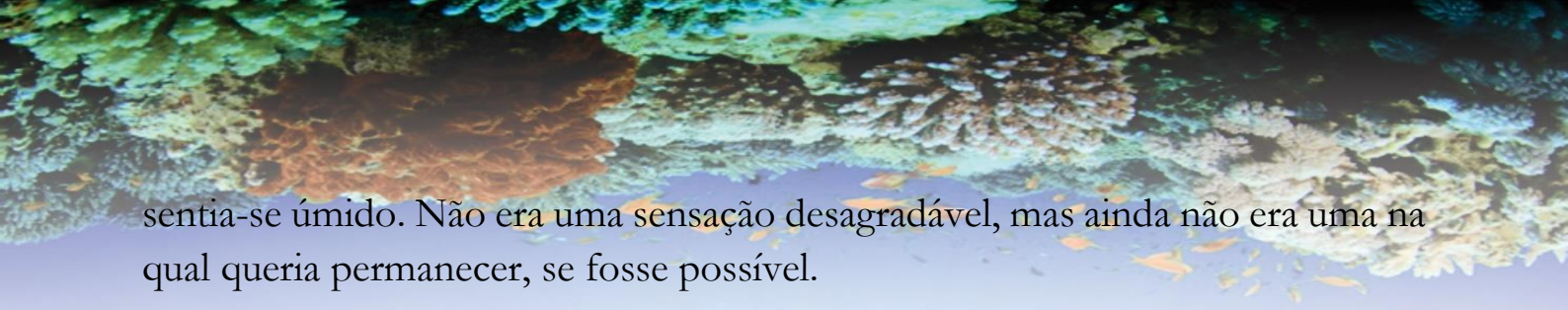
—O que é isso? — Agora que podia ver onde ia, Di arrastou a si mesma sobre a bancada. Apesar do uso do tanque de oxigênio, seu peito subia e descia rapidamente. Ela apenas agora percebeu o esforço, a fadiga de viajar junto a ele. Danyl, ao contrário, não parecia sentir nada.

—Acho que se chama quartzo. Quando esfregado em conjunto, produz um pouco de luz. Envoltos em uma carcaça fluorescente, a propriedade se intensifica ao que se vê agora. Se começa a escurecer, apenas precisa agitá-lo e voltará a brilhar.

—Nunca ouvi falar de sua propriedade fluorescente. — Murmurou olhando a fonte de luz. — Assombroso.

Ela levantou os olhos e observou a caverna. Era simples e realmente se parecia com todas as cavernas nas quais se aventurou entrar. Estalactites e pequenas correntes de água pingando decorava o teto e o chão. Se ela olhasse nos cantos pequenas criaturas com múltiplas patas passavam correndo. O ar cheirava e





sentia-se úmido. Não era uma sensação desagradável, mas ainda não era uma na qual queria permanecer, se fosse possível.

Desceu os pés, a areia rangia e se movia.

—Vamos começar a andar, deusa. Quando completarmos esta tarefa, irei mostrar a você vistas do oceano que nunca testemunhou, prometo.

O pulso acelerou um pouco por isso. — Abra o caminho.

Cerca de cinquenta metros, parram ante uma grande pedra, ao parecer o final da caverna. Levantou a luz, movendo a pequena pedra para os cantos, mas sem nenhum resultado.

—Estamos aqui. — Disse em voz baixa a sua pergunta não formulada.

A pergunta era, aqui onde?

—Caronte! — Danyl gritou. Chamou o homem duas vezes mais e esperou. Acreditou reconhecer o nome, mas não podia colocar seu dedo onde não conhecia.

A última coisa no mundo que esperava ver era uma parede se abrir como duas portas de elevador para revelar outra caverna, está mais escura e mais assustadora que a anterior, na qual se encontravam. A diferença ainda maior fluía por seu centro.

Ainda assim, Danyl reagiu ao rio que passava bruscamente a seus pés como se entediado. Os braços cruzados sobre o peito, ficando na escuridão. Di tomou seu tempo par deixar cair o tanque de oxigênio de suas costas, mas manteve o traje e as botas. Se tivessem que sair correndo, quanto menos coisas para vestir, era melhor.

Caronte. Ela conhecia este nome. Tinha certeza. —Danyl, quem é Caronte? Sinto que conheço, mas me escapa no momento.

Poderia ter sido uma obra da luz, mas seus enigmáticos olhos prateados ficaram tempestuosos. Uma sombra cobria seus finos traços e pela primeira vez, percebeu o quanto estava decidido a completar sua missão.



—Caronte é o barqueiro do rio Aqueronte¹¹... que flui por aqui agora.

Jesus.

Tudo apareceu a ela de uma vez em uma exorbitante lembrança. Para chegar ao Hades, o submundo, almas foram transportadas através do rio Aqueronte por um barqueiro.

Era exigido para a passagem um óbolo —uma moeda que colocavam sobre a boca de um defunto ou ao seu lado antes de seu sepultamento. Se uma família fosse muito pobre para realizar este ritual, a alma podia cruzar o Aqueronte, mas apenas tinha que passar na margem do rio cem anos, esperando sua vez.

Com dedos trêmulos, ela procurou sob o traje prata e puxou a pequena moeda. Em seus dias, a peça feita a mão valia uma miséria. O preço era pequeno e servia como uma lembrança para o pobre e o rico, de que qualquer pessoa poderia entrar no Hades.

—Venha comigo. — Disse Danyl, estendendo a mão. —Vamos esperar na margem do rio. Acho que será por algumas horas até que chegue aqui e tenho certeza que agora está com fome.

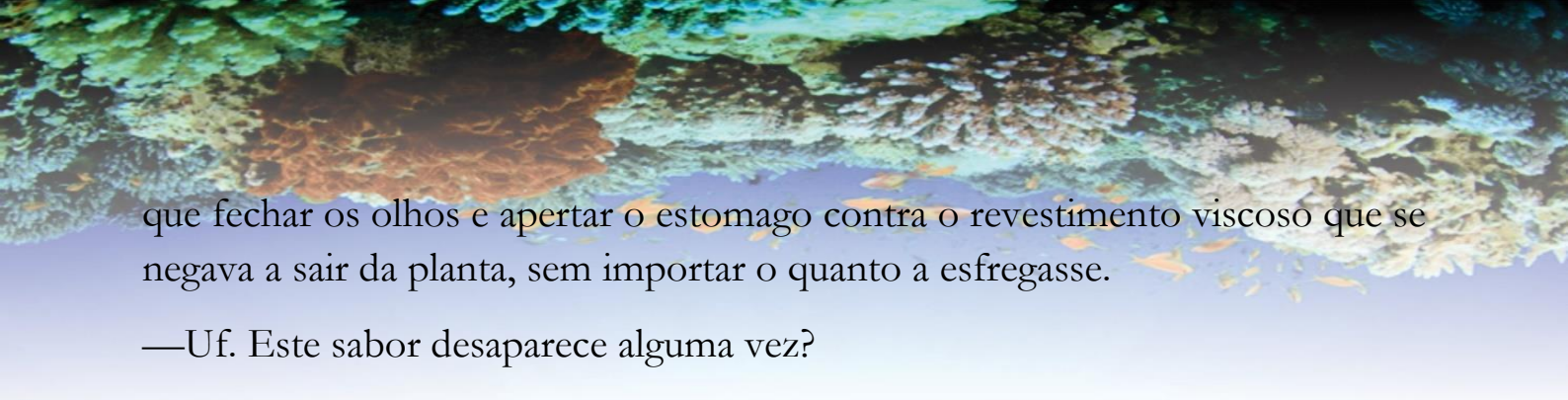
Afastou para trás a moeda e apertou a mão contra suas bordas duras como se lembrando onde a encontrou. Seu estomago escolheu este momento para gritar e um sorriso curvou seus lábios. — Ow. Não me lembro da última vez que comi algo. Deve ter se passado horas.

—Gostaria que estivesse lucida quando encontrarmos meu pai. Temo que não tenho nada que está acostumada, mas vi algumas plantas que pode funcionar como alimento. —Franziu o nariz. — Estou avisando, deusa, não tem um gosto muito saboroso.

Depois de olhar sobre o ombro para o misterioso rio, ela concordou e se foi com ele. Arrancaram algumas plantas que colocou em sua boca e ficava um gosto amargo muito depois que ela as engoliu. Cada vez que enchia a boca, tinha

¹¹ Rio das dores e aflições na mitologia grega.





que fechar os olhos e apertar o estomago contra o revestimento viscoso que se negava a sair da planta, sem importar o quanto a esfregasse.

—Uf. Este sabor desaparece alguma vez?

Deitado de costas e inclinado em um cotovelo, Danyl mastigava um talo. Com grande entusiasmo, chupou a ponta, até que toda a coisa desapareceu. Engoliu saliva e com um sorriso disse. — Em aproximadamente uma hora.

Seu estomago deu uma volta uma vez que o pensamento e outro leve arroto escapou de seus lábios. — Acho que estou doente. —Murmurou.

Danyl estava de pé em um instante. A expressão em seu rosto era séria enquanto corria até ela. Agarrou seu queixo entre os dedos fortes e procurou seus olhos. — Está doente? Qual o problema?

Sentiu em sua voz uma grande preocupação. — Não, estou bem. De verdade. Era apenas um tipo de expressão.

—Tem certeza? Não é muito tarde para voltarmos.

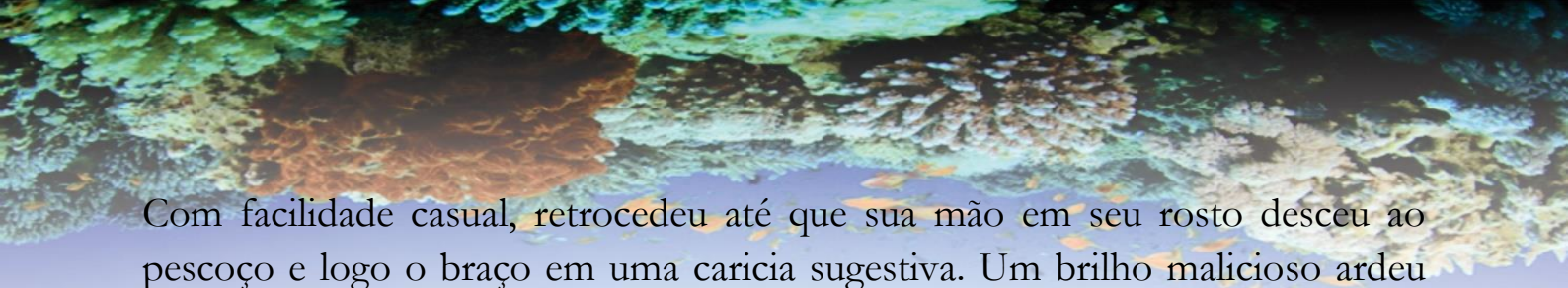
Ela balançou a cabeça. —Você não irá se desfazer de mim tão facilmente. Já disse uma vez e ainda é sério. Se for enfrentar seu pai, precisa de alguém cobrindo suas costas. Este alguém sou eu.

O agarre em seu queixo suavizou até que seus dedos roçaram suavemente sua mandíbula. Há muito tempo a raiva melancólica deixou seus olhos e foi substituída por um brilho quase esperançoso.

—*Agapimèni*, como vivi sem você em minha vida antes? É uma das poucas pessoas que ficaria ao meu lado nisto.

Os cantos de seus lábios se levantaram em um sorriso. —Deve me dizer o que isto significa.





Com facilidade casual, retrocedeu até que sua mão em seu rosto desceu ao pescoço e logo o braço em uma carícia sugestiva. Um brilho malicioso ardeu em seu olhar e sabia que estavam bem.

—Venha comigo para a água. — Murmurou. — E irei mostrar.



Capítulo Oito



Mergulhou na água, ignorando qualquer perigo. Di, por outro lado, o olhou com cautela. A briga com a hipotermia ainda fresca e forte em sua mente, para esquecer.

Danyl mergulhava de forma perfeita na água, a graça de sua cauda uma maravilha para a vista antes de desaparecer sob as escuras e profundas águas. Aproximou-se da superfície novamente e estendeu os braços. —A água está boa, pode vir sem a roupa. Confie em mim.

Ela o fez.

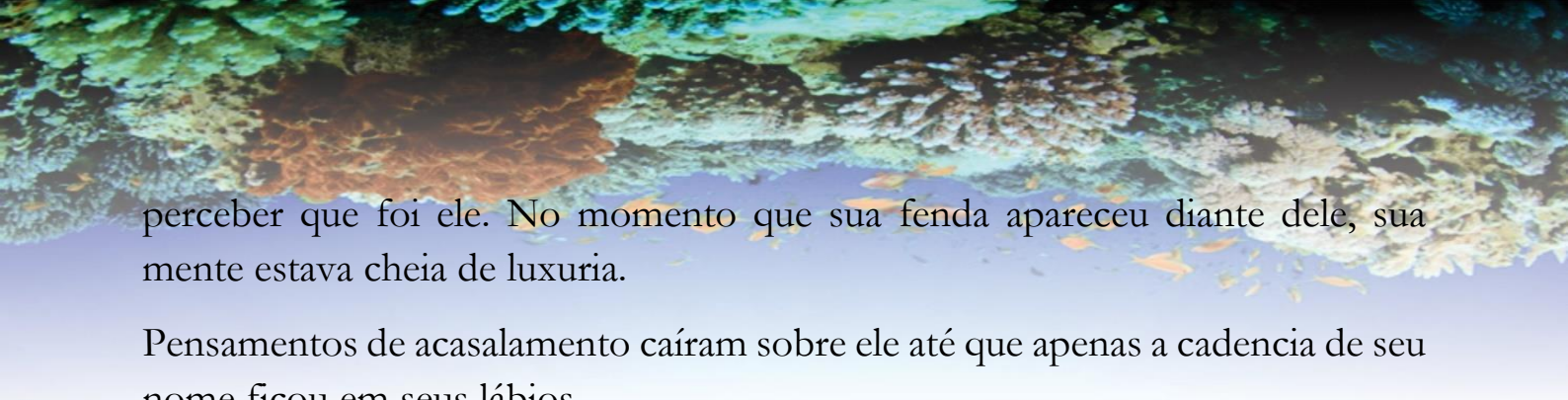
Vê-la tirar a roupa quase levou toda a força de vontade que possuía para não se unir a ela na terra e copular ali mesmo. Mas com o coração acelerado, observou e esperou. Quase se aproximou para vê-la mais de perto, mas não acreditava que seus dedos pudessem suportar a pressão dele escavando na areia compacta. Sua mandíbula recebeu um duro golpe quando apertou os dentes para lutar contra a vontade de entrar nela com seu pênis.

Ele soube com certeza que neste momento, se aproximasse demais, se esqueceria de si mesmo.

Tomou uma respiração profunda para limpar a mente, porque queria compartilhar isto com ela.

Ainda assim, foi uma tortura, quando seus mamilos escuros apareceram nos seios arredondados. Sua garganta secou e obrigou sua língua a molhar os lábios. Logo revelou a pele de sua barriga e a suavidade perfeita. Descendo mais a roupa ele viu seus quadris. Um som baixo ecoou na caverna e levou um minuto para





perceber que foi ele. No momento que sua fenda apareceu diante dele, sua mente estava cheia de luxúria.

Pensamentos de acasalamento caíram sobre ele até que apenas a cadência de seu nome ficou em seus lábios.

Afrodite. Agapimeni. Companheira.

Di ficou agachada e seu olhar caiu na fenda entre suas pernas. Suas dobras rosadas brilhavam enquanto se movia e soltou um gemido gutural. De alguma forma moveu-se mais perto dela e teve que se obrigar a se conter. Mas saber que seu corpo já estava esperando que ele a tomasse, fez seu coração se acelerar com mais anseios. Iria lento. Cuidaria de seu prazer. Mas tinha que fazê-lo agora.

Deixou entrar os pés primeiro e soltou um gemido tão logo sentiu a água. As mechas de seu cabelo dourado em um coque sobre a cabeça e o efeito era deslumbrante. Seu amplo sorriso o chamava. —Você disse que não estava fria.

—Não está.

—Mentiroso.

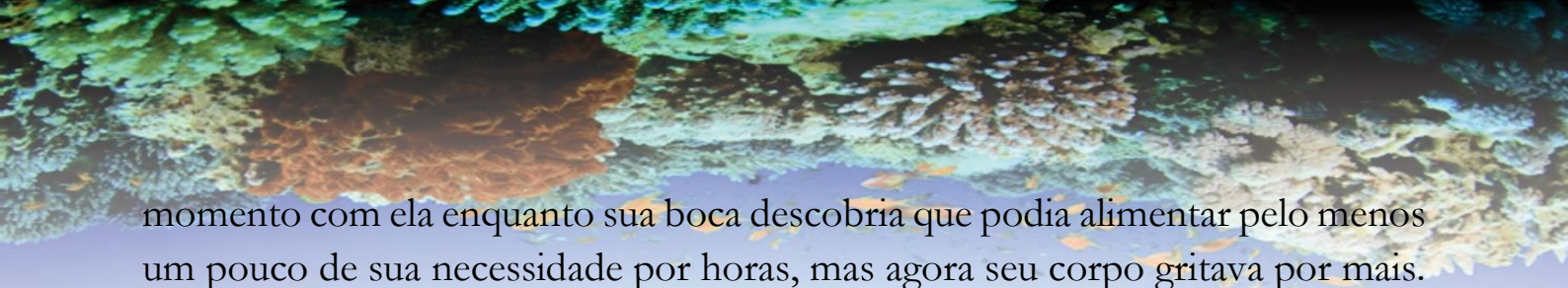
Riu entre dentes. Cada círculo lento que fazia ao seu redor poderia parecer desconcertante de onde ela estava, mas para ele, era a única forma de refrescar seus loucos impulsos. Aproximou-se mais, no entanto, seu olhar cruzou com o dela enquanto ela entrava mais na água. Rodeado pelas ondas, olhava para sua graça e beleza, querendo admirá-la um pouco mais.

—Danyl, como... a água, quero dizer.

Isto era exatamente o que queria lhe mostrar. — Para mim, deusa.

Seus braços foram ao redor de seu pescoço quando ele a tomou nos braços. Os apertados mamilos raspavam em seu peito e provocou uma descarga elétrica que percorreu sua cauda. Sendo está a última vez que poderia beijá-la por um tempo, cobriu sua boca com avidez. Deixou seus lábios se arrastarem da boca para o pescoço, onde seu pulso estava antes de viajar novamente. Para manter-se neste





momento com ela enquanto sua boca descobria que podia alimentar pelo menos um pouco de sua necessidade por horas, mas agora seu corpo gritava por mais.

—Segure a respiração, Di.

Ela olhou em seus olhos e concordou. A intensidade nos olhos verdes lhe dizia muito. Sua confiança total e absoluta residia com ele. Seu peito se expandiu e quando o fez, segurou-a e levou-os sob a superfície.

No primeiro momento, esperou. Se não pudesse lidar com isto, se precisasse subir o faria imediatamente. O que ela precisasse. Mas quando ela relaxou em seus braços e lhe permitiu dirigir seu movimento, sentiu como um presente.

Usando um baço, guiou sua perna ao redor de sua cintura. Ela captou sua intenção e a outra se envolveu ao redor dele também. No momento em que lançou seu pênis em sua vagina e sondou-a, suas mãos ficaram tensas sobre suas costas. Devagar empurrou-os até a superfície, permitindo que seu corpo deslizesse para baixo até sua boceta envolve-lo.

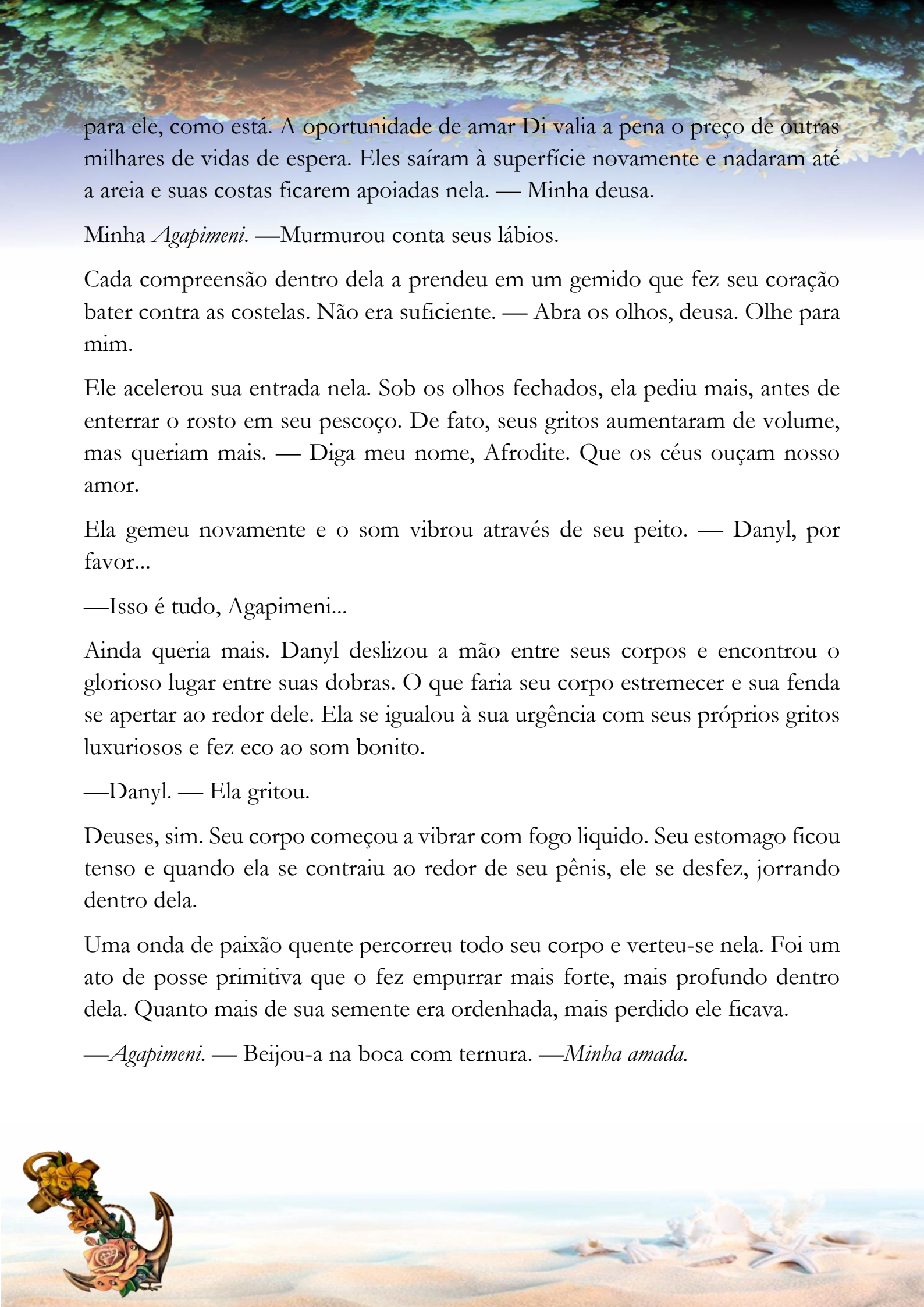
—De onde veio isto? — A risada surpresa dela amplificou-se no ar no momento que ficou sem respiração. Suas mãos agarraram seu traseiro redondo e a puxou mais para ele. Sua risada se transformou em um gemido.

—Sinta. — Gemeu quando sua mão agarrou a base de seu pau ainda em suas paredes suaves. Balançou-se para frente e empurrou mais dele em seu interior. Ainda assim, a mão bombeava a base de seu pênis, a sensação percorrendo-o e deixando tonto. — Uma funda recobre meu órgão, até que esteja pronto para usá-lo. Segure a respiração.

A água os engoliu tão logo ela concordou. Rodeado pela água fria, ele começou a lhe fazer amor. Mas tudo em que Danyl podia se concentrar era estar enterrado no calor de Di. Cada vez que saía, o oceano acariciava seu pênis e o fazia encontrar seu centro novamente. Ele queria olhar fixamente este momento, observando a ondulação do êxtase em sua expressão.

Duas vezes mais voltaram a superfície, apenas para mergulhar um ou dois minutos mais tarde. Durante toda sua vida esperou amar uma mulher criada





para ele, como está. A oportunidade de amar Di valia a pena o preço de outras milhares de vidas de espera. Eles saíram à superfície novamente e nadaram até a areia e suas costas ficarem apoiadas nela. — Minha deusa.

Minha *Agapimeni*. —Murmurou conta seus lábios.

Cada compreensão dentro dela a prendeu em um gemido que fez seu coração bater contra as costelas. Não era suficiente. — Abra os olhos, deusa. Olhe para mim.

Ele acelerou sua entrada nela. Sob os olhos fechados, ela pediu mais, antes de enterrar o rosto em seu pescoço. De fato, seus gritos aumentaram de volume, mas queriam mais. — Diga meu nome, Afrodite. Que os céus ouçam nosso amor.

Ela gemeu novamente e o som vibrou através de seu peito. — Danyl, por favor...

—Isso é tudo, Agapimeni...

Ainda queria mais. Danyl deslizou a mão entre seus corpos e encontrou o glorioso lugar entre suas dobras. O que faria seu corpo estremecer e sua fenda se apertar ao redor dele. Ela se igualou à sua urgência com seus próprios gritos luxuriosos e fez eco ao som bonito.

—Danyl. — Ela gritou.

Deuses, sim. Seu corpo começou a vibrar com fogo líquido. Seu estômago ficou tenso e quando ela se contraiu ao redor de seu pênis, ele se desfez, jorrando dentro dela.

Uma onda de paixão quente percorreu todo seu corpo e verteu-se nela. Foi um ato de posse primitiva que o fez empurrar mais forte, mais profundo dentro dela. Quanto mais de sua semente era ordenhada, mais perdido ele ficava.

—*Agapimeni*. — Beijou-a na boca com ternura. —*Minha amada*.



Ficaram de mãos dadas enquanto o barco se aproximava várias horas mais tarde. Queria olhar para Danyl para se assegurar, mas manteve o olhar no barqueiro. Ele, no entanto, deu-lhe um suave aperto. Orgulhosa de estar ao seu lado, ela endireitou os ombros e esperou.

Quase não conseguiu sufocar um estremecimento de repulsa quando o barco finalmente parou. Caronte, o barqueiro, ficou de pé, uma figura de pesadelo que nunca poderia ter imaginado. Ocos, olhos sem alma olhavam para diante em um rosto marcado. Se percebeu que estavam ali, não podia dizer. Sua barba descuidada não viu sabonete em sua vida, apostava. O mante rasgado marrom avermelhado que usava não estava melhor.

Segurava em uma mão o poste par dirigir o barco e abriu a outra mão esquelética para eles. Danyl deslizou o óbolo em sua mão enquanto subia a bordo. O barco permanecer imóvel, independente da mudança de peso. Deu um passo ao seu lado, mas franziu o cenho quando Caronte estendeu a mão para ela.

Este era seu castigo. O que mais queria? — Danyl?

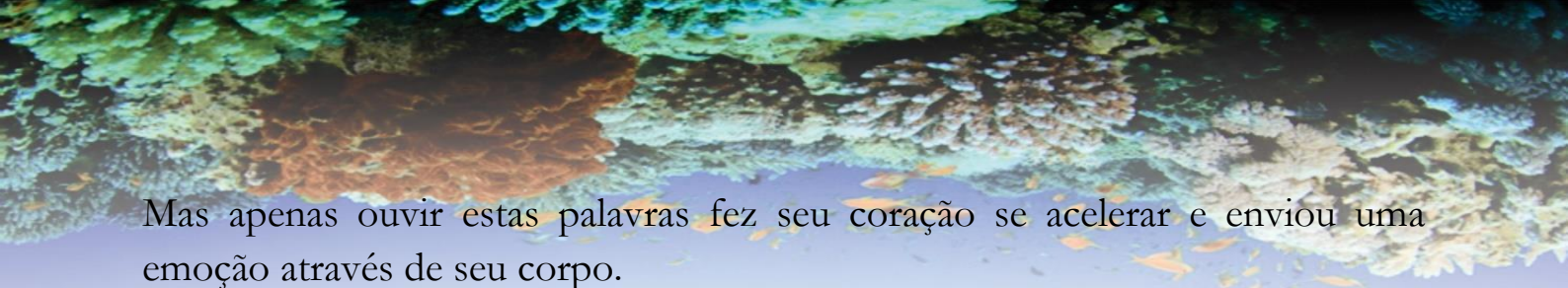
Sua mandíbula ficou tensa. — Temia isto. — Moveu-se entre Di e o barqueiro.

—Caronte, sou Danyl, filho de Ancelin e Simeone. Estou levando minha companheira à casa de meu pai para abençoar nossa união. Ela e eu somos uma só alma e exijo passagem para os dois. Você foi pago adequadamente neste sentido.

Por um momento, ela pensava que não fosse aceitar. Os dedos do barqueiro se fecharam ao redor da moeda, no entanto, ele retirou a mão. Ao parecer, resolveu o assunto.

Exceto este negócio sobre serem companheiros. Olhou para Danyl, um homem que reclamou seu coração no pouco tempo que o conhecia. De verdade acreditava que eram companheiros? Por outra parte, mentiu sobre seu propósito a Caronte sobre visitar seu pai, assim era possível que houvesse mentido sobre serem companheiros.





Mas apenas ouvir estas palavras fez seu coração se acelerar e enviou uma emoção através de seu corpo.

Seria prudente se apegar a esta ideia, sem importar o quanto custasse?

Ela o olhou no rosto e sabia a resposta com incrível certeza. Neste curto tempo, apesar da impossibilidade de um laço tão repentino, ele ocupava seu coração.

Danyl a abraçou e ficaram pressionados durante a viagem. Ela aspirou o aroma masculino, levemente salgado dele e o deixou acalmar seus nervos agitados. A alegria sumiu quando o barco parou contra a areia. Pode ter levado horas para Caronte chegar a eles, mas conseguiu ser rápido ao se aproximar dos deuses, levando meros minutos.

—Di, por favor, fique aqui. Por favor. — A voz exasperada de Danyl seria normalmente um motivo de preocupação, mas maldição, ela não o deixaria fora da vista.

Ignorando sua declaração final, dirigiu-se para o complexo diante deles. Soltou outro suspiro de frustração e moveu-se ao seu lado. Passaram junto a uma enorme caverna e ainda que a tentação de olhar para dentro fosse grande, ela passou de lado. Sua pele se arrepiou e sentia como se quisesse sair de seus ossos.

—Quando estivermos dentro, saberá que estou aqui. Pode ir tudo bem ou não. Em qualquer caso, por favor Di, não fique entre nós dois.

—Sabe, não é muito tarde para mudar de ideia. Dois erros não fazem um acerto. Fazer isto não trará sua mãe de volta.

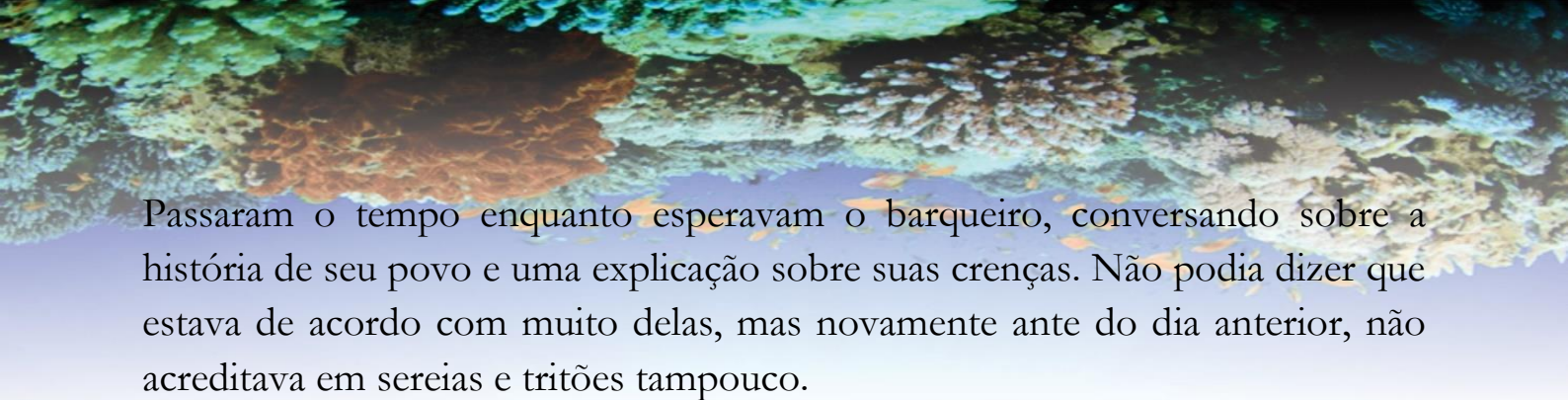
—Fiz uma promessa.

—E não pensarei menos de você se romper esta promessa.

Colocou uma mão sobre seu braço, girando para enfrenta-lo. — Não seria capaz de viver comigo mesmo, se pelo menos não tentar mantê-la.

Ela observou seu rosto, tentando entender. Tinha que haver outra forma de sair disso. Os seus deuses não tinham que enfrentar algum tipo de tribunal ou algo por seus crimes atrozes?





Passaram o tempo enquanto esperavam o barqueiro, conversando sobre a história de seu povo e uma explicação sobre suas crenças. Não podia dizer que estava de acordo com muito delas, mas novamente ante do dia anterior, não acreditava em sereias e tritões tampouco.

Era curioso como vinte e quatro horas podia mudar seu mundo.

Di tocou o rosto com um gesto melancólico. — Aconteça o que for Danyl. Estou aqui.

—Seu poder é muito limitado dentro das paredes de sua casa. — Sua declaração poderia ser uma lembrança a si mesmo. — É provavelmente a única vantagem que terei. Isto é o fato de não me esperar.

—As disputas entre os deuses, verdade? — Ela sabia o suficiente sobre lutas internas entre os seres oniscientes. Se os deuses podiam manipular os elementos e seus seguidores com um simples pensamento, imagine se usarem suas habilidades um no outro.

Nunca haveria paz.

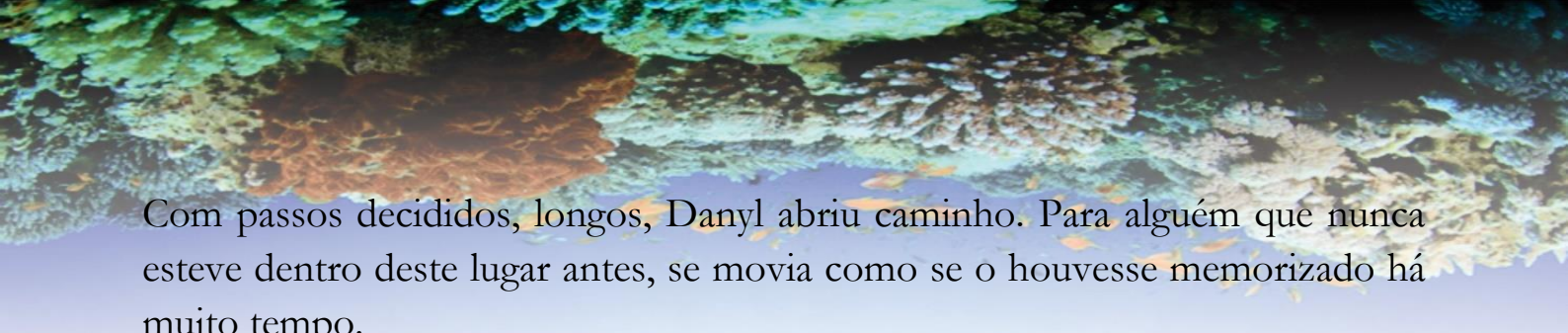
—Sim.

—Pode fazê-lo.

Ele concordou com um gesto tenso da cabeça e os levou dentro da porta ampla. Não podia dizer o que esperava encontrar além das paredes altas, mas o interior não a decepcionou. Mármore caro se alinhava nos pisos e paredes, mas além de todo este luxo, nada no lugar gritava opulência. Este era o lugar onde os deuses faziam sua morada?

Havia escassez de moveis. Não havia adornos ou bustos dos habitantes a vista. De fato, não entraram ninguém enquanto caminhavam pelo lugar. Os ecos de seus movimentos eram os únicos sons. Ela esperava coro de vozes ricas flutuarem abaixo desde acima. Aromas exóticos brincando com seus sentidos. Em seu lugar, a casa parecia mais estéril que uma sala de hospital e tão tentadora quanto.





Com passos decididos, longos, Danyl abriu caminho. Para alguém que nunca esteve dentro deste lugar antes, se movia como se o houvesse memorizado há muito tempo.

Em pouco tempo, entraram em um longo corredor adornado com portas de ouro. Nenhum parecia diferente dos outros, mas não impediu Danyl. Parou de frente a um deles, mas voltou a lançar-lhe um último olhar suplicante. Di olhou em seus olhos endurecendo os seus próprios.

Girou a maçaneta e abriu a porta. Entraram, com Danyl à frente. Parou depois de apenas alguns passos e Di moveu-se ao seu lado para ver o que chamou sua atenção.

O homem de pé perto de uma janela virou-se para eles e Di ficou sem fôlego. Danyl era a viva imagem de seu pai. A mesma imagem. Se alguma vez se perguntou como poderia ser em mais ou menos trinta anos, já não teria que adivinhar. Pode que nunca tenham se conhecido antes de agora, mas apenas um cego pediria uma confirmação por DNA.

—Pai. —Grunhiu Danyl ao seu lado.





Capítulo Nove

Malevolência pura se verteu dos olhos de Ancelin. Seu lábio superior se curvou em uma careta enquanto observava seu filho. — Danyl, filho de Simeone. Você é a última pessoa que esperava ver diante de mim.

—Esta não é uma visita social Ancelin. — Danyl pareceu se esquecer que estava com ele. Seu foco estava totalmente no homem que era responsável pela morte de sua mãe. O último vestígio de esperança de que isto poderia terminar amigavelmente evaporou no ar carregado de emoção.

O olhar de Ancelin se desviou para ela. — E quem temos aqui? —Inclinou-se para trás com horror.

—Um humano?

Danyl ficou diante dela, bloqueando sua visão. —Não é digno de olhar minha companheira.

Nunca antes pensou que uma risada poderia conter tanto veneno. Ancelin verdadeiramente desprezava seu filho e não se importava em mostrar.

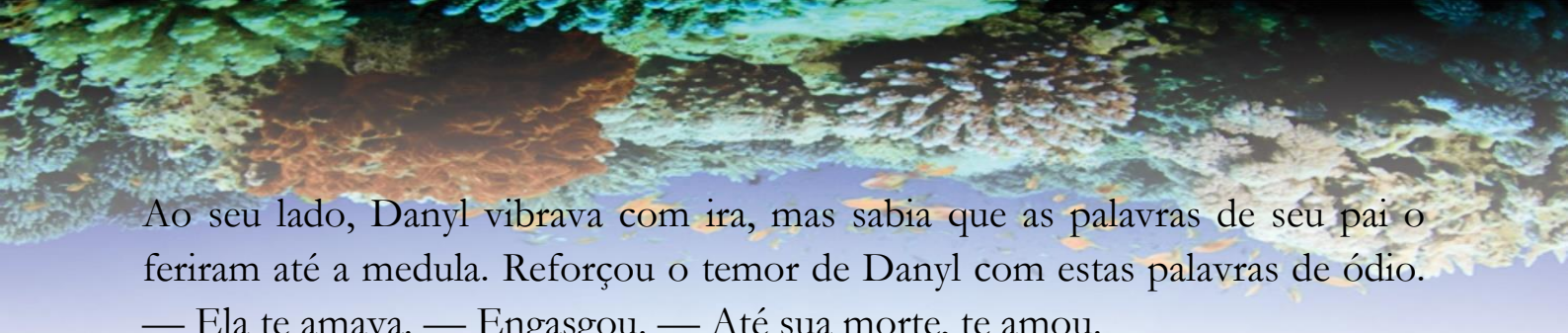
—Sua companheira? — Murmurou entre risadas zombeteiras. — Quem se atreveria a se acasalar com você, uma abominação? — Admiro muito esta mulher.

Abominação? Oh merda, não.

Com um puxão, tirou a mão de Danyl e ficou de frente a ele para enfrentar seu pai. — Foda-se imbecil. Não merece ter um filho como Danyl.

—Filho? — Gritou, fazendo saliva voar. — Sua mãe foi contra meus desejos quando o deixou nascer. Nunca o afirmei como meu. Ele é um produto de uma transa rápida, pouco satisfatória. Nada mais.





Ao seu lado, Danyl vibrava com ira, mas sabia que as palavras de seu pai o feriram até a medula. Reforçou o temor de Danyl com estas palavras de ódio. — Ela te amava. — Engasgou. — Até sua morte, te amou.

Ancelin lançou um olhar de tédio para Danyl. Respirou fundo, acomodando-se contra o derramamento de ira que mostrou há uns segundos. —Transamos algumas vezes. Não havia amor ali.

—Não fale assim Ancelin. Pelo amor dos deuses, diga-me que a amou, pelo menos um pouco.

O coração de Di se rompeu ao ouvir esta conversa. Mesmo Ancelin mostrando sua animosidade para com ele, sua voz estrangulada e dificuldade para respirar desmentia quão profundamente estas palavras o cortaram. Um olhar nas sombras no rosto de Danyl, os olhos vermelhos, a apunhalou como uma faca.

—Diga-me. — Continuou. —Diga-me que quando a matou, se arrependeu mesmo que um pouco.

Ancelin juntou os dedos antes de descansá-los em seus lábios. Um longo momento de silencio passou enquanto ele observava o tritão. Ele exalou com força. — Assim, é por isso que está aqui? Acha que matei sua mãe?

—Sei que o fez.

Ancelin se adiantou dois passos. Seus olhos se estreitaram. — E se o fiz? O que acontece?

O tempo parou então. O ritmo trovejante de seu coração era o único som que conhecia.

Sua mente desacelerou, suas ações não rápidas o suficiente. Ela sabia o que aconteceria a continuação e tinha a sensação de que Ancelin também.

Danyl foi adiante.

A cabeça de Ancelin se moveu quando o punho de Danyl chocou contra ele. Não guardou nada enquanto golpeava a cabeça e o peito de seu pai, ventilando





toda sua ira contra ele. —Bastardo. — Grunhiu entre respirações e golpes. — Ela te amava... te amava!

Para não ser menos, Ancelin levantou os punhos e devolveu ao filho.

Danyl conseguiu esquivar, mas parou um golpe nas costelas de Ancelin por trás. —Você meu filho... — Um forte ranger ecoou quando Ancelin se virou e deu outro soco no osso. — É o bastardo.

Danyl gritou e se dobrou. Colocou o braço sobre a cabeça, tentando bloquear o seguinte golpe, mas estava claro que estava na defensiva. Ancelin deu chutes e um ranger repugnante e jatos de sangue indicaram que o nariz de Daryl se quebrou.

Não havia como ela ficar ali e não fazer nada. Di foi adiante e deixou seu pé subir. Ela acertou Ancelin no centro de suas bolas e ouviu alegre seu grito enfurecido.

Girando sobre seus pés, deixou Danyl cair de lado enquanto seu pai se recuperava. Estupido.

Ela deveria ter permanecido sobre ele e pisado nas joias da família até que desmaiasse.

Em seu lugar, tinha que se concentrar em Danyl. Este não era um combate justo e perderia se insistisse em voltar a golpear.

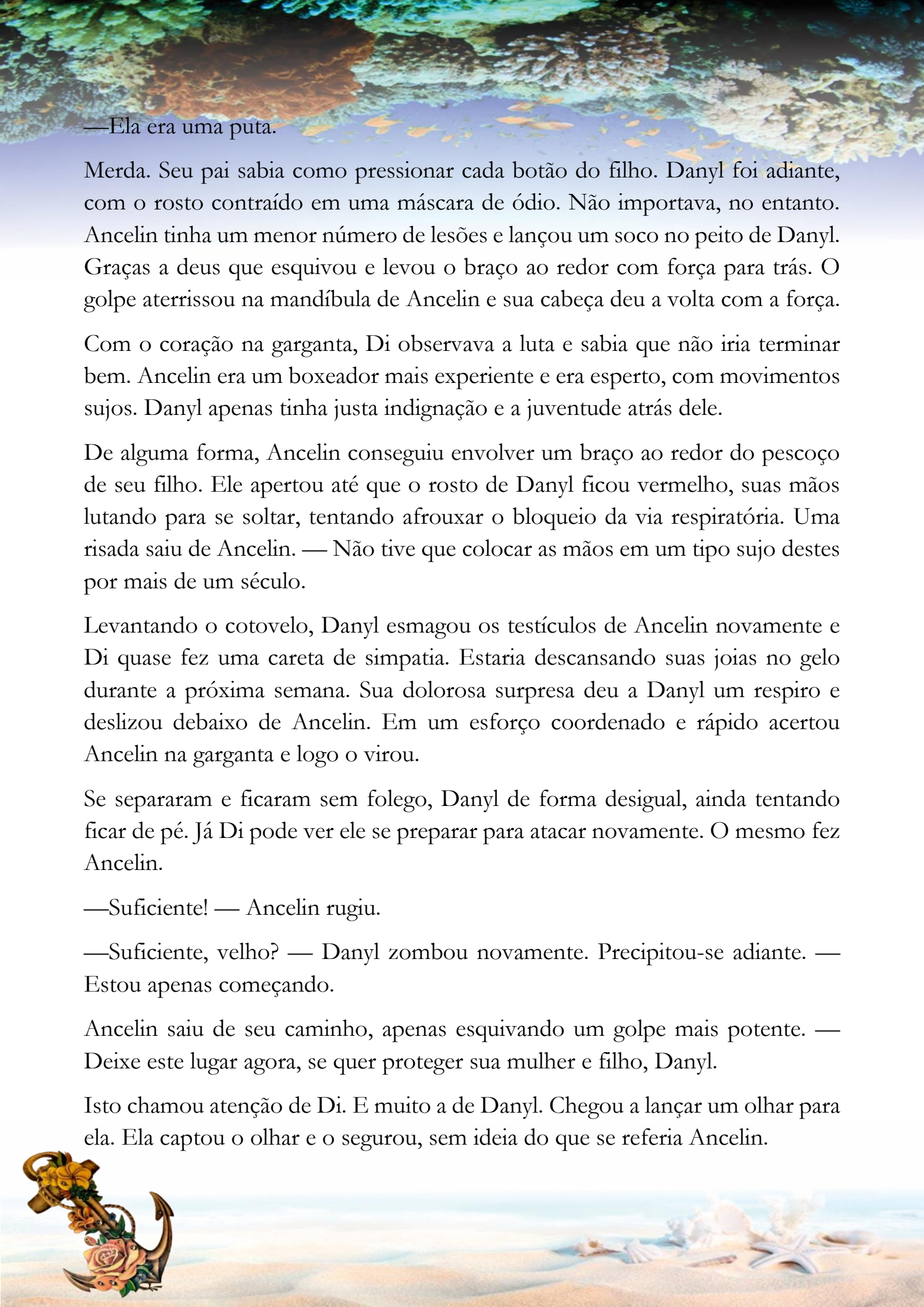
—Vamos baby, temos que ir. Não pode ganhar isto. — Ela se colocou sob o braço dele, tentando assumir parte de seu peso. Ele a afastou com esforço.

—Posso e o farei. — Disse com voz rouca. Ao virar a cabeça de lado, cuspiu sangue. Hesitando, fico de pé. —Pai!

Ancelin o olhava do chão, com o peito agitado enquanto recuperava o folego. Com os olhos selvagens, ficou de pé, olhando entre eles. Esfregou os testículos de uma forma muito lasciva. —Sua companheira foi bem escolhida, Danyl.

—Simeone era uma boa mulher também e merecia algo melhor.





—Ela era uma puta.

Merda. Seu pai sabia como pressionar cada botão do filho. Danyl foi adiante, com o rosto contraído em uma máscara de ódio. Não importava, no entanto. Ancelin tinha um menor número de lesões e lançou um soco no peito de Danyl. Graças a deus que esquivou e levou o braço ao redor com força para trás. O golpe aterrissou na mandíbula de Ancelin e sua cabeça deu a volta com a força.

Com o coração na garganta, Di observava a luta e sabia que não iria terminar bem. Ancelin era um boxeador mais experiente e era esperto, com movimentos sujos. Danyl apenas tinha justa indignação e a juventude atrás dele.

De alguma forma, Ancelin conseguiu envolver um braço ao redor do pescoço de seu filho. Ele apertou até que o rosto de Danyl ficou vermelho, suas mãos lutando para se soltar, tentando afrouxar o bloqueio da via respiratória. Uma risada saiu de Ancelin. — Não tive que colocar as mãos em um tipo sujo destes por mais de um século.

Levantando o cotovelo, Danyl esmagou os testículos de Ancelin novamente e Di quase fez uma careta de simpatia. Estaria descansando suas joias no gelo durante a próxima semana. Sua dolorosa surpresa deu a Danyl um respiro e deslizou debaixo de Ancelin. Em um esforço coordenado e rápido acertou Ancelin na garganta e logo o virou.

Se separaram e ficaram sem folego, Danyl de forma desigual, ainda tentando ficar de pé. Já Di pode ver ele se preparar para atacar novamente. O mesmo fez Ancelin.

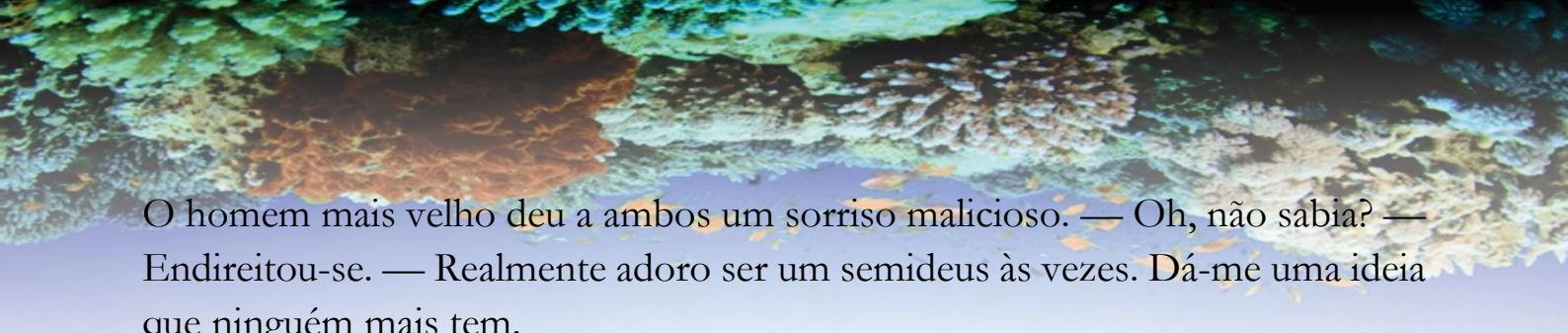
—Suficiente! — Ancelin rugiu.

—Suficiente, velho? — Danyl zombou novamente. Precipitou-se adiante. — Estou apenas começando.

Ancelin saiu de seu caminho, apenas esquivando um golpe mais potente. — Deixe este lugar agora, se quer proteger sua mulher e filho, Danyl.

Isto chamou atenção de Di. E muito a de Danyl. Chegou a lançar um olhar para ela. Ela captou o olhar e o segurou, sem ideia do que se referia Ancelin.





O homem mais velho deu a ambos um sorriso malicioso. — Oh, não sabia? — Endireitou-se. — Realmente adoro ser um semideus às vezes. Dá-me uma ideia que ninguém mais tem.

As mãos de Danyl se fecharam em punho aos lados. — O que está dizendo?

Ancelin usou o dorso da mão para limpar o suor caindo nos olhos.

Imagine. Os deuses suavam.

Uma cadeira se materializou do nada e Di deu um passo atrás. Assim que este era o segredo deste lugar. Os residentes podiam chamar as coisas a existência a seus caprichos. Deixou-se cair na cadeira, como se a vida lhe pesasse.

— Sua semente fincou raízes. Uma nova geração de bastardos está crescendo no ventre de sua companheira. Posso sentir sua pequena vida aqui.

A mão de Di voou ao estomago, ao mesmo tempo que Danyl respirava ofegante. Podia estar realmente grávida de seu filho? A expressão de horror em seu rosto não a encheu de felicidade. Ele negou com a cabeça lado a lado. — Não... deuses, nunca a teria trazido aqui se soubesse. Oh deuses...

— Sua vida em troca da sua, garoto. — Ancelin zombou.

— Sim.

— Não!

Seus gritos simultâneos chocaram um com o outro. — Danyl, isto é uma loucura. Ele não quer ter nada a ver com você. Nada. Porque iria fazer ameaças contra nós agora?

— Não é um risco que estou disposto a correr. — Seus olhos prateados suavizaram, com os ombros caídos em admissão. — Este é um presente precioso e te agradeço, deusa. Por favor... cuide do nosso filho.

De onde estava sentado, Ancelin os observava com uma expressão divertida no rosto. — Ajoelhe-se diante de mim.





A bÍlis queimava na garganta ao ver seu amor caminhar até o pai e cair sobre um joelho e depois o outro. Com sua cabeça baixa, mas em um ângulo que pudesse manter um olho nela. Ancelin se levantou e se elevou sobre ele. Uma lamina curva se materializou em sua mão. Imediatamente sua nuca se arrepiou.

A rendição de Danyl não fazia absolutamente nenhum sentido, mas a expressão em seu rosto dizia que estava decidido. Por outra parte, ela também.

Di se precipitou adiante e agarrou a cadeira ainda atrás de Ancelin. Balançando com todas suas forças, apontou para as costas de Ancelin. Antecipou a jogada e levou o antebraço para cima, girando seu corpo para desviar. A cadeira pulou sem causar dano nele, mas o fez perder o equilíbrio. Seu pé deslizou sobre o piso de mármore enquanto abria passo para trás e ela caiu, com a cadeira sobre ela.

—Afrodite!

Ancelin se virou para seu filho e apontou. — Mova-se e ela morre!

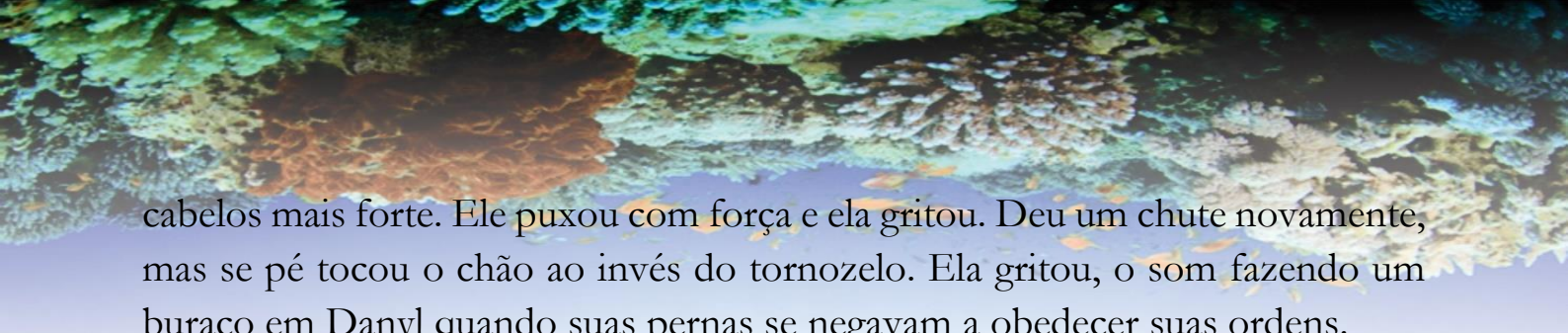
Ele fechou os punhos contra o chão em sinal de frustração e observou seu pai se aproximar de sua companheira caída. —Pare pai! — Gritou. Levantou-se nos joelhos e inclinou a cabeça para trás, deixando descoberto o pescoço sem obstáculos. — Olhe, aqui estou. Venha por mim.

Se Ancelin ouviu, não se importou, não sabia dizer. Mas então seu pai voltou seu olhar escuro para Danyl, pura maldade lhe devolveu o olhar. — Irei para você logo. —Respondeu enquanto pegava Di pelo cabelo. — Assim que arrancar essa coisa do ventre dela. Você, garoto viverá para ver.

Uma dor pontuda marcava o bÍceps de Danyl ao mesmo tempo em que ficava de pé. Ele a ignorou e se lançou para Ancelin e Di. Pela primeira vez, sentiu como se suas pernas já não apoiassem seu peso. Estavam tão fracas como algas no mar enquanto tentava chegar a ela antes que seu pai a machucasse.

Os olhos verdes de Di estavam muito abertos pelo medo. Deu um chute com seus pés, tentando escapar de Ancelin, mas seus dedos se fecharam em seus





cabelos mais forte. Ele puxou com força e ela gritou. Deu um chute novamente, mas se pé tocou o chão ao invés do tornozelo. Ela gritou, o som fazendo um buraco em Danyl quando suas pernas se negavam a obedecer suas ordens.

Deuses, por favor. O que for necessário, por favor, não deixe que ele a machuque.

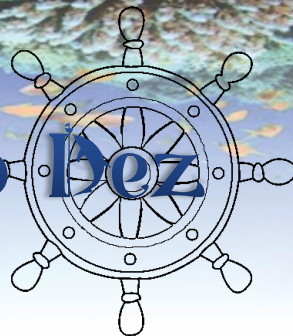
Ela golpeava a lamina curva, pelos braços corriam linhas finas de sangue por seus esforços de tentar se manter afastada. Danyl sabia que estava apenas a dois metros de distância dos dois, mas em sua mente, bem que poderia ser duzentos metros. Ele não chegaria a tempo.

Ancelin lançou seu braço para trás e o deixou cair em um amplo arco. Horrorizado, os olhos de Danyl se encheram de lágrimas quando a lamina entrou em seu ventre. Suas pernas – pernas colapsadas – humanas sob ele eram incapazes de segurar seu peso. Inclinou-se para frente, a força de seus braços apenas o mantinha elevado enquanto observava o sangue no centro do traje prata.

Afrodite gritou.



Capítulo Dez



Ancelin foi para trás, quando a lamina entrou em seu corpo. Ele balançou para a apunhalar novamente. As mãos de Di voaram para frente para proteger seu estomago, mas já era muito tarde.

Com a adrenalina bombeando, Danyl encontrou sua força, se lançou para seu pai e chocou contra ele. Porra, não iria deixar o bastardo fazer isto com ela novamente.

A lamina caiu no chão e deslizou fora de seu alcance. Um rastro do sangue de Di manchava o chão. Pelo canto do olho, podia ver que ela estava em posição fetal, os braços ao redor da cintura. Suas pernas se moviam contra o ar seco, como se tentasse evitar a dor em seu peito.

Danyl golpeou com seu cotovelo a garganta de seu pai, esperando o osso se quebrar no processo, atingindo-o também no nariz e segurando com força a garganta de Ancelin sufocando-o.

Pensando rapidamente, Danyl moveu até a lamina caída e a recuperou. Ajoelhou-se sobre seu pai, a ira fervendo em seu sangue. Ele apertou os dedos ao redor e se preparou para livrar o mundo de uma praga.

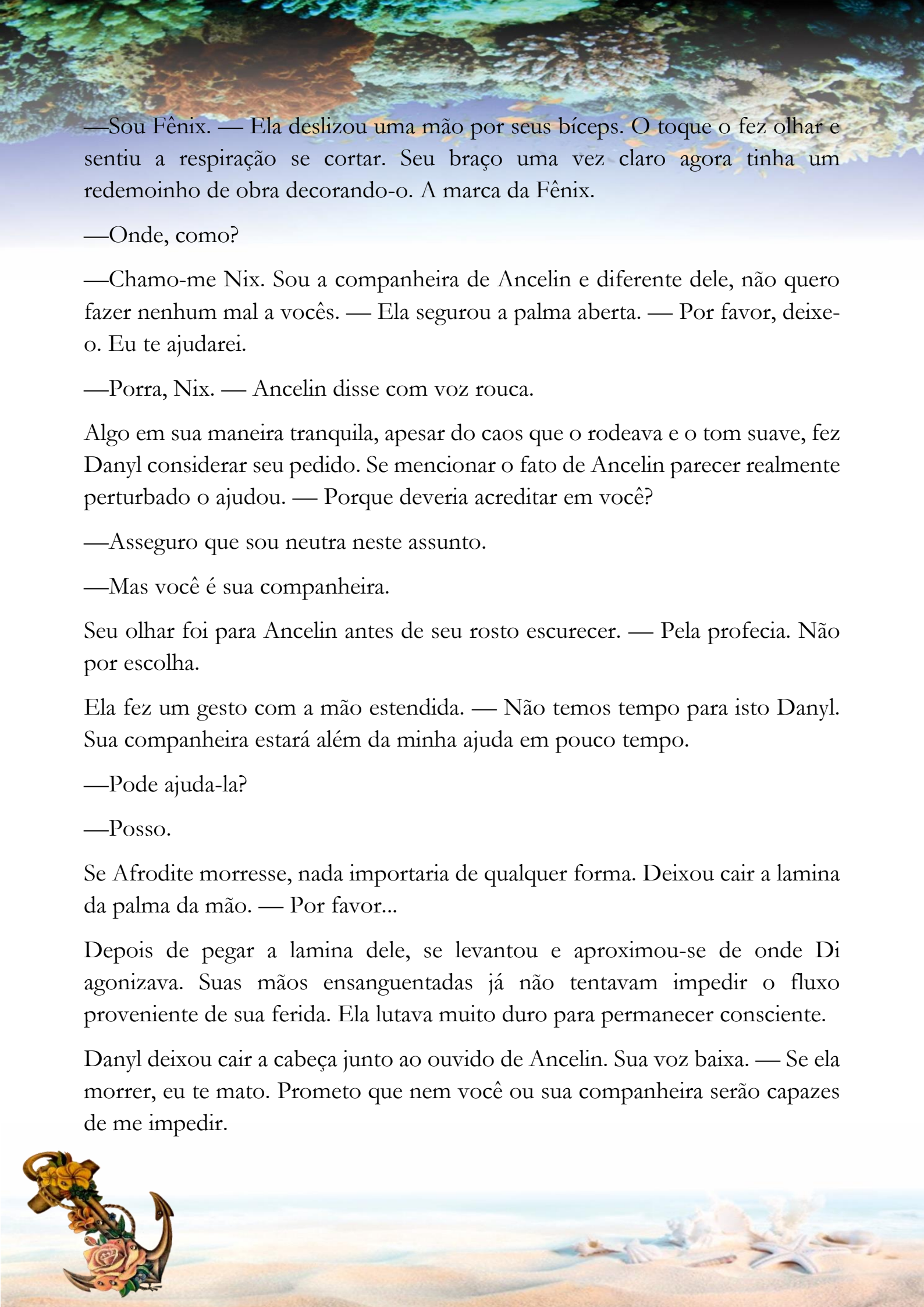
—Espere Danyl. Precisamos dele vivo.

Frias mãos foram ao redor de seus pulsos e ainda que não fossem fortes o suficiente para impedi-lo, as palavras da mulher desconhecida lhe uma razão para parar uma fração de segundo. Sua voz era suave e rouca. Olhou para cima para ficar momentaneamente cativado pelas profundidades dos expressivos olhos turquesa. O cabelo vermelho emoldurava seu rosto bonito.

—Para salvar sua companheira, precisa dele com vida. — Repetiu.

—Quem é você? — Grunhiu. Levou seu olhar ao seu objetivo, disposto a cortar sua garganta sem outra hesitação.





—Sou Fênix. — Ela deslizou uma mão por seus bíceps. O toque o fez olhar e sentiu a respiração se cortar. Seu braço uma vez claro agora tinha um redemoinho de obra decorando-o. A marca da Fênix.

—Onde, como?

—Chamo-me Nix. Sou a companheira de Ancelin e diferente dele, não quero fazer nenhum mal a vocês. — Ela segurou a palma aberta. — Por favor, deixe-o. Eu te ajudarei.

—Porra, Nix. — Ancelin disse com voz rouca.

Algo em sua maneira tranquila, apesar do caos que o rodeava e o tom suave, fez Danyl considerar seu pedido. Se mencionar o fato de Ancelin parecer realmente perturbado o ajudou. — Porque deveria acreditar em você?

—Asseguro que sou neutra neste assunto.

—Mas você é sua companheira.

Seu olhar foi para Ancelin antes de seu rosto escurecer. — Pela profecia. Não por escolha.

Ela fez um gesto com a mão estendida. — Não temos tempo para isto Danyl. Sua companheira estará além da minha ajuda em pouco tempo.

—Pode ajuda-la?

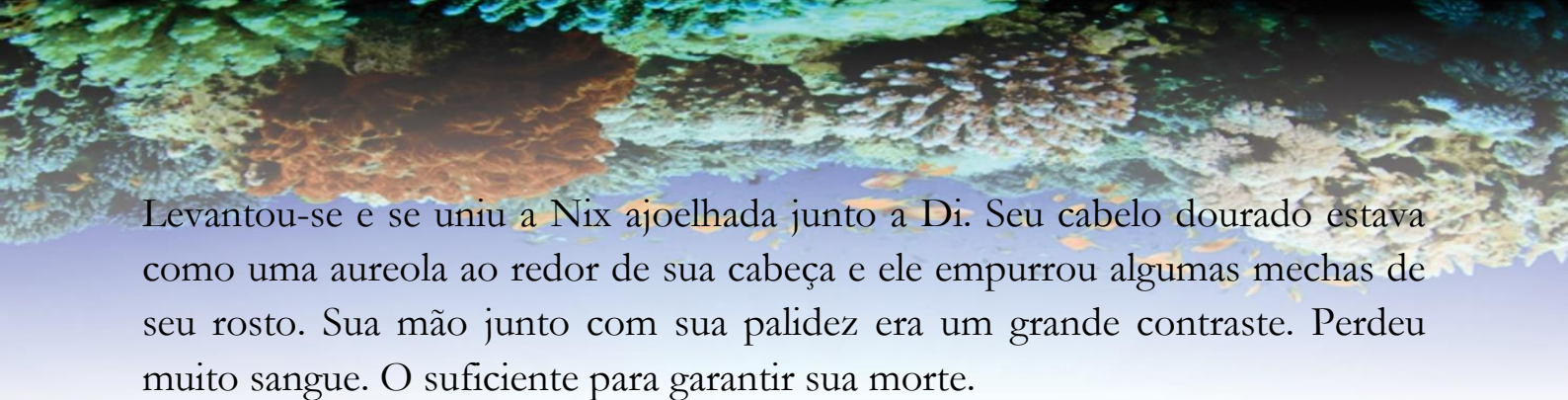
—Posso.

Se Afrodite morresse, nada importaria de qualquer forma. Deixou cair a lamina da palma da mão. — Por favor...

Depois de pegar a lamina dele, se levantou e aproximou-se de onde Di agonizava. Suas mãos ensanguentadas já não tentavam impedir o fluxo proveniente de sua ferida. Ela lutava muito duro para permanecer consciente.

Danyl deixou cair a cabeça junto ao ouvido de Ancelin. Sua voz baixa. — Se ela morrer, eu te mato. Prometo que nem você ou sua companheira serão capazes de me impedir.





Levantou-se e se uniu a Nix ajoelhada junto a Di. Seu cabelo dourado estava como uma aureola ao redor de sua cabeça e ele empurrou algumas mechas de seu rosto. Sua mão junto com sua palidez era um grande contraste. Perdeu muito sangue. O suficiente para garantir sua morte.

Os olhos de Nix se encheram de lágrimas enquanto olhava. Ela ficou de joelhos e se inclinou sobre Di.

Seus dedos longos e cônicos pousaram no lábio inferior de Di e suavemente abriu sua boca. Nix piscou duas vezes e uma grande lágrima rodou por sua bochecha e caiu na boca de Di.

—Fique bem, filha do homem. — Sussurrou Nix.

Seu peito doía. Observava impotente, com esperança, o folego que Nix estendia a Di. Não foi até que sentiu uma pontada no peito que Danyl se lembrou de respirar. Mas com cada folego que tomava, a subida e caída em seu peito parecia diminuir.

Levantou-se bruscamente. — Fênix?

—Shh... paciência...

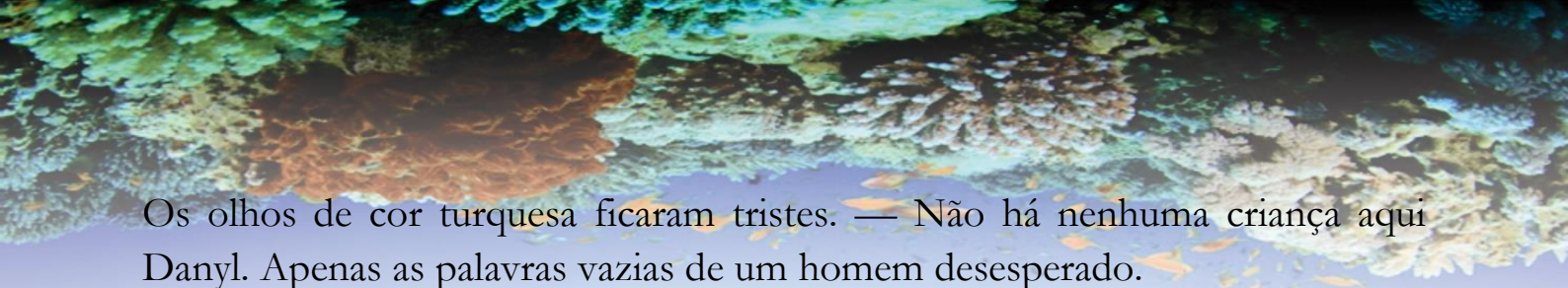
Passou-se uma eternidade. Quando quase perdeu a esperança, depois de estar resignado apegar a lamina de Nix e acabar com o trabalho que começou, Di piscou duas vezes. Seus olhos se abriram todo o caminho e ela deu um sorriso mais doce que já viu em sua vida.

O nó em sua garganta passou para seu peito, bloqueando sua voz. Medo pela fragilidade de seu estado, o beijo que plantou em seus lábios era terno. Uma promessa de mais por vir.

Ela tentou se incorporar, mas ele apoiou sua mão no ombro, segurando-a suavemente para baixo.

Olhou para Nix. — A criança. — Disse com voz rouca. Não podia suportar a ideia de fazer a pergunta real, mas precisava saber se seu filho sobreviveu a prova. —Disse que estava grávida.





Os olhos de cor turquesa ficaram tristes. — Não há nenhuma criança aqui Danyl. Apenas as palavras vazias de um homem desesperado.

Seu coração acelerou, mas engoliu a decepção. Afrodite sobreviveu e era tudo o que importava. Somente por isto, eles teriam a vida toda pela frente para ter filhos.

—E ele? — Perguntou.

Nix olhou para seu companheiro. — Ele pode garantir uma volta segura para casa para sua mulher. Ela nunca teria deixado este lugar sem ele.

Di passou a mão de lado e se sentou. Danyl esboçou satisfação por sua teimosia. Já sentia melhor.

—Porque não?

—Quando passou pela entrada do submundo, se sentiu incomoda? —Ela continuou quando Di franziu o cenho e concordou. — Não podia vê-lo, mas a sentia Cérbero, o cão de três cabeças que dorme na entrada que serve também como saída.

O sangue abandonou o rosto de Danyl. — Oh deuses... não parei para considerar...

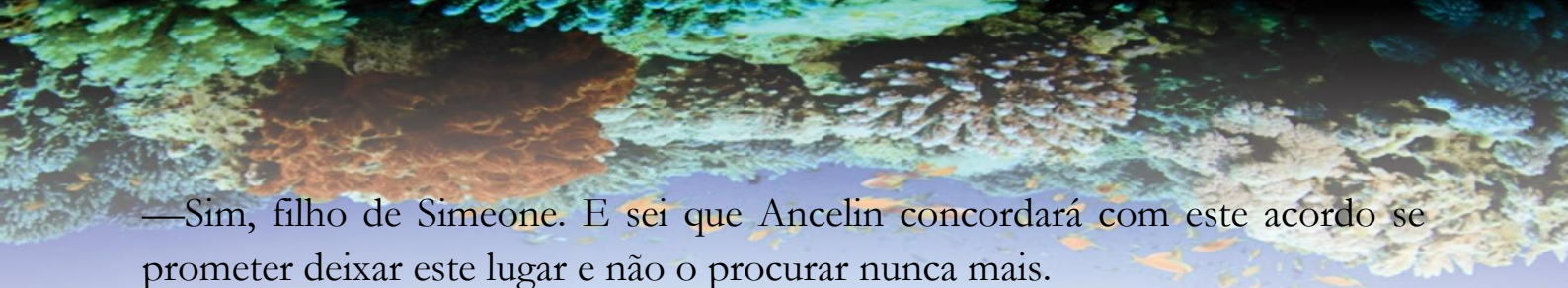
Di olhava entre os dois. — Não entendo. Não me incomodou quando chegamos aqui.

Danyl negou com a cabeça. — Ele não impede a entrada, deusa.

Nix terminou a explicação. — Danyl é uma criatura mitológica e tem acesso a este lugar quase sempre que se adapte a ele e quando apazigue Caronte com o pagamento. Você, querida, é mortal e possuiu uma alma. Cérbero a teria mantido aqui porque as almas que entram no submundo não podem sair. — Olhou para Ancelin que estava apoiado em posição vertical agora. — Não sem a ajuda de um dos deuses... ou semideuses que residem aqui.

O rosto de Danyl se apertou. —Este era seu preço, verdade? Minha vida pela dela?





—Sim, filho de Simeone. E sei que Ancelin concordará com este acordo se prometer deixar este lugar e não o procurar nunca mais.

Assim, tinha uma opção. Ainda podia matar seu pai e ficar à mercê de alguém no submundo para ter compaixão deles e permitir que sua companheira saísse. Com isso acabaria com a vingança da morte de sua mãe como prometeu. Mas como conhecia a reputação dos deuses egoístas do submundo, era provável que Di passasse a maldita eternidade ali.

Ou bem, poderia aceitar o acordo da companheira de seu pai de levar Di em segurança para casa – a mulher que amava e com quem queria passar o resto de sua vida.

Não era uma opção em absoluto.

—Ainda me deve uma moeda, Danyl. De fato, ainda gostaria de saber como planejava devolvê-la para mim depois de entrega-la a Caronte.

Estavam deitados na praia, deixando que as ondas fizessem cocegas em seus pés. Di se aconchegou sob seu ombro, o braço em sua cintura. Nix curou ambos de suas feridas antes de saírem como um último espetáculo de fé. Agora, o sol da manhã ainda não havia se levantado, mas o novo dia celebrava uma promessa. Podiam desfrutar deste momento privado uns minutos mais.

Com frequência pensava nas palavras de despedida de Nix quando saíram do submundo. —Tem um coração Danyl, filho de Ancelin e Simeone. Vingou a morte de sua mãe. Não por seu lado, mas por outro. Conseguiu.

—O que significa isso?

—Eu te dei minha moeda, meu futuro. Lembra-se?

A experiência perto da morte de Di era uma pressão em peito como um peso agora. Não sabia se poderia sobreviver a outro evento parecido. — Você é meu futuro, deusa. — Disse em voz baixa.

Ela levantou a cabeça e o olhou. — E você é o meu, companheiro.



Companheiro. Apenas ouvir esta palavra de sua boca fazia seus pênis se contrair. Ouviria uma e outra vez. Por agora e para sempre. Ainda assim, haveria desafios. — Minha companheira, será capaz de dominar o mar quando for necessário. É minha casa. Onde nasci. Onde me criei. Temo que nem sempre serei capaz de ignorar o seu chamado.

—Danyl, claro. Eu entendo isto. Companheiro, se prometer que sempre voltará para mim, gostaria muito de compartilhar isto com você.

Inclinou-se e capturou sua boca com a dele. Olhando fixamente em seus olhos, disse. — Os próprios deuses não poderiam manter-me longe, Agapimeni. Meu amor por você rivaliza com o número de estrelas no céu, é tão infinito como os céus e flui mais profundo que o oceano. — Afastou-se dela e colocou o torso entre suas coxas. Com cuidado, levantou o fundo da calcinha negra que cobria sua vagina.

—Está tentando me distrair da pergunta original, Danyl? —Murmurou enquanto levantava o quadril da areia.

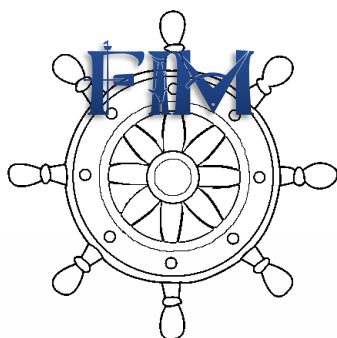
Ele inalou profundamente o cheiro deste lugar tão atraente como sempre. Sua boca encheu de água ao pensar em sentir o gosto dela. — Não esqueci deusa. Isto é algo que estou querendo fazer. Quando fizer, vou te contar uma história sobre barcos naufragados e moedas de ouro.

—Moedas de ouro?

—Mais do que se pode carregar. — Ele abaixou a cabeça e passou o nariz ao longo da união entre suas coxas.

—E me ajudará a encontrar estas moedas? — Perguntou com voz rouca.

—Cada bendita moeda. Justo depois... disto.



Lançamento Halloween 2017

